

TRAVESSIA PARA A ETERNIDADE



LÊDA SELMA

AUTORA CONVIDADA

Lêda Selma

TRAVESSIA PARA
A ETERNIDADE

Goiânia-GO
Editora Prime, 2019

Copyright © 2019 by Lêda Selma

Diagramação

Victor Marques

Revisão

Autora

Capa

Frei Nazareno Confaloni

Pintura óleo sobre tecido – 1944

Obra registrada no raisonné do artista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

S466t Selma, Lêda.
Travessia para a eternidade / Lêda Selma. – Goiânia:
Editora Prime, 2019.

164 p. (Coleção Goiânia em Prosa e Verso 2019)

ISBN: 978-85-400-3027-5

I. Literatura brasileira – Ensaios. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-4

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito da autora.

A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2019

Goiânia em Prosa e Verso

A literatura é, assim, um tipo de criatividade histórica contra o esquecimento cultural que vemos nas representações oficiais de nossa cultura. A literatura e a arte são elementos dinamizadores e provocadores das relações sociais, verdadeiros bolsões de resistência, cultural. Apresentar a literatura como fenômeno de resistência tanto social como literária e cultural, exige, de certo modo, uma atenção às relações sociais e culturais nela presentes em tensão constante.

Iniciada em 2006, a Coleção Goiânia em Prosa & Verso objetiva estimular a escrita e a leitura de obras literárias e se consolida como uma forma democrática de escrever /publicar e ler. Considera a literatura como traço fundamental de expressão coletiva que, por meio da escrita, busca a veiculação criativa de seus conteúdos culturais. Assim, a coleção *Goiânia em Prosa & Verso* favorece o acesso à publicação de autores novos, dá visibilidade à escrita fora dos ambientes acadêmicos e guetos editoriais de mercado, dando voz àqueles que desejam expressar-se culturalmente por meio literário.

Alguns autores se perguntam, pensando na pluralidade de culturas, nas relações horizontais entre os povos, mediante as hierarquias estabelecidas pelo poder que uns pretendem exercer sobre os outros: que grupo tem o direito de definir, em lugar dos outros, aquilo que deve ser significativo para eles? A publicação de autores iniciantes e já consagrados é, também, um estímulo ao aprendizado e ao encontro.

O grande escritor não é um conformista com a situação de seu tempo, pois, em prosa ou em versos, intui diálogos de um período histórico que o senso comum não percebe. O texto literário não só reage aos fatos históricos, mas propõe novas visões sobre os acontecimentos. O *Goiânia em Prosa & Verso* mostra que o olhar literário pode ser reflexivo sem deixar de ser divertido.

Kleber Adorno

Mais que Prosas e Versos

Marca registrada da mesma prefeitura que realiza os nacionalmente inéditos mutirões nos bairros da cidade, a Coleção Prosa & Verso, da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia – e seus parceiros – chega à sua 9ª edição. É, portanto, um projeto já maduro e consagrado, que fomenta a produção literária goianiense e desperta crescente interesse mundial pela sua ousadia.

Foram 1.213 títulos publicados, com a significativa média de 135 títulos lançados de uma só vez, em eventos sempre marcantes. Agora, a Coleção estabelece novo recorde de títulos simultâneos, com uma diversidade de autoria que faz dela uma ação afirmativamente democrática e legitimamente representativa do poder criativo da cidade na qual se insere.

Nesta edição, registre-se a homenagem transversal àquele que foi marco zero das artes visuais em Goiás, frei Nazareno Confaloni. No ano em que a mesma gestão pública põe fim a uma espera de 40 anos e inaugura o seu Museu em local estratégico da cidade (Estação Cultura, em 10/05/2019), ele é revivido nas capas de todas as criações literárias desta fornada com imagens das obras colhidas no seu *raisonné*, que segue em processo.

Eis aqui uma feliz convergência de talentos. Um ramalhete de luzes colhido no pulsar do nosso tempo presente. Merece o devido reconhecimento e a devida celebração.

Px Silveira

No silêncio, minha mãe, Lousinha

Nas sendas, Júnior e Cinthia

Nas travessias, José Geraldo.

Sumário

Breves andanças pelos caminhos de Hugo.....	11
Sob o Carvalho de fartos ramos o silêncio imortal de Hugo.....	15
Do encantamento ao assombro – à luz, Tropas e Boiadas	31
Trechos de algumas cartas de Hugo a seus irmãos	39
Ecos da morte de Hugo.....	41
Algumas vozes críticas	42
O anjo de Hugo: Victor de Carvalho Ramos	46
Meu momento especial	49
O fantástico em José J. Veiga e sua obra fantástica	51
O “matuto pra burro” que deu certo	54
‘O bom filho a casa torna’	79
Carmos e carmas no sertão de Carmo	83
Poeta das paixões, dos amores, das dores. O poeta da abolição ...	96
Atrevimento pouco é luxo – saúdo Guimarães Rosa e suas veredas..	105

HOMENAGENS

Colemar, o visionário.....	113
Imortal na terra. Eterno no céu	117
A imortalidade de Lygia de Moura Rassi	131
Dom Quixote da ecologia – sertanista vocacional.....	137
Sua bênção, mestre Domingos!	140
Nos rastros de sua luz, vive José Mendonça Teles	143
Ave, Goiandira do Couto!	147
Fibra de pioneira.....	150
Consuelo guerreira!.....	155

BREVES ANDANÇAS PELOS CAMINHOS DE HUGO

(...) “E, no silêncio eterno de minha solidão,
prosseguia, sob o pala, ruminando saudades... Ah!
viagens e passeios antigos, sob a chuva ou a canícula,
nos pagos da minha terra! Quão longe e distante sois!”

Hugo de Carvalho Ramos

Não sou crítica literária, menos ainda, biógrafa ou historiadora. Sou poetisa. Contista nos momentos livres. Cronista por ofício de jornal. Talvez, aventureira, curiosa, xereta. Talvez, por tudo isso, não abdiquei do desafio de imiscuir-me, sem compromisso com técnicas ou padrões de pesquisa, na obra e vida de um dos maiores símbolos do regionalismo brasileiro: Hugo de Carvalho Ramos, dono de um talento à prova dos rigores da crítica. Sem ferir a realidade histórica em que o escritor está inserido, facultei-me um olhar livre, bem subjetivo, romanceado e com interferências interpretativas, em determinadas passagens de sua vida curta, em especial, nos momentos dramáticos, de crise. Nesse contato mais íntimo, solidarizei-me com seu infortúnio, originário de momentos nebulosos e, às vezes, geradores de desdobramentos incompreensíveis. Percebi a constância de uma espada invisível, ameaçadora e perigosa, que sobrevoava, dia e noite, a cabeça do autor de *Tropas e boiadas*, levando-o ao pânico, a um mundo alucinatório. E aconcheguei Hugo em meu coração, em minha fantasia, em minha alma.

Apaixonada por literatura, seja como leitora, seja como autora, aprecio muito a fala simples do homem do campo, o despojamento do roceiro, matuto pela própria natureza; admiro sua fibra, seu destemor quanto aos embates e às agruras da vida, sua coragem para enfrentá-los e, paralelamente, encanta-me seu medo pueril movido pelas credices e superstições. Combate as intempéries, com a lança da dignidade afiada e em riste, mas acua diante de uma sombra que lhe parece fantasma, de um galho balançante, que só pode ser alma desgarrada, ou coisa do capeta. E Hugo concentra todas essas emoções, todos esses temores e conflitos em histórias dramáticas nas quais personagens densos percorrem ou desviam-se de suas sinas.

Não fui além dos limites da xeretice, mesmo respaldada pelas pesquisas, caminho para não me dissociar da realidade. Mas permiti-me pincelá-la com nuances subjetivas e poéticas, embora, sempre cautelosa para não a subverter, ou distorcê-la.

Li inúmeras vezes *Tropas e boiadas*. A cada leitura, aproximava-me ainda mais de Hugo, em suas principais dimensões: humana e literária. O homem, quase sempre acabrunhado, sofrido, com a noite dentro do peito e da mente, a sombrear-lhe a existência. O escritor solitário, de fabulosa cultura, porém, desprovido de esperança, de crença na vida. No contato com seus personagens, muitos deles, seu alterego, e, quase todos, feitos do Hugo que se fragmentava para dar-lhes vida, deixava minha alma tocar e sentir a alma de Hugo, para entender-lhe a inquietude, a tristeza, a solidão, o desapego às coisas materiais, mesmo rodeado de conforto.

Aos poucos, descobri algumas de nossas afinidades, nossos contrastes, e me vi, ao mesmo tempo, maravilhada e assombrada com o universo conturbado de Hugo. Na literatura, quase sempre lúcido, comprometido com a realidade dolorosa do sertanejo, com tanta força e realismo, que até parecia, ele próprio, um desses abandonados da sorte. Na vida, um ser em permanente desassossego, cujo espírito bondoso e complacente tornava-o vulnerável às dores alheias que, inevitavelmente, robusteciam as suas. Do ceticismo à credulidade, sua escolha pela fé. Da genialidade nas letras à fragilidade na vida, um Hugo artífice de sua tragédia humana.

Minhas andanças pela atuação literária de Hugo, enxergando novas perspectivas de sua obra, com olhos curiosos e cúmplices, emitindo opiniões pessoais, apalpando com a emoção a densidade de seus instantes convulsivos e controvertidos, a força de sua palavra escrita, pois é, esse meu enveredamento não danificou a realidade huguiana nem no âmbito pessoal nem no literário, ao contrário, preservou-a, o que não me impediu de dar-lhe tons, luz, asas...

O Hugo poeta encantou-me, por isso, dei-lhe maior realce neste trabalho. O contista/cronista é conhecido de todos. O poeta não. Assim, percebi forte vínculo entre a face dramática da vida e o lado denso da poesia em sua prosa. Encontrei Hugo ao contemplar sua dor imarcescível. E agasalhei-o neste poema:

DE BECOS E DE SILÊNCIOS

*Velha Goiás,
do abraço velado
das casas siamesas,
espremida na solidão
dos becos e dos silêncios,
a confinar saudades e solidões.*

*Velha Goiás,
debruçada sobre a poeira
de lembranças e sonhos,
a romper o tempo,
no ir e vir do vento,
no escalar da História.*

*Ainda ressoam murmúrios
das dores de Plangências.
Ainda, fincados na memória,
rastos das Tropas e boiadas.
Sob o Carvalho de fartos Ramos,
o silêncio imortal de Hugo.*

Goiânia, inverno, 21 de setembro de 2000

SOB O CARVALHO DE FARTOS RAMOS O SILÊNCIO IMORTAL DE HUGO

O Brasil estava com novas feições. A posse, em 15 de novembro de 1894, do primeiro presidente civil da República, o advogado Prudente José de Moraes e Barros, paulista de Itu, político atuante e de muita respeitabilidade, eleito pelo voto popular, encerrava o período dos governos provisórios, instituído pelo poderio militar. Nem a crise econômica e os conflitos políticos da época anuviaram a alegria dos brasileiros que comemoravam com orgulho tão importante conquista.

Seis meses adiante, outono de 1895, 21 de maio, a lua crescente, como crescentes, a emoção e a expectativa de ilustre família de Goyaz, a capital do Estado, anuncia um instante de celebração: a vida em desabrolho. Sob a vigília austera e, ao mesmo tempo, romântica, do Largo do Chafariz, a antiga Vila Boa de Goyaz emprenha-se de euforia. Vindo à luz, cheio de luz, um menino franzino, característica que o acompanha durante seu crescimento.

Passados seis dias, o jornal *Goyaz* aclama, com entusiasmo e orgulho, a chegada do novo rebento do poeta Manuel Lopes de Carvalho Ramos e de dona Mariana Loiola Ramos. Uma curiosidade: o nome noticiado, Juvenal. Juvenal...?! Pois é, Juvenal! E então? Hugo ou Juvenal? Uma das versões para

Hugo, a mais difundida, propala que, devido à grande admiração do pai do menino por Victor Hugo, e no intuito de homenagear o escritor francês, já que seu filho mais velho recebeu o nome de Víctor, resolve renomear o recém-nascido: Hugo. Acompanhado pelo Juvenal. E por um dos seus sobrenomes, Ramos. Pronto: Hugo Juvenal Ramos. Lavrado no Registro nº 279, página 120 do Livro de Registro de Nascimentos 1-A, do Cartório da Paz de Registro Civil e Tabelionato de Notas da então capital do Estado. Pois é, e cadê o Carvalho?! Por vontade própria, Hugo adotou o outro sobrenome do pai, Carvalho. Dispensou o Juvenal. E notabilizou-se como Hugo de Carvalho Ramos. Outro ponto interessante: Hugo chega ao mundo no período em que seu pai aguarda a impressão, realizada no Porto (Portugal), de suas obras poéticas, *Os Gênios* e *Goiana* (essa, de natureza épica e, possivelmente, inspiradora do nome da futura capital de Goiás, Goiânia).

O menino Hugo, aos seis anos, dá a largada rumo às primeiras letras, numa escola particular. Peralta, desentendendo-se com a professora, ‘Mestra Silvina’, e, já dando mostras de possuir um gênio difícil, o que não lhe permite vencer a zanga, não mais volta às aulas da mestra, amparado pela aquiescência do sempre complacente pai; recebe, então, ensinamentos de outro professor. Aos dez anos, aluno do respeitado Aires Feliciano de Mendonça, especialista na preparação de alunos para o ingresso ao Lyceu, Hugo comparece regularmente às aulas, porém, logo de início, indispõe-se com a matemática, por considerá-la “ciência árida e detestável”. Melhor, a literatura. Preparado para os exames de admissão, no Lyceu de Goyaz, alcança a média 8,90, e inicia o secundário. Tempos depois, frequenta o Gabinete Literário Goiano, com mais afínco e assiduidade que às aulas, e lê autores do porte de

Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Coelho Neto, Afonso Arinos, renomados escritores franceses, dramas e poemas da Idade Média, romances aventurecos e de cavalaria.

Nesse período, Hugo ainda não manifesta os sintomas da neurastenia, e porta-se como um menino de sua idade: agitado, brigão, e mais, estrategista na arte de ‘dar o troco’ aos adversários, de promover contendas, culminadas em chutes, socos, pontapés. Registra tudo no caderninho de notas, com riqueza de detalhes, e em seguida, de um jeito bem debochado, lê as anotações à família, e todos se divertem a valer. Lá fora, todavia, ninguém acha graça das confusões que o encenqueiro Hugo protagoniza e dirige. Tanto, que uma determinação é firmada na escola: só depois que os alunos se acomodarem na sala de aula, Hugo chegará; e sairá antes deles; assim, não se encontrará com seus aliados nem com os rivais, evitando-se, desse modo, os confrontos e pancadarias.

Às aulas no Lyceu, Hugo continua com assiduidade baixa; sua prioridade, a literatura, consome quase todo o seu tempo, vontade e ânimo, revesados entre ler, escrever e meditar. Prefere recostar-se no tronco de uma árvore, nas proximidades do Lyceu, e, debaixo de sua acolhedora sombra, ler Flaubert e outros tantos de sua predileção.

Os primeiros indícios da oscilação comportamental de Hugo tornam-no arredio e acabrunhado. No entanto, as notas, auferidas por ocasião dos exames no Lyceu, não indicam descaso ou atormentações. Até ganha do professor de português um exemplar de D. Quixote, do espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, como reconhecimento às suas bonitas e criativas redações. Encanta-se com o livro.

Nos períodos de folga, entre as aulas do Lyceu e as leituras, vagueia pela cidade enladeirada para admirar as aves

em alvoroço, as águas onduladas do Rio Vermelho, e, bem do alto, no outeiro da Ermida de Santa Bárbara, espia a beleza da vastidão que se azula e se perde no longe. A natureza e suas paisagens fascinam o jovem que, com elas, interage e as transforma em manancial de inspiração.

Hugo não suporta a rotina do Lyceu. Demonstra, em definitivo, desinteresse pelas aulas, e escolhe abandoná-las. Não passa do 4º ano, embora seus vastos conhecimentos o distingam de seus contemporâneos. As pessoas veem-no como um moço estranho, de manias extravagantes, um treloucado, porém, detentor de farta cultura.

No fulgor da adolescência, escreve vários poemas, duas novelas, o *Diário de um estudante* e *Os novos mosqueteiros* (comédia com recheios medievais), notadamente, inspirada em D'Artagnan, personagem inquieto, e dado a peripécias, de *Os três mosqueteiros* do francês, Alexandre Dumas, e a história, por ironia, desenrola-se no Lyceu de Goyaz. Lamentavelmente, esses seus primeiros escritos, como tantos outros, ele os destruiu.

Aos quinze anos, faz sua estreia no jornalismo, sob pseudônimo de H.R., com o ensaio *Lágrimas e Riso*, e, como João Bicudo, à mesma época, 1910, assina a seção *Silhuetas*, na *Imprensa de Goyaz*, bastante motivado. E intensifica suas leituras e escritos.

A depressão já ronda Hugo. No afã de combatê-la, sempre que se sente muito amargurado, carente de entretenimento, desejoso de respirar o frescor do ar puro, monta no cavalo e refugia-se, por vários dias, na pequena propriedade rural, o Sítio Chapada, de um tio, e deleita-se com pescarias e paisagens do campo. Seus companheiros, apenas, os filhos dos agregados, com os quais trava boa conversa. Como vestígio

dessa passagem, no tronco de um pé de jenipapo, deixa seu nome talhado a canivete.

Em concurso para a Secretaria de Finanças de Goyaz, em 1911, é o primeiro classificado, e admitido, por nomeação, como praticante. Mas a doença do Dr. Manoel, que se encontra no Rio de Janeiro, para tratamento, tolda-lhe o entusiasmo. Em setembro, pouco antes da primavera, chora a perda do pai, seu amigo maior, sua referência, a quem acompanhou, várias vezes, em suas viagens às comarcas próximas, no desempenho do ofício de juiz da 1ª Vara da Capital. Dele, Hugo recebeu sempre especial afeto e inesquecíveis afagos. Dr. Manoel preocupava-se demais com o filho; mesmo em viagem, a trabalho, escrevia sempre à mulher para saber notícias de Hugo. Daí, sua dificuldade em elaborar tão traumática partida.

Seis meses à frente, e ainda bastante desolado pela ausência paterna, decide mudar-se para o Rio de Janeiro, a Capital Federal e, também, capital da cultura em efervescência (já havia estado lá, aos 4 anos, na companhia dos pais). Seu desejo, conhecer Coelho Neto e os intelectuais que o rodeiam. Segue para o Rio na carona da insegurança e do temor de ver-se distante de seu mundo provinciano e da rotina à qual está atrelado. Intimida-o a melancolia que tal ruptura possa acarretar-lhe. Nostálgico, percebe que parte de sua vida consumir-se-á nas lonjuras dos sonhos deixados em sua cidade. Sofre demais da conta com isso. Uma sensação de saudade parece até entalar-lhe a respiração. E sente que mais uma dor integrará seu repositório de dores, incertezas, angústias. Porém, apesar de suas dúvidas e temores, reais e imaginários, não desiste da aventura. A viagem será realizada. Seja o que Deus, ou o destino, quiser.

Em um de seus momentos de desembaraço, recém-chegado ao Rio de Janeiro, dedica o conto *A beira do pouso* (publicado em *A Semana*, de Goyaz, e *A Noite*, do Rio de Janeiro) a Mário de Alencar, por quem devota admiração e vontade de conhecê-lo, o que não acontece. Deveras estimulado, envia a João do Rio, da *Gazeta de Notícias/RJ*, com dedicatória, o conto *A bruxa dos Marinheiros*, na expectativa de vê-lo publicado. Bem depois, em um domingo de sol exuberante e calor intenso, a surpresa: com ilustrações, na primeira página do jornal, o conto. Hugo exulta-se. No entanto, convidado pelo renomado cronista, que se maravilha com seu texto, a visitar o jornal e, assim, conhecerem-se, Hugo enfurna-se em sua timidez, e não atende o convite.

Continua, por vontade própria, fechado em seu retiro natural. Quase não sai de casa. A exceção, visitas à Quinta da Boa Vista, na maioria das vezes, acompanhado pelo amigo Gomes Leite. Lá, sente-se à vontade, desprendido de seus tormentos, capaz de desintoxicar a alma e libertá-la para voos livres. O contato com aquela natureza estonteante, em suas diversas formas, inebria-o a tal ponto que experimenta a sensação gostosa de estar em sua terra natal, cercado do carinho familiar (a terra e a família vivem cunhados em sua lembrança, tanto nos momentos de descontração, quanto nos de tormentas). Então, tocado pelo vento brincalhão e pela paisagem de rara delicadeza, uma saudade suave, diferente da que sempre o acompanha e machuca, enche-lhe o coração e deixa-o menos encasulado. Em uma daquelas visitas, extasiado com a beleza da Ilha dos Amores, é fotografado ao lado de algumas jovens, e enfeita as costas da foto com seu soneto *Pais de amor*. Instante bizarro na vida do tímido moço goiano, constantemente acuado pela introversão, e confinado nos porões da amargura.

Embora jovem, culto, bem-aparentado, mas carente de jovialidade, nunca se interessou por envolvimento amoroso, não acreditava neles; era esquivo ao contato com as moças, pelas quais não sentia qualquer atração, qualquer desejo, qualquer sentimento. Enxergá-las só fisicamente, bastava-lhe. Porém, nutrir outro tipo de sentimento, nem pensar! Assim, passou pela vida solitário. Perceptível é a influência de Nietzsche e Ibsen, escritores muito presentes no Brasil, já àquela época, o que o amparou na concepção de que a solidão consolidava sua força interior. Em seus escritos, a Vida protagoniza um carrasco implacável, e a Morte, uma redentora, a benfeitora que aniquila angústias e perplexidades. Como se já decidisse seu destino, escreve: “*O suicídio é uma alegria*”. A sensação provocada é a de quem se dá um conselho, mas sem muita convicção, pelo seu arremate: “*Fujamos dessa miragem*”.

A madrugada, não raro, assusta-se com os sentimentos, em polvorosa, de Hugo que, sem tino, num ir e vir ao quarto, mostra-se transtornado. Com o cigarro aceso a empurrar-lhe fumaça garganta a dentro, o que tem se tornado um exagero diário, parece sempre iniciar um período sombrio. Nesses momentos conturbados, escreve textos de profunda tristeza, de sentido desconectado do real e confuso para qualquer entendimento.

Em certo dia, manhã de sol acabrunhado, Hugo, atônito, junta alguns de seus textos, leva-os ao quintal da casa e dá-lhes trágico fim: o fogo. Os gemidos fantasmagóricos de seus personagens parecem evadir-se do negro que desenha a fumaça que sobe aos céus, feito súplica ou protesto. O fato exige providências: Hugo é submetido a cuidados psiquiátricos e afasta-se do dia a dia que o esmaga como se a um sonho frágil e quase murcho.

Ligeiro, caminha 1915. De volta à rotina, após quatro meses de tratamento, com alguns quilos a mais e uma alegria desconhecida a iluminar-lhe o semblante, Hugo ameaça deixar de lado a literatura, e projeta-se, num ideário inconsistente: dedicar-se às coisas mais objetivas e mais práticas. Fundamentado nesse pensamento, retoma os estudos ao matricular-se no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais.

Com a saúde recuperada e o emocional estável, chega à faculdade com uma bagagem cultural notável, cujo carro-chefe, a literatura, em suas diversas nacionalidades, quer antiga, quer moderna; entretanto, mantém viva sua descrença: “*Já tenho lido tanto que não encontro mais uma obra capaz de emocionar-me*”. E, no mesmo tom, acrescenta às anotações no caderno de cabeceira: “*Literatura! tudo charlatanismo. Lê-de Homero, queimar os mais*” (sic). Nesse estado de desânimo literário, lê e escreve pouco. Seus companheiros inseparáveis, o cigarro, a amargura e a solidão.

O jeito arredio e introspectivo de Hugo, o temperamento regido por angústias, inquietações e conflitos, a intolerância à balbúrdia acadêmica e social, impedem-no de estabelecer muitos vínculos com a intelectualidade, e impingem-lhe uma imagem distorcida aos olhos dos colegas e conhecidos, que o veem como um rapaz orgulhoso, cheio de si, que se posta acima de todos. Mantém-se quase recluso, à margem dos eventos culturais e sociais. Poucos, os amigos. O mais especial, Gomes Leite, contesta, lamenta e empenha-se em desfazer essa distorção, pois, para ele, Hugo não passa de um rapaz simples, “despido de vaidades”, que causa “a ilusão” de ser tímido, “no convívio superficial com aqueles que não o conhecem de perto”. É possível que, para os poucos amigos, como Eduardo Tourinho, Antenor Almeida e mais um

ou outro literato, dos quais até recebe visitas, relativamente frequentes, a timidez lhes soasse comedimento.

Como a vida de Hugo é pautada pelas alternâncias comportamentais, a decisão de abandonar a literatura, não demora nada, escancara sua inconsistência, até porque ele tem a literatura entranhada no espírito, no coração, na criatividade, portanto, não lhe vira as costas, não desiste de tê-la por perto (coisas de DNA: seu avô paterno, Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, também era poeta e publicou o livreto *Horas vagas*). Continua tecendo seus poemas e sua prosa.

1916 parece vaticinar bons momentos para Hugo, que já está no 2º ano do Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, e continua de bem com a literatura. No entanto, aos poucos, o desinteresse pelo curso já se faz notar nas continuadas faltas às aulas. Sua prioridade, mais do que nunca, recai sobre a literatura.

Felizmente, as agruras psicológicas, que desencadeiam as incertezas existenciais de Hugo, dão-lhe trégua e isso lhe propicia iniciar a seleção dos contos que comporão *Tropas e Boiadas*. Trabalho meticoloso e refinado, que se encerra em meados de dezembro. Pouco depois, entrega os originais do livro ao editor.

Tudo indica que 1917 trará bons auspícios a Hugo e à literatura brasileira. Previsão confirmada, vem a lume, saudado pela crítica, *Tropas e boiadas*. E o contentamento de Hugo extrapola qualquer expectativa. Está exultante. E feliz!

Descamba para o fim, 1918. Já é dezembro, início de verão, período de férias. Hugo permite-se respirar outros ares nas montanhas mineiras de Itanhandu, ótimo tonificante para o corpo e para a alma. Por aquelas bandas, ele e a manhã acordam juntos, refestelam-se com o esplendor renovado que promete dourar o dia, e Hugo sai em busca da beleza e frescor das flores.

À tardinha, reverencia o espetáculo do sol alaranjando-se no infinito a caminho do ocaso. Seu descanso, na região serrana de Minas, consiste em misturá-lo à paisagem: cavalgar, fazer caminhadas tranquilas e, no percurso, bater papo com os campeiros. Nesse exercício de interação com a natureza, recorda-se do Sítio Chapada e de seu nicho natal, com saudade. No caderno inseparável, um diário inicia-se, a lápis, e Hugo relata seus instantes de paz, de sossego, de encontro com as belezas naturais. E assim o encerra, em 10 de dezembro: *“Há sete anos, desde minha viagem de Goiás, em que atravessara o Anicuns transbordando, passando na ‘pelota’ carga e depois os animais a nado, que não cortava as águas duma linfa clara. Pus aqui em prática os princípios natatórios à moda do índio de minha terra – um banho matinal no caudaloso Rio Verde, de águas mui frígidas (...). Se não enterrar desta vez a neurastenia de cidade num nôvo de caneleira que avisto daqui sôbre o verde daquele outeiro, então, é perder de vez a esperança...”*

Os estudos no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, como de hábito, não se sobrepõem à literatura. E Hugo continua tecendo sua prosa poética. Em função disso, descuida-se, e é forçado a voltar ao Rio de Janeiro, em 13 de abril de 1919, para o exame de 2ª época em Prática do Processo Civil e Comercial. Assim, interrompe suas férias, o que o desaponta e entristece. Com o humor alterado e por demais constrangido e desencantado, nega-se a fazer o exame, e, por natural, é reprovado. Em consequência, não cola grau com a turma e deprime-se (também, Castro Alves, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo, por motivos outros, não se bacharelaram e, tampouco, abateram-se).

Desolado, recolhido ao constante isolamento voluntário, Hugo entrega-se, totalmente, à escrita. Leitura, quase

nenhuma. Só o ato de criação é capaz de limitar um pouco seu vazio.

Convidado pelo irmão Víctor, Hugo deixa a rotina da reclusão, vai a Uberaba e, de lá, a Araxá, onde atua como agente censitário, e percorre longos trajetos montado em animal. Ressente-se da falta de livros e de notícias do Rio e de Goiás. O trabalho cansativo, o frio, o vai e vem excessivo de pessoas, no hotel, causam-lhe aversão e desconforto. Tudo isso, possivelmente, abala a saúde emocional de Hugo, que volta a Uberaba. Víctor assusta-se com a magreza, palidez e abatimento do irmão, cuja insônia debilita-o mais e mais. O melhor, julga Víctor, é ele retornar ao Rio, para o aconchego familiar, pois ambos sabem que tais cuidados poderão minorar, pelo menos, temporariamente, seus problemas de ordem nervosa. Antes do retorno, Hugo recusa proposta de Monteiro Lobato para a reedição de seu livro.

Mesmo com a saúde abalada e a depressão a subjugar-lo, dá um giro em São Paulo. Logo, retorna ao Rio e, em seguida, segue para Rezende, onde sua irmã aproveita as delícias do verão. De lá, escreve à mãe (7 de março de 1921): “Tenho passado insone estas últimas noites e desde que Nenê se foi, ficando só e sem companheiro para passeios, vou perdendo tôda a animação do comêço. Tenho tomado estes últimos dias os remédios que trouxe comigo”. Também, ao irmão, Víctor, escreve o último cartão, datado de 20 de março de 1921: “Tenho por aqui feito várias caçadas e pescarias em canoa pelo Paraíba. A terra de Gomes Leite é em tudo encantadora. À noite fito o cume do Itatiaia, ao luar... Vou-me fortificando. Espero que me dê notícias tuas..

O contínuo ir e vir da tristeza quase não concede apaziguamento ou aquietação a Hugo que, mais e mais,

emaranha-se nas teias do marasmo. Todavia, numa das variações de seu estado de espírito, redige um bilhete a Leônidas de Loiola, no qual há uma promessa de enviar-lhe versos para a publicação em jornais de Curitiba e um comunicado sobre o adiamento da reedição de *Tropas e boiadas*. Com ele, encerra o ciclo de correspondências.

Por falar em correspondência, nas cartas à irmã Ermelinda, a quem dispensa especial afeto e confiança, pois sente-se um pouco compreendido e amparado por ela, sempre preocupada com a inconstância emocional do irmão, faz-se inteiro, revela-se sem escaramuças ou rodeios, anistia a alma na busca de esvaziá-la e, assim, aliviar um pouco seus tormentos; a um ou outro amigo, também se expressa com menos reserva, às vezes, e até deixa à mostra suas angústias e machucaduras interiores.

A solidão insiste em apavorar Hugo, talvez, por saber-se um suicida em potencial, haja vista sua lucidez, não raro, comprometida pelas constantes crises. O tempo de descontração finda-se. A viagem é interrompida: sua instabilidade emocional e o estado depressivo agravado levam-no à profunda melancolia e, então, volta ao Rio e à vida atormentada.

Os delírios atordoam-no e preocupam sua família, sempre dedicada, carinhosa, em permanente alerta, a velar-lhe, inclusive, o sono. Mas a crise intensifica-se. Hugo permite ao ceticismo curvar-se à fé, apega-se, com obstinação, à leitura da Bíblia, e o faz com muita contrição (no último encontro com o fiel amigo Gomes Leite, que viajaria para o exterior, confia-lhe: *Passei a manhã a ler o Eclesiastes: aquilo vale para mim tanto como a Ilíada e o Hamlet*). Desnortado, repete, de forma confusa, após muito refletir, os trechos lidos. Apieda-se dos

desafortunados e solidariza-se com os que sofrem. Atribui inutilidade à sua vida. Acusa-se de não praticar o bem, embora cômico de que deveria fazê-lo. Teme o 'Juízo Final' e prevê sua condenação, convicto, naturalmente, de que se queimará no fogaréu grandioso do inferno.

Antevendo a repetição daqueles momentos terríveis de descontrole, a família procura, novamente, ajuda médica para Hugo. A contragosto, ele se submete aos calmantes. Uma certa serenidade alivia-lhe o semblante tenso. Essa sensação de melhora anima Hugo, que idealiza um passeio ao Araguaia, para terminar um livro. A família festeja seu bom momento. Ninguém imagina a efemeridade que o ronda...

Tornam-se ainda mais fortes as crises. A alma do escritor parece esgarçar-se, envolta pela solidão. Uma tristeza assustadora assenhoreia-se de Hugo, e funde-se à insônia, à inapetência, à fumaça espessa do cigarro, aos pigarros incessantes. Desarvorado, zanza, noites a fio, pelos cantos da casa. A aflição domina todos, e o zelo por Hugo transforma-se em algo sagrado para a família, pois é perceptível o poder de devastação de sua doença.

A inquietude, a obsessão mística, a afetividade conturbada, os sentimentos em atrito, enfim, a neurastenia que fragiliza, a cada instante, a saúde emocional de Hugo, persegue-o como fantasma, apresa-o em pesadelos e atormenta-o diuturnamente. Seus delírios aglutinam realidade e imaginário, enquanto o humor oscila em altos e baixos, e a emoção fica estilhaçada. Viver parece-lhe demais pesado, e carregar a vida, insuportável.

Pelos becos escuros de sua vida, a caminhada de Hugo, cada dia mais trôpega e sem tramontana, vaticina um desfile ameaçador e a iminência de fatal queda. Seu estado

mental e sua condição física pioram. As alucinações tornam-se renitentes e agigantam miasmas e perigos. Desnortado, submerge no marasmo, entrega-se, em definitivo, ao desespero, e perde-se nas bifurcações desastrosas das incertezas que o sufocam e devastam-lhe a lucidez.

Madrugada em vigília. Hugo, dominado pela insônia, atarantado, abre a janela da sala de jantar, acende o cigarro e deixa o olhar perder-se nas profundezas da escuridão. Como se movido a pânico, retorna ao quarto. Porém, a angústia tira-o da cama outra vez. Mais um cigarro. Mais um olhar vazio para o nada escancarado na janela. Outro cigarro. E o caos de sua existência, tumultuada pela constante angústia e desenfreado desassossego, prepara-se para abocanhá-lo. Antes, escreve: *“Ai! os vivos, Senhor, os vivos!”*. Eram suas derradeiras palavras.

No cimo do desvario, impotente para acreditar na cura de seu sofrimento, ou de banir para longe seu ímpeto de autodestruição, indulta a alma atormentada. Cúmplice da dor invisível que atordoa e sufoca os últimos momentos de Hugo, a madrugada vai-se. E, mal a manhã de 12 de maio de 1921 entorna sua claridade sobre o dia, a tragédia escreve a última página da vida de Hugo: na rua Ibituruna, na Tijuca, Rio de Janeiro (há versões nas quais figura a rua General Canabarro), em pleno outono, como o daquele maio festivo de 1895, Hugo de Carvalho Ramos, no vigor da juventude, após agravamento de sua depressão, rende-se ao cansaço, à angústia do existir, à carga de sua debilidade humana carcomida pela neurastenia. Impulsionado pela incurável tristeza, faz a travessia para a eternidade: enforca seus vinte e seis anos com uma corda da rede que sempre lhe acolheu o sono, sonhos, pesadelos e insônias, incontáveis

vezes. Pendurado na escápula, o corpo de Hugo, vazio de vida e com humores de morte, sinaliza o fim da trajetória de um homem que fez da literatura seu lenitivo, e da vida, seu calvário. Aquela dolorosa cena estreita o limite entre dor e desespero, medo e coragem.

Mas a tragédia alastra-se por outro momento funesto, em cujos escombros soterra a alma de uma mãe. A de Hugo. Foi dela a visão macabra de seu filho enforcado, à mercê da inércia. Momento impiedoso que lhe viola a esperança e transforma seu coração em eterna noite. A dor, em carne viva, sangrando assombro e horror, devasta-a. Dor que, de tão escomunal, torna-se inumana e grunhe feito bicho.

Em meio a tamanha desolação, quando tudo assume medonhos contornos, as passadas dos personagens de Hugo, como se se arrastassem pelas tortas trilhas por onde suas angústias e dúvidas vagaram, fazem-se ouvir, junto ao choro dos cascos e aos rangidos empoeirados de *Tropas e boiadas*. E, ao mesmo tempo, a voz tênue e cansada de Hugo, misteriosamente, também parece balbuciar *Saudade Poética*, testemunho incontestante de sua ânsia indomável de livrar-se da vida:

*Há de um dia ter fim o meu tormento,
há de um dia acabar o meu martírio,
quando for do meu peito o último alento,
quando tiver na mão aceso um círio.*

*Quando empós do festim do verme, um lírio
da minha cova alçar-se ao firmamento,
e, exsudando em perfume o seu delírio,
subir aos astros num deslumbramento.*

*E feito essência, e feito cor e som,
livre das leis de peso e da atração,
na esfera gravitar do Excelso e Bom.*

*Para que, na assonia do Nirvana,
dissolvido no Todo o coração
chore a saudade da miséria humana.*

Naquela tarde em que o sol carrancou-se esmaecido, os jornais noticiaram, friamente, sem alarde, “O suicídio do bacharel”, “A morte do Dr. Carvalho Ramos” e não, do escritor-poeta Hugo de Carvalho Ramos. Sabiam todos que o gênio do regionalismo não havia morrido. Nem morreria. Ainda em vida, sua obra imortalizou-o.

Para todo o sempre, os cascos, o choro, a poeira e os rangidos de sua *Tropas e boiadas* ressonarão mundo e infinito afora.

DO ENCANTAMENTO AO ASSOMBRO — À LUZ, TROPAS E BOIADAS —

Hugo, com o ânimo à mostra, festeja 1916, iniciando acurada escolha dos contos que comporão *Tropas e Boiadas*. Simultaneamente, colabora com a revista da faculdade, *A Época*. Em pouco tempo, seu trabalho é notado pelo estilo criativo e renovador. O entusiasmo impulsiona-o a contatar a *Revista dos Tribunais* para a impressão do livro, e o resultado positivo contenta-o, afinal, *Tropas e boiadas* deixará de ser simplesmente um sonho. Às portas da despedida de dezembro, os originais do livro chegam ao editor, com duas homenagens, na dedicatória: *À memória de meu Pai/ À minha Terra Natal*.

Fevereiro de 1917 chega, suado de mar, e estampa nas páginas do *Jornal do Commercio* e de *A Notícia* a boa nova: breve, a literatura será enriquecida pela obra de um escritor jovem, do interior do Brasil, mais precisamente, de Goiás: Hugo de Carvalho Ramos.

E, quando fevereiro prepara-se para debandar, imantado pelo calor dourado do Rio de Janeiro, surge a mencionada obra literária com cheiro, cor e gosto de chão goiano, têmpera cabocla e sangue sertanejo: *Tropas e boiadas*, conjunto de comoventes contos: *Caminhos das tropas; Mágoa de vaqueiro; A bruxa dos Marinheiros; Nostalgias...; À beira do pouso; O poldro*

picaço; Ninho de periquitos; O saci e duas partes da novela *Gente da Gleba* (as dez, que ainda escreveria, constarão na 2ª e seguintes edições). Dado curioso: a admiração exacerbada de Hugo por Coelho Neto, de quem era leitor voraz, a ponto de ser influenciado por ele, embora nunca tenha se permitido aproximar do escritor, fica ainda mais expressa na dedicatória contida na primeira edição de *Tropas e boiadas*, edição que figura na Biblioteca Nacional: “A Coelho Neto, *primus inter pares, preito de homenagem* de Hugo de Carvalho Ramos. 16-3-1917”.

O *Jornal do Commercio* comemora. O livro surge justo num momento em que o regionalismo brasileiro agoniza, pela ameaça de extinção. Em *A Noite*, Antônio Torres e Medeiros e Albuquerque aclamam, com muito entusiasmo, e em primeira mão, o surgimento de *Tropas e boiadas*, não lhe poupando, nem a seu autor, referências elogiosas:

“*Tropas e boiadas* – É o nome de um livro de contos que acaba de vir a lume e cujo autor é o Sr. H. De Carvalho Ramos. O autor parece ser ainda muito jovem, a regular pelas incertezas que ainda se notam na sua maneira Carvalho Ramos sabe ver e fixar a vida. (...). Em resumo, o Sr. Carvalho Ramos (a quem não conheço nem de vista) vai ser um dos nossos primeiros escritores de literatura puramente nossa (...). Se me permite uma pequena sugestão, aí vai ela e não lhe custa nada: evite os chamados salões elegantes. Se não o fizer, em pouco tempo estará estragado pelas manias ‘parisienses’. Seja sempre nacional. Talento não lhe falta para vir a ser mestre consumado no canto regional”. Antônio Tôrres. *A Noite*, Rio, 21 de março de 1917.

“Crônica Literária – *Tropas e Boiadas* é um livro de contos goianos. Livro excelente. Tem vida, tem cor local.

Descrições e narrações, tudo é nele muito bom (...). Do seu talento de narrador há inúmeros exemplos. Ele refere, por exemplo, o caso de um sertanejo que tinha a cabeça branca e um tremor persistente nas pernas. Um dia adormecera no chão, dormindo ao ar livre. Teve um pesadelo. Sentiu uma opressão sobre o peito. Acordou e viu que sobre ele estava pacificamente enrodilhada uma grande cascavel (...). Há, como esta, várias outras narrações que parecem ter um cunho pronunciado de verdade. O livro do Sr. Carvalho Ramos é encantador”. Medeiros e Albuquerque. *A Noite*, Rio, 12 de abril de 1917.

Hugo está em ‘estado de graça’, sente uma felicidade que nunca conheceu. Sua euforia é tanta, que nem consegue entender o que está acontecendo, o motivo de tamanha repercussão. E não perde tempo: leva exemplares de sua obra às livrarias e acerta sua divulgação na imprensa. Porém, logo, opta por continuar em seu mundo fechado, dominado pela timidez, e, sequer, concorda em aparecer para os que anseiam cumprimentá-lo.

A literatura do sertão, em festa, ressurgiu no Brasil com novos contornos, um perfil singular. Cravados na literatura brasileira, portanto, os primeiros passos para o reconhecimento de Hugo de Carvalho Ramos. E os principais críticos nacionais saúdam o talentoso estilo do novel autor goiano.

O escritor estreante, um jovem de vinte e um anos, saído das entranhas do Planalto Central, mostra ao Brasil a alma e os costumes do rude e bravo nativo sertanejo, que exala odores do cerrado centro-oestino, e surpreende-se, cada vez mais, com a aceitação de seu livro pela crítica. Porém, durou pouco aquela alegria inusitada. Apesar do surpreendente sucesso de *Tropas e boiadas*, Hugo opta por voltar ao seu

mundo fechado, dominado pela timidez e amargura. Sequer, concorda em aparecer para os que anseiam cumprimentá-lo.

Tropas e boiadas, livro de estirpe humanística, cunhado em primorosas construções ritmadas e melodiosas, de expressiva originalidade e de grande força, sem qualquer ranço de pieguice, é um grito contra as inclemências da vida e o sofrimento do homem campeiro, cuja ingenuidade vulnerabiliza-o às injustiças sociais. Hugo dá realce à esperança sertaneja, às vezes, manchada de desesperança, mas fertilizada pela coragem e pelo espírito de luta que distinguem e distanciam os fortes dos poderosos, os humildes dos covardes. O livro é, ainda, um verdadeiro cântico à natureza, em suas formas variadas, como bem o retratam *Caminhos de tropas*, *Mágoa de vaqueiro*, *Pelo caiapó velho*, *Nostalgias*, *Poldro picaço*, *Ninho de periquitos*, *O saci...*

Por demais marcante, peculiar, a novela *Gente da gleba* (inspirada em fato real, um crime com toques de crueldade; detalhe: o nome do criminoso habita o conto *Peru de roda*), que, de acordo com o irmão de Hugo, Víctor de Carvalho Ramos*, também escritor e dois anos mais velho, Hugo “escreveu de uma assentada”, a novela, logo após “a estância do tio Rodolfo Marques” propor-lhe editar o seu *Tropas e boiadas*. Emocionado, e com os sentimentos em ebulição, descreve, em cores de vívidos tons, a insana exploração dos trabalhadores da terra, indefesos colonos, pelos coronéis, influentes e ganaciosos latifundiários, senhores únicos de uma infame justiça unilateral, forjada por seus interesses em detrimento do sofrido e pobre sertanejo.

* Escritor, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, cofundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e fundador (primeiro ocupante) da Cadeira n° 14 da Academia Goiana de Letras.

Com suas criações sensíveis, com raras doses de ficção, e muitas de realidade, sempre impregnadas do sabor da vida campestre, Hugo, com o talento que o destaca, consegue ser impressionista e expressionista, com invulgar aptidão e admirável vividez, como assinalam críticos e escritores, o que prolonga a repercussão positiva de *Tropas e boiadas*, mais de ano após seu lançamento.

Fim de 1918, dezembro, férias à vista. Hugo colabora com a revista *Interior Goiano* e escreve *Peru de roda e Madre de ouro*.

Decaído, com a solidão a desenhar-lhe fantasmas, Hugo apoia-se em um sonho: a reedição de *Tropas e boiadas*. Escolhe, com o capricho habitual, os contos *Peru de Roda* (com doses sutis de peculiar humor) e os tocantes *Alma das aves* e *Caçando perdizes*, para integrá-los à desejada nova edição. Faz também alguns apontamentos destinados, como diz, a uma “edição definitiva”.

Sempre protagonizado pela dor, pelo desencanto, pelas vicissitudes que atormentam o sertanejo, o texto de Hugo, como um grito de protesto e de alerta, o pedido de socorro ressona sertão adentro, sertão afora, contra a destruição do meio ambiente, provocada pelas queimadas:

“*Pelos dias de agosto, todo o horizonte goiano é um vasto mar de chamas: fogo, queimadas que ardem, alastrando-se pelas gerais dos tabuleiros e chapadões a afugentar a fauna alada daqueles campos*”.

E, em clima de desolação e quase descrença, denuncia os detratores da natureza:

“*A miséria do solo resulta antes da incúria do homem, que atira fogo às derrubadas para a fertilidade da lavoura e destas, quase sempre, transpõe as divisas da roça e vai floresta adentro avançando a sua obra de assolação*”.

Após o sucesso de crítica de *Tropas e boiadas*, seu autor fomenta o desejo de aprimorar sua literatura, mantendo-se fiel ao seu estilo marcante (“*Meu prático veículo será ainda, por muito tempo, a fórmula regional, em seu sentido lato*”). E deixa expresso seu novo ideal: escrever um livro que permaneça, que ultrapasse gerações, que se perpetue no tempo. Inicia-se, pois, para Hugo, um período de excitação literária, de buscas, com o fim de realizar seu embrionário desejo.

Essa pujança criativa motiva-o e provoca-lhe o desejo de renovação. Para trás, ficam o exacerbado romantismo, o enfoque existencial deturpado e suas características simbolistas. Firma-se, de vez, no regionalismo e cria belíssimos textos.

Centrado nesse gênero e, em muitos textos, com destaque para sua grande preocupação, o ecossistema, com maestria e aguçada sensibilidade, enaltece a paisagem com vibrantes cores e invulgar luzimento, como se a pintasse de poesia. E, de certa forma, revela significativa identidade de estilo com um de seus autores preferidos, Coelho Neto; também, deixa evidente a influência de Euclides da Cunha, após repetidas leituras do livro *Os sertões*. Nada disso, entretanto, interfere na originalidade do autor, em sua identidade estilística, no merecido prestígio auferido por sua obra, desde sempre.

Sob os fluidos desse período descontraído, convive mais estreitamente com o amigo Gomes Leite, com Eduardo Tourinho, Antenor Almeida e mais um ou outro literato. Deles recebe, de bom grado, visitas relativamente frequentes. E escreve *Caminho das tropas*, *Mágoa de vaqueiro*, *Poldro picaço*, *Ninho de periquitos*, *Nostalgias*...

Não dura muito a estação da euforia. As recaídas sucedem-se. Hugo não consegue livrar-se de sua sina. E, de

desespero em desespero, de vazio em vazio, mesmo sabendo-se abençoado por um talento que lhe abriu promissoras perspectivas de um futuro de glória literária, Hugo não consegue fugir de seu universo de sombras. Não se vê com forças para reagir aos impactos das sucessivas crises.

Hugo, um jovem talentoso, imortalizado em sua estreia literária, pela densidade e dimensão de sua obra, a única publicada em vida (fora os textos esparsos em jornais), rende-se à desistência. Mesmo sem ser chamado pelo Pai. Todavia, pelas tortas trilhas por onde suas angústias e dúvidas vagaram, as pegadas de seus personagens permanecem.

Um moço cultor de severos princípios, de uma religiosidade explícita, escritor respeitado, mas vencido pela tristeza exacerbada, pela alma em carne viva, pelo abisso que parecia absorvê-lo dia a dia. As asperezas de seus conflitantes momentos desfizeram caminhos e apagaram o futuro, e tudo se perdeu no negrume do assombro, imobilizando-o na desistência.

De alma melancólica, companheira inseparável de sua também inseparável e melancólica solidão, o que muito o amedrontava, jamais conseguiu safar-se do toque ferino do sofrimento, ao contrário, com ele vestiu seus dias e sepultou a própria vida.

Poucos, os escritores que migraram para a Instância Maior, ainda na fase da juventude, e deixaram uma obra, distinguida pelo padrão de qualidade, capaz de impor resistência efetiva ao tempo e firmar-se na literatura, peremptoriamente, como agente de enriquecimento e contribuição indispensável. Hugo, Castro Alves, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu honram esse elenco.

Durante um tempo, *Tropas e boiadas*, já em segunda edição (acrescida de três contos), ficou no limbo, longe do

olhar das gerações literárias da época em que o Modernismo, acontecido um ano após a morte de Hugo, chamava para si toda a atenção, quer de seus detratores, quer de seus adeptos. Mas, em 1938, nova edição de *Tropas e boiadas* vem à luz e, com ela, acende-se seu prestígio definitivo em nossas letras, o que levou, algum tempo à frente, Mário de Andrade, em célebre conferência sobre o Movimento Modernista, na Casa do Estudante do Brasil, a afirmar categoricamente: “(...) Ser hoje em dia uma exigência cultural a leitura dos contos de *Tropas e boiadas*. A partir de então, a obra tornou-se, definitivamente, cativa de antologias de contos e de incontáveis estudos acadêmicos. Sem dúvida, a obra de Hugo de Carvalho Ramos, vista, ao ser lançada, como uma promessa de futuro, foi incorporada, com força representativa, ao patrimônio literário brasileiro, com reflexos na literatura além-Brasil.

A memória de Hugo de Carvalho Ramos, portanto, sobreviverá, geração, após geração. E a obra que ele queria escrever para ficar impressa para sempre no acervo da posteridade, ele já havia escrito: *Tropas e boiadas*. Bastou-lhe essa para eternizá-lo.

TRECHOS DE ALGUMAS CARTAS DE HUGO A SEUS IRMÃOS

A Victor:

“Sabes o que mais me seduz no Rio? É poder conhecer e admirar mais de perto o grande estilista de ‘Inverno em Flor’, ‘Pelo Amor’, ‘Jardim das Oliveiras’... enfim – Coelho Neto! E quando digo o C. Neto, não é só a êsse estilista inimitável da pena que me refiro, porém a tôda a coletividade de artistas que gravitam como planêtas ou simples satélites em tórno do foco principal, a tôdas as ramificações e sub-divisões da Arte que a personalidade do esteta simboliza.”

“Tenho por aqui feito várias caçadas e pescarias em canoa pelo Paraíba. A terra de Gomes Leite é em tudo encantadora. À noite fito o cume do Itatiaia, ao luar... Vou-me fortificando. Espero que me dê notícias tuas.” (Rezende, 20 de março de 1921, último cartão).

À Ermelinda:

“Tenho aqui uma rodazinha de admiradores, que forma uma como pequena côrte de dois ou três diletantes, dos meus rabiscos. Isto já consola; demais, são os os únicos traços

que deixarei aqui da minha passagem... sou só, nunca amei, nunca (assim o creio) me amaram. Aí no Rio, felizmente, passarei despercebido e serei tomado na conta de ignorante, tabaréu, ou, pelo menos, de refinado medíocre. E têm razão. – Que perfeito *urso* não serei eu aí, eu que não sei conversar, que ninguém cumprimenta, que não frequento mesmo em Goiás sociedade ou diversão alguma, que tenho uma completa ignorância dos hábitos mundanos, que evito palestra e fico perturbado com a conversação de um meu simples semelhante, que dou inúmeras voltas para não encontrar êsses bípedes de idéias tacanhas...”

“Blasfêmia ou não, não creio nem nunca acreditei no amor”. (...) “dizem-me *simpático das moças*. Não o sei nem nunca procurei sabê-lo, sendo, aliás, bem conhecidas minhas opiniões sôbre elas. Serão (não me chames fátuo) como o molosso que quanto mais se lhe bate, mais nos quer? Perdoa-me a comparação, mas não encontrei outra mais justa e adequada. E o que faria encher de vaidade as bochechas a qualquer um dêsses coiós que abundam por aí, não me causa senão tédio. Entretanto, não penses que as detesto. Não; admiro tudo quanto é estético e sinto-me tomado de profunda admiração quando vejo um espécime bem talhado do sexo oposto”. Mas há um caso a que ele se refere, em forma de confidência, à irmã, que parece cutucá-lo, sobre um colóquio amoroso, no Rio, do qual Hugo se mostra arrependido: “Quanto àquela Z... de que falas, bem sabes que já se me varreu da idéia essa fraqueza há mais de um ano. Não havia perigo, pois, para as Grazielas que viessem a aparecer, se não fôra o propósito meu de ser insensível e superior desde então a semelhantes infantilidades...”

ECOS DA MORTE DE HUGO

Henrique Silva e Lima Barreto não contiveram o desapontamento e, em *A Informação Goyana*, jornal em que Hugo atuou, externaram a grande tristeza e vazio que o ato fatal de Hugo causou à literatura, privada, a partir de então, de seu talento e do futuro que o consagraria mais e mais.

Escreveu Henrique Silva: “Cheios de piedosa saudade pelo autor extraordinário de *Tropas e Boiadas*, é que cumpri-mos o triste dever de registrar o prematuro desaparecimento (...). A Redação”.

“É infausto noticiar a morte de um autor jovem, cuja inteligência se manifestou no estudo de cousas brasileiras e para o ensinamento dos brasileiros”. Lima Barreto.

O prestígio do escritor Hugo de Carvalho Ramos fez-se mais notado ainda quando, um mês depois de sua morte, sob a liderança de Andrade Muricy, escritores e admiradores reuniram-se na Biblioteca Nacional, cujo presidente era o poeta Alberto de Oliveira, para homenagear, de forma comovente, o autor de *Tropas e Boiadas*. E lá, também, estava o escritor José Xavier de Almeida Júnior, que ocupou a Cadeira Nº 13 da Academia Goiana de Letras.

ALGUMAS VOZES CRÍTICAS

GOMES LEITE:

Hugo, para escrever os seus contos regionais, fazia o que ninguém com arte fez até hoje no Brasil: encarnava-se no homem rude das taperas para ver com os olhos dele a beleza bárbara do sertão através dos seus aspectos mais característicos. Ele contava como mestre o que via como sertanejo (...). Era tão superior à precária admiração da posteridade que, antes de morrer, destruiu todos os seus escritos inéditos, rasgando um por um os seus últimos contos e os versos feitos na última quadra de sua vida. Entretanto, ninguém mais legitimamente do que ele poderia aspirar à glória de escritor do Brasil. O seu pendor para as letras foi dos mais decisivos.

M. CAVALCANTI PROENÇA:

Deste início de leitura é fácil de ver que o estudo da expressão regional é a trilha que nos levará à compreensão da obra literária desse escritor goiano. E o que se deve assinalar primeiro, porque mais importante, é a estilização de giros sintáticos e do vocabulário regional, dando à palavra estilizada o conceito de aproveitamento estético do material colhido na linguagem

sertaneja. Segundo esse conceito, Hugo de Carvalho Ramos se nos apresenta como realista, quando reproduz pormenores da vivência humana e como regionalista, quando transpõe essa busca de fidelidade literária para o ambiente rural, com sua especificidade de fâcies natural e de procedimentos sociais. Como regionalista Hugo de Carvalho Ramos pertence ao grupo a que poderíamos chamar documentarista, de vez que sua obra artística transborda da pura função estética para o aproveitamento pragmático do material sociológico, e até geográfico, presente nas descrições de paisagens e ambientes. (Literatura do Chapadão – ensaio – 5ª, 7ª e 8ª edições de Tropas e boiadas).

VIRIATO CORRÊA:

Dois meses após a morte de Hugo de Carvalho Ramos, Viriato Correa é abordado em uma rua do Rio, em certa noite, pelo escritor Adelino Magalhães, autor de *Tumulto da vida*, que lhe pergunta, abruptamente:

– *Leu você, algum dia, por acaso ou de propósito, as Tropas e Boiadas?!*

– *Li e três vezes, Viriato responde-lhe animado.*

– *Que lhe pareceu o livro?'*, completa Adelino.

– *Só se lê três vezes, um livro maravilhoso. E não pude conter o entusiasmo. Nestes últimos anos fora a obra de mais alta emoção regional que me tinha passado pelas mãos e pelos olhos. Bem poucos livros regionais eu havia lido com tamanha emoção. E o sentia como sentira os maiores livros do regionalismo brasileiro: Inocência, de Taunay, Pelo Sertão, de Afonso Arinos, Maria Bonita e a Fruta do Mato, de Afrânio [Peixoto], Mau Olhado de Veiga Miranda, Urupês, de Monteiro Lobato, o Sertão, de Coelho Neto, Os Sertões, de Euclides, arremata Viriato.*

GILBERTO MENDONÇA TELES:

(...) Os três elementos básicos do regionalismo de Hugo – as tropas, as boiadas e o cenário – correspondiam à própria visão antropológica do escritor.

*Na minha primeira leitura crítica da obra de Hugo de Carvalho Ramos, chamei a atenção para um traço estilístico que, a partir do ponto de vista do narrador, colocando-se às vezes em Goiás e outras (a maioria) no Rio de Janeiro, definia uma situação de angústia cultural, de que o autor havia sido protagonista. Aqui narrador e autor quase se identificam: o de dentro da obra é bem simétrico à situação do de fora e elementos documentais do contexto não devem ser desprezados na compreensão do sentido último das narrativas, isto é, dos contos. (Notas para a 8ª edição de *Tropas e boiadas* – RJ/1998).*

NELLY ALVES DE ALMEIDA:

*Hugo de Carvalho Ramos preocupou-se com a atmosfera que tudo cerca – homens, cousas, paisagens, belezas de sua tã central e tão esquecida, então, do resto do Brasil. Com técnica admirável, soube sondar, eficientemente, o estado psíquico do sertanejo, soube aproveitar os elementos sociológicos e geográficos revelando grande apego ao seu torrão natal. (*Estudos sobre quatro regionalistas*, Goiânia, 1985).*

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES LIMA:

Hugo de Carvalho Ramos refletiu pela primeira vez a vida larga e desconhecida do sertão goiano, num período em que o Brasil se preparava para a revolução literária de 1922.

Nos contos do jovem contista goiano, desponta um realismo social – telúrico que traduz uma abordagem de um nacionalismo crítico, uma vez que, o escritor redescobre o Brasil através do seu Estado – seu Goiás sertanejo e, ao mesmo tempo, denuncia a tradição feudalista, o coronelismo – com seus desmandos e ambições –, a sobrevivência humana, a pobreza da mentalidade que envolve a sua gente, o misticismo, as crendices, os usos e os costumes (Vestiletras de O Popular).

HELENO GODOY:

Tropas e Boiadas é a única obra goiana referência em todos os livros de literatura brasileira. Sem esse livro, não existiria a tradição literária capaz de insuflar o surgimento da obra de Bernardo Êlis e do mineiro Guimarães Rosa. (Trecho de palestra proferida na Faculdade de Letras da UFG).

WÂNIA MAJADAS

Homem de temperamento sensível, que buscava constantemente a solidão, mas ao mesmo tempo, temendo-a, H.C.R. era detentor de alma seduzida pela natureza de campos verdes e ondulados brilhantes ao sol, o que o fez produzir uma literatura altamente lírica e universalista, apesar do regionalismo nada epidérmico. Antes de Guimarães Rosa, Hugo de Cavalho Ramos já havia palmilhado os caminhos complexos do universal dentro do regional. Há um forte grau de autoconsciência em sua obra, pois não abandonou as tradições, a memória do homem do campo, mas soergueu-as com sua capacidade de valorizar e sentir as coisas, mostrando que, em princípio, somos todos a própria terra dentro do complexo de nossa própria consciência.

O ANJO DE HUGO: VÍCTOR DE CARVALHO RAMOS

O grande desejo de Hugo, a reedição de *Tropas e boiadas*, só se realizou após sua morte. Por intermédio do irmão Víctor, a 2ª edição foi providenciada. Detalhe curioso: Monteiro Lobato & Companhia, de São Paulo, reeditou o livro, em 1922, prefaciado por Gomes Leite. Víctor encarregou-se da biografia do autor. A essa 2ª edição, incorporaram-se os três contos selecionados por Hugo.

Há notícias de uma 3ª edição de *Tropas e boiadas*, 1938, pela Livraria e Editora Record (L.E.R.). Bastante truncada em seus dados catalográficos, ao que tudo indica, integrou a Série *Os Sertões do Brasil*, coordenada por João Accioli; juntados à referida edição, *Recordação de Hugo de Carvalho Ramos*, de Sílvio Júlio e o conto de Hugo, *A madre de ouro*; foi reconduzida ao lugar de origem, a dedicatória (curioso: em nenhuma das outras edições ela é citada) e retirado, o conto *Pelo caiapó velho*.

Até agora, a mais esmerada edição de *Tropas e Boiadas*, a 5ª, de 1965, publicada pela José Olympio Editora, Rio de Janeiro, reúne, sob acurada revisão, todos os textos das edições anteriores, inclui *Dias de Chuva*, preserva a biografia elaborada por Víctor, contudo, elimina os prefácios das edições anteriores, e, como introdução, acrescenta o ensaio “Literatura do Chapadão”, de M. Cavalcante Proença. Outras

vieram à luz, e, só para efeito de ilustração, cito-as: a 6ª edição da Livraria e Editora Cultura Goiana (Goiânia/GO), em 1984; Editora Itatiaia (BH), 7ª edição, 1986 – nela, o escritor goiano Carmo Bernardes faz algumas observações; a edição do CEGRAF, Editora da UFG, a 8ª, é enriquecida pelo texto introdutório, “Notas para a 8ª edição de *Tropas e boiadas*”, do escritor goiano Gilberto Mendonça Teles. Entretanto, nenhuma dessas edições apresenta novidades, a não ser um ou outro detalhe. Todas se embasaram na edição da José Olympio.

Víctor, o maior difusor da literatura do irmão, é o responsável pela publicação, em 1950, das “Obras Completas de Hugo de Carvalho Ramos”, às quais foram acrescentadas inéditas páginas, dentre elas, *Hinário* e *Turris Ebúrnea*, destacadas pelo estilo simbolista e escritas no mais dramático período da vida de Hugo, além de *Plangências*, na verdade, sua primeira obra (a maioria dos textos foi elaborada antes de *Tropas e Boiadas*), publicada também em São Paulo, 1950, pela Companhia Editora Panorama, da qual constam *A esmo*, *Últimas páginas*, *Correspondência*; **poemas**: *Pórtico*, *Transfiguração*, *Desalento*, *Saudade póstuma*, *Broquel partido*, *Noturno*, *Bálsamo*, *Dionisiacas*, *Sol dos trópicos*, *As três Graças*, *Piquizeiro da chapada*, *Ilha dos Amores*, *A Vizinha*, *Floresta* e *A um artista*; **crítica literária**: *A um poeta*, *Os humoristas*, *Cratera*, *Caravana dos destinos*, *Pampa* e *Despertar*. E, como não poderia faltar, a já consagrada *Tropas e Boiadas*, que o tornou um dos magos do regionalismo brasileiro e o mais notável de Goiás.

De forma emocionada e repleta de orgulho, sem, contudo, tisonar a coerência e a fidelidade de seu aguçado e imperativo senso crítico, Víctor fala do irmão na obra *Letras Goianas – Esboço Histórico*: (...) “*Havia dentro dele uma força estranha, irresistível, que o impelia para fora de si mesmo. Desde criança revelara tendências ao misticismo, à revolta contra*

tudo que podia inferiorizar o espírito humano, rebaixando-o à simples animalidade. Seu espírito pairava alto, num mundo de sonhos e fantasias. Atormentavam-no noites seguidas de insônia. Sempre triste, não compreendia as realidades práticas da vida: ‘Nunca, viverei dos frutos da inteligência; não farei de minha Arte uma profissão’, afirmava ele “.

Víctor via Hugo como “*inspirado poeta*”. E afirmava: *Só os íntimos lhe conheciam os versos, que não publicava. E, de forma veemente, reverenciou o irmão destacando-lhe a qualidade poética: Sua poesia espontânea, musical, tem o encanto das flores silvestres e está muito acima dos comuns versejadores.*

A sensibilidade de Víctor captou as entranhas da poesia huguiana. E há que se concordar com ele. O poder criativo de Hugo, quer na prosa, quer na poesia, sempre foi a marca de sua genialidade. O soneto *Paisagens Goianas* bem o comprova:

*Estranha sinfonia andam nalva vibrando
batuínas e xeréus, sanhaços e azulões;
por sobre os buritis das marrecas o bando
vai, em arco, guinchando em busca dos sertões.*

*A palma da indaiá, como velame pando,
freme ao vento. O assa-peixe inclina os seus florões
sobre a tropa, a passar, das madrinhas ao mando,
e estruge na vereda o grito dos peões.*

*Acorda a várzea em festa. É a ronda das falenas!
A “chuva de cajus” enflorou as campinas
para onde erguem o vôo multicolor das antenas.*

*Vão as emas, ralhando, através da malhada.
Treme o rocío... E ao sol, que aponta entre colinas,
pulverizam-se em luz as gotas da orvalhada.*

MEU MOMENTO ESPECIAL

Pois é, Victor tinha razão. Tanta, que os poemas de Hugo não se perderam no anonimato, ao contrário. Descobertos, fizeram jus à inclusão no livro, publicado em 1952, *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, do curitibano, crítico de música e de literatura, Andrade Muricy (José Cândido).

Ao inteirar-me da constatação de Víctor, acerca dos valores singulares do Hugo poeta, reportei-me a Willian Carlos Willians: “*Não é fácil encontrar novidades em poemas; mas homens morrem miseravelmente todos os dias por falta do que neles existe*”. Por concordar com ele, e sob as bênçãos especiais de um momento em que meu sonho, zonzó, como se extravasado de sol, embalava-se na cantiga evolada de minha emoção em alvoroço – era o dia 21 de setembro de 2000, antevéspera da primavera –, pedi permissão a Hugo de Carvalho Ramos, Patrono da Cadeira 14, da Academia Goiana de Letras (seu primeiro ocupante, Víctor de Carvalho Ramos), na qual acabava de ser empossada, para espalhar naquele Sodalício – santuário das letras goianas –, onde morou seu idealizador, Colemar Natal e Silva, um pouco do aroma dos versos que compõem um de seus belos sonetos. Como quem cala, consente, senti-me presenteada por meu patrono, ao intuir seu consentimento. Naquela tarde de alegria luzente,

rodeada por intelectuais, familiares, amigos e autoridades, declamei um quarteto e um terceto do poema *Meio dia*:

Volve a calma.

O meio dia aquece a encosta. Apenas

abebera-se o gado. E ei-lo à sombra: rumina.

Catam-no os gaviões, que, aos pinchos, batem penas.

Mas do ingazeiro em flor na mais alta ramada,

um zumbi abre o canto estival em surdina...

E trilos de cigarra explodem na chapada.

Como se hipnotizada, pressenti a presença de Hugo em forma de arrepio. E confidenciei-lhe: se não for pedir-lhe muito, meu Patrono, unja-me sempre de bênçãos literárias para que não me sinta pequena demais para honrar a cadeira que, doravante, ocuparei! E obrigada por deflagrar toda esta minha emoção, ao permitir-me espargir fluidos de sua sabedoria neste templo da cultura goiana, nesta Casa Colemar Natal e Silva, sede da Academia Goiana de Letras!

Ao encerrar meu discurso de posse, imaginei-me sob um *carvalho*, à margem de um rio em coleios fascinantes, abanada por seus *ramos*, a contemplar o que Hugo, por certo, colheria com sua sensibilidade requintada. E, seduzida pelo instante, alardeei ao vento: minha afinidade com Hugo vai além da Cadeira 14 e do ofício da escritura. Também, ostento um Carvalho de raiz (origem materna), e o berço de minhas ascendências está fincado, assim como o dele, nos sertões da Bahia e de Pernambuco. Hugo nasceu para a imortalidade em um dia 21 (de maio), e eu para a vida acadêmica, também em um dia 21 (setembro). Esses pontos em comum fascinaram-me.

O FANTÁSTICO EM JOSÉ J. VEIGA E SUA OBRA FANTÁSTICA

“Uma coisa que eu fazia muito era pegar um trecho de um escritor e dizer: puxa vida! isso aqui está bom, mas ele não trabalhou bem, podia ficar melhor assim... Então eu ia reescrever o livro do pobre homem que não estava nem sabendo”.

José J. Veiga

É notório que a ‘literatura fantástica’, ou ‘realismo mágico’ só tomou fôlego. no Brasil, no limiar do século XX. Antes, no século XIX, despontou com os contos macabros e vampirescos de *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, em 1855, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance de Machado de Assis – o narrador é um defunto – levado a público desmembrado, isto é, em capítulos, à moda folhetim, entre março e dezembro de 1880, na *Revista Brasileira*. Ambos cunhados no sobrenatural, marcados pelo absurdo, por climas sombrios e situações mórbidas.

Os críticos não se interessavam muito, ou não tinham um olhar aguçado para esse gênero literário (ainda hoje, isso é perceptível). Sílvio Romero, em *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1882), referiu-se, linearmente, como ‘imaginação ardente’ e ‘fantasia’, a essa modalidade literária que, à sua época, não se chamava ainda ‘literatura fantástica’. Por isso, José Hildebrando Dacanal é considerado vanguardista na pesquisa e análise dessa literatura no Brasil, com a

publicação, em 1970, de *Realismo mágico*, enfatizando, em seu estudo, as características encontradas nos romances *Fogo Morto*, de José Lins do Rego (1943); *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1956) e *O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho (1964). Também Antonio Hohlfeldt fez alusão ao gênero, em sua obra *Conto Brasileiro Contemporâneo* (1981), mas deixou nítida sua preferência por “conto alegórico” em vez de “literatura fantástica”.

Autores do porte de Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Aluísio de Azevedo, Raul Bopp, Moacyr Scliar e outros poucos se arvoraram em perscrutar as trilhas do fantástico/absurdo. O goiano José J. Veiga destaca-se entre eles e, segundo renomados críticos, está lado a lado com o mineiro Murilo (Eugênio) Rubião, reverenciado por vários estudiosos como o legítimo ‘pai’ do gênero no Brasil, ao qual se dedicou integralmente, desde que, nos idos de 1947, trouxe à luz, estreante no ofício de escritor, o livro de contos *O Ex-Mágico*, em que seu protagonista, um mágico, tira animais do bolso, amputa as próprias mãos para reconstituí-las logo depois, tudo explicitado em um humor negro de causar assombro. Todas as suas obras seguiram a linha da ‘literatura fantástica’, ou ‘realismo mágico’, independente de como é chamado o gênero pelos críticos de ontem ou de hoje.

Embora os dois contistas sejam os mais estudados e saudados como representantes maiores dessa vertente literária, José J. Veiga sempre pediu aos críticos o devido cuidado ao rotularem sua obra de ‘literatura fantástica’, pois nunca a viu assim. Defendia que, assombrações, fantasmas, medos, pesadelos, o escuro, tudo isso compunha o imaginário infantil, tinha origem nas histórias contadas às crianças pelos adultos. O fantástico, portanto, sob sua ótica, nada

mais que a realidade distorcida, vestida de mitos e de fantasias infantis absorvidas e dimensionadas por gente grande e repassada à literatura.

E foi com muito entusiasmo e carinho, que bisbilhotei a vida – pessoal e literária – de José J. Veiga, lembrando-me do contato que tivemos, e de suas peculiaridades que me foram confienciadas por meu confrade na Academia Goiana de Letras/AGL, Luiz de Aquino, e por outro imortal, esse, da Academia Brasileira de Letras/ABL, o saudoso Antônio Olinto.

Ficcionista e poetisa que sou, não perdi a chance de romancear momentos, de hiperbolizar situações, de poetizar circunstâncias. Naturalmente, sem descambar para o inverossímil. A ‘liberdade poética’, portanto, não descaracterizou o perfil de José J. Veiga, quer no campo pessoal, quer no literário: deu-lhe, sim, mais molejo; não ultrapassou as demarcações do razoável, enfeitou-lhe a realidade; não violou o respeito que sempre devotei ao autor e à sua obra, ao contrário, trouxe à luz e valorizou, de modo bem informal, seus aspectos mais pitorescos e menos conhecidos

Assim, por não ser crítica literária (não cometeria a leviandade e ousadia de arvorar-me em tal), apenas, amante e praticante de literatura, o valor deste trabalho resvala no cunho afetivo, apesar do embasamento que as leituras e pesquisas me propiciaram, o que redime meu amadorismo e minha carência de conteúdo na esfera da crítica. Mas, na verdade, a proposta que recebi fundamenta-se justo nisso: passear, sem compromissos conceituais ou formais, como simples curiosa, sobre a história de vida de José J. Veiga. Foi o que fiz, uai! Brinquei a valer. Diverti-me demais da conta. E muito aprendi.

O "MATUTO PRA BURRO" QUE DEU CERTO

Em Corumbá de Goiás, cidade acanhada e bela por obra e desvelo da natureza, incrustada de História, fincada no coração de Goiás, a 150 km de Goiânia, capital do Estado, nasceu José Veiga, em 2 de fevereiro de 1915, sob o Signo de Aquário. Para os detalhistas, no entanto, o nascimento deu-se no sítio Morro Grande que se imiscuiu entre Corumbá e Pirenópolis. Pelo visto, só para causar confusão. Todavia, como o que vale é o registro no Cartório e, por tabela, a Carteira de Identidade, Corumbá, então povoado pertencente a Pirenópolis, ganhou a pendenga, e dissipou qualquer controvérsia. Isso, oficialmente, é bom que se frise, pois, como há sempre algum engraçadinho de plantão, um deles, certa vez, em tom de troça, disse a Veiga que ele era de corumbópolis, o que o fez sorrir, balançar a cabeça e, com um gesto manso e indefinido com a mão, saudar o bom humor goiano. O engraçadinho em foco, na verdade, uma sem gracinha: eu. Mas, como diz o provérbio, “Antes cair em graça do que ser engraçado”. Assim...

Segundo na linhagem filial, José Veiga devotava muito respeito e admiração pelos pais, Luís Pereira Veiga, pedreiro de pouca instrução e não afeito a leituras, e Maria Marciana Jacinto Veiga, ao contrário, apreciadora dos livros.

Na pacata Corumbá, passou a infância pobre, mas cheia de folguedos e peraltices, colhendo frutas e verduras

no quintal de casa. Alfabetizado pela mãe, pouco depois, frequentou a única escola local, “muito antiga e parada”, que usava palmatória para punir, apenas, os alunos negros; os brancos recebiam castigos brandos. Esse tempo mudou quando duas irmãs, ambas professoras, chegaram à escola e efetuaram mudanças radicais, que modernizaram a forma de ensinar, com o intuito também de proporcionar melhor e mais abrangente formação às crianças que ficavam acesas à espera das atividades extraclasse, como passeios ao campo, encenações teatrais, declamação de poemas; essas práticas adotadas motivaram demais os alunos: vibravam ao contato com as flores, com a natureza, e empolgavam-se com os ensaios para as futuras apresentações. Sentiam-se artistas.

A cidadezinha possuía uma minibiblioteca (fundada por um padre já falecido), única oportunidade de leitura para a comunidade; mas só abria esporadicamente e, quando isso acontecia, os interessados desabalavam-se para lá, à cata dos livros; José Veiga, que vigiava, de perto, a chegada desse momento tão esperado, era o primeiro a entrar e a apanhar os livros. Lia tudo, indiscriminadamente.

Aos dez anos, a tristeza povoou a casa dos Veiga: a morte prematura de dona Maria Marciana, no parto do sexto filho, tumultuou a estrutura familiar. Situação crítica instalou-se ali. Tocados pelos desdobramentos ocasionados por tamanha perda, os tios, modestos fazendeiros, tomaram para si a responsabilidade de, cada qual, assumir um dos seis sobrinhos.

Na propriedade rural para onde se mudou, José Veiga, desolado com a perda irreparável da mãe, estreitou contato com as bonitezas naturais, ratificando sua preferência pelo bucolismo, pela paisagem de vários tons e sons do campo,

à pasmaceira da pequenina cidade. Detalhe interessante: no sítio, deparou-se com alguns livros de poemas, um deles, antologia portuguesa, e degustou-os com entusiasmo e curiosidade, declamando-os em surdina. Outras opções de leitura, almanaques ofertados pelos laboratórios, como brinde de Natal, e a revista *Eu sei tudo*, às vezes, conseguida por empréstimo. Assim, burilava, mais e mais, o gosto pela leitura, o que, por certo, já era indício de seu pendor literário. Tal interesse despertou a atenção de uma das professoras que percebeu tratar-se de um menino diferenciado, muito inteligente, que “tinha futuro” e, portanto, deveria ir para a capital do Estado, cidade esparramada pelos becos e ladeiras que construíram sua História, sob o olhar atento e lânguido do Rio Vermelho. Seria um desperdício deixá-lo à margem do que a capital teria a oferecer-lhe, opinião respaldada pelos tios lá residentes.

Assim, aos 12 anos, mudou-se para Goyaz; inicialmente, morou com os parentes da professora que, de imediato, providenciou-lhe a matrícula no Lyceu; depois, residiu em casa dos tios.

O mundo parecia-lhe mais crescido e dinâmico. Tudo lhe era novo. Tinha acesso ao Gabinete Literário e à Biblioteca do Convento dos padres dominicanos (aí, as obras, mais direcionadas às moças, chegavam-lhe por intermédio de uma prima). José Veiga lia o que encontrava, com denotado prazer. Comprazia-se com a leitura de autores brasileiros, portugueses e traduções francesas. Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, Bernardo Guimarães tornaram-se seus companheiros do dia a dia. Com Victor Hugo e Alexandre Dumas, dividia aventuras e refestelava-se com o tom heroico das histórias. Adiantado nos estudos, começou ler em francês, e aprendeu,

para o gasto, com um professor austríaco, o inglês, porém, sentia-se mais apto a praticá-lo na escrita. Percebeu, então, aos poucos, que o Lyceu era, apenas, uma portinhola de um mundão que ainda desconhecia, mas que, aos poucos, lhe mostrava sua enormidade e ramificações.

18 anos, um marco significativo na vida de todo jovem e, no caso de José Veiga, mais ainda: a conclusão do ginásial. Todavia, essa conquista despertou a consciência do rapaz para a carência de perspectivas tão comuns à cidade. O trabalho seria o primeiro passo para levá-lo a outros rumos. E, lá mesmo, assumiu a condição de balconista das Casas Pernambucanas, atividade que desenvolveu por dois anos. Todavia, não era o que queria; caminhos mais longos, estava convicto, existiam e, mais cedo ou mais tarde, tentaria buscá-los, embora soubesse das dificuldades a serem enfrentadas, afinal, era um rapaz pobre e “matuto”. Apesar disso, guardava seu sonho com carinho, prometendo-se, um dia, concretizá-lo.

A novidade da vez, na pequena Goyaz, a vendinha de um judeu polonês, Oscar Breitbarst, de cultura ampla, altruísmo comovente e visão de mundo dilatada. Lá, a criançada fazia ponto para comprar refrescos de groselha, e José Veiga aproveitava toda ocasião para desencadear conversa com o polonês, de quem se tornou amigo. Boas e instrutivas prosas mantinham quase diariamente. Para sorte do Zé, o Veiga.

Um sucesso e tanto a ideia dos refrescos. Alegria aos borbotões, em especial, das crianças e do comerciante. Os pais que cuidassem de seus bolsos ou bolsas, pois a filha-da-fazia a festa. Também, excelente oportunidade para José Veiga conviver com Oscar, o imigrante polonês. Aliás, bem mais que excelente, promissora, feliz oportunidade! Certamente, mais uma artimanha do acaso, pensaria o rapaz,

corroborando o palpite de sempre: sua vida era “feita de aca-sos”. E ele estava certo, ah! se estava!

Certo dia, o comerciante chamou José Veiga e o induziu, com argumentos sólidos e irrefutáveis, a mudar-se para um centro adiantado, São Paulo ou Rio. Um dos argumentos: o moço tinha potencial, era inteligente, dedicava-se à leitura com muito gosto, e não poderia ficar confinado em um lugar tão limitado. José Veiga surpreendeu-se com o incentivo, e, logo, mostrou ao interlocutor o que o impedia de acatar tão instigante conselho: sua precária condição financeira.

Oscar, condoído, fitou a tardezinha que iniciava seu ritual de debandada, já vestida com trajes de noite, coçou a cabeça, espalmou a preocupação para longe da testa franzida e, com força, socou o balcão, num gesto decisivo. José Veiga desentendia-se do significado de tudo aquilo. Então, a surpresa maior, a oferta do polonês, quase nocauteou o atordoado José: 400 mil réis para a passagem e primeiras despesas. O rapaz, à moda camaleônica, de início, empalideceu de susto e, depois, vermelhejou de constrangimento. Os olhos, como se neblinando, irrequietos, zigueolhavam ali e acolá. Nas mãos, leve tremor. Cambaleante, a voz conseguiu, apenas, murmurar agradecimentos emocionados. O abraço carinhoso misturou-se à esperança e, juntos, selaram aquele momento que ficaria tatuado no coração e na mente dos dois para sempre.

Sua pretensão de buscar horizontes largos, perspectivas maiores e espaço mais propício para crescer atrelou-se ao conselho e à ajuda do amigo comerciante, e o Rio de Janeiro, a capital Federal, desenhou-se em seus sonhos como ponto de partida para a edificação de seu futuro, afinal, era sabido que, por aquelas bandas, circulava a intelectualidade pujante da época. Repetia isso, para si, com o intento de convencer-se

e encorajar-se, o que era natural para um adolescente interiorano, pobre e retraído, que, de repente, vê-se lançado ao que lhe parece uma grande aventura, pois aí, sim, a ideia da enormidade do mundo avolumou-se infinitamente.

Aos vinte anos, pois, arregaçou o ânimo, amparado pelo ‘empurrão’ do seu anjo da guarda judeu, soltou o sonho que pulsava tímido, apesar de sua robustez admirável, e pegou a estrada. Primeiro, o ‘especial’ (automóvel fretado) para Leopoldo de Bulhões – àquele tempo, ponta da linha férrea – e, de lá, seguiu para o Rio de Janeiro. A ansiedade acompanhou-o por todo o percurso; sem dar-lhe trégua, chegou à Capital Federal, com os ideais luzindo confiança e muitas expectativas, como um “matuto tímido pra burro”, como se definia.

No afã de acomodar-se, saiu em busca de uma pensão e deu de rosto com Glauco Baiocchi, também de Goyaz, que o convidou para morar com ele, na Lapa, onde já residia com o irmão. O convite dispensava aluguel. Oba! Que início animador: moradia gratuita e 400 mil reis para as despesas com alimentação. Ah! os acasos, benditos acasos!

Um emprego, o objetivo da vez. Nem tão difícil assim, concluiu, após saber que Glauco preparava-se para a Escola Militar. Por que não seguir os passos do amigo? Foi o que fez. Os livros usados por Glauco eram aproveitados por José Veiga. Munidos de muita ansiedade, ambos aguardavam o exame. Mas ele não aconteceu, por ‘falta de vaga’, dizia o comunicado do Ministério da Guerra. Decepcionado, o conterrâneo voltou para Goyaz. José Veiga permaneceu no Rio. A procura por emprego, sua prioridade.

Getúlio Vargas, há 5 anos, estava no poder, ascensão alcançada por vias tortas, de forma revolucionária. Um giro

rápido por aquele tempo explicará que Vargas, Presidente** do Rio Grande do Sul, após candidatar-se a presidente da República, e ser derrotado pelo candidato da situação, Júlio Prestes, à época presidente de São Paulo e correligionário do presidente da República, Washington Luís, ficou inconformado.

Por um tempo, Vargas assumiu um posicionamento obscuro: ora trocava cartas cordiais, elogiosas e solidárias com o presidente Washington Luís (publicadas em *O Paiz*), ora atacava-o em suas rodas políticas; isso fazia despencar seu prestígio, despertando a desconfiança de muitos; com a imagem deteriorada, seus críticos, tanto na Câmara, quanto no Senado, chamavam-no de ‘duas caras’, afinal, ele ‘acendia uma vela a Deus e outra ao diabo’. Genuíno traidor, na visão de alguns políticos. Esse inconsistente jogo duplo desagradava correligionários e adversários. Um líder não poderia esconder-se nas sombras, ou adotar posturas dúbias. Sentindo o peso de sua indecisão, Vargas recompôs-se, fortificou sua posição de destaque na Aliança Liberal, que fazia oposição ferrenha ao partido republicano do presidente do Brasil, e uniu-se aos aliancistas, organizaram o movimento armado, enraizado em Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, prepararam e deflagraram um golpe de estado, a famosa Revolução de 1930, que destituiu do poder Washington Luís, e inviabilizou a posse de Júlio Prestes. Desaparecia a República Velha e Getúlio Dornelles Vargas assumia o poder.

O argumento dos golpistas para tal desfecho, o assassinato de João Pessoa, presidente do Estado da Paraíba e vice-presidente na chapa de Vargas, pelo adversário político e rival, João Dantas (ambos cortejavam e amavam a professora e poetisa Anayde Beiriz), com dois tiros à queima roupa,

** Presidente, naquele tempo, equivalia a governador

dentro da Confeitaria Glória, na Rua Nova, centro de Recife, já ao poente do dia 26 de julho, uma sexta-feira, daquele conturbado 1930. A propósito, João Dantas era meu tio-trisavô.

Bem, José Veiga continuava firme no seu desejo de progredir, independente do momento político. Tudo lhe era novidade, e toda descoberta causava-lhe excitação, motivava-o. Assim, arranjou o primeiro emprego: propagandista de laboratório (ficou pouco tempo; queria muito mais). Nesse período, adquiriu o hábito de ir aos sebos comprar livros. Queria retomar os estudos, mas só poderia fazê-lo à noite. Descobriu que a Faculdade Nacional de Direito ministraria aulas também no período noturno; submeteu-se ao exame, e iniciou o curso jurídico.

Um dia, tarde em bicas, calor abrasivo, Veiga saboreava um sanduíche quando ouviu no rádio: “Você quer ser locutor?”. Era a rádio Guanabara. Será...?! E por que não?! – pensou Veiga, imagino. Para lá, dirigiu-se. Fez a inscrição, o teste, foi aprovado e, de imediato, contratado, tornou-se locutor da Rádio Guanabara, ofício que exerceu por quatro anos, e que bem lhe garantiu o sustento.

Mas seu projeto de vida ia muito além do que se poderia supor. Seguro disso, e impelido pela juventude, escavava, continuamente, oportunidades, com persistência e afinco, sempre obstinado em descobrir novas possibilidades de crescimento, de aprimoramento.

Já há dois anos no Rio, nova façanha de Getúlio Vargas: a deflagração da ditadura, uma nódoa na História brasileira. Aí, sim, José Veiga injuriou-se com os atos do ditador. O fechamento do Congresso, o estabelecimento da censura (Veiga trabalhava no rádio), soldados espalhados pelas ruas, as pessoas impedidas de se locomoverem, tudo isso deixou-o

revoltado. E, sob imenso desencanto, alheou-se das coisas que ocorriam no Brasil. A indignação de Veiga levou-o a dizer incontáveis vezes: *Acho que 10 de novembro de 1937 foi o dia em que tive mais raiva na minha vida.*

O desejo de deixar o país, motivado pela ditadura, surgiu, e a cada dia, inquietava-o mais; com o tempo, o desejo transformou-se em meta, em novo projeto de vida. Decidido, preparou-se, em todos os sentidos, para não deixar que alguma oportunidade se lhe escapasse.

Com esse espírito, inscreveu-se em concurso público, e foi aprovado; durante o dia, atuava como escriturário em uma repartição e, à noite, prosseguia com o curso. Bacharelou-se, em 1943, embora não se interessasse pela profissão, pois não sentia *vocação para a carreira jurídica*. O tempo passava, e o sonho de sair do Brasil ficava ainda mais indomável.

A intuição de Veiga parecia dizer a seu dono que 1945 surgia com porte de promissor, pelo menos, para seus planos; sentia que um bom momento, de ordem pessoal, caminhava em sua direção. Não sabia explicar a sensação inquietante que lhe dava a impressão de estar prestes a livrar-se do clima ditatorial vigente no país. E estava certo: a ditadura de Getúlio Vargas, imposta pelo Estado Novo, dava os últimos suspiros. E uma boa oportunidade de conhecer o Velho Mundo despontava em novo anúncio no rádio: um concurso. BBC de Londres. Veiga não se fez de suplicado e enfrentou mais esse desafio. Êxito auferido. O momento, finalmente, depois de oito anos de ansiedade, materializou-se em viagem. E o moço do interior de Goiás, já não mais tão “matuto e tímido pra burro”, voou para a Inglaterra, e assumiu, na BBC da sisuda Londres, as funções de comentarista e tradutor de programas para o Brasil, trabalho que,

pela sua excelência, rendeu-lhe constantes elogios e muito respeito dos superiores e colegas.

Além da rotina de trabalho, Veiga dedicava-se à leitura, e participava, com muito gosto, dos acontecimentos culturais londrinos, não atingidos significativamente pela 2ª guerra mundial, a tais alturas, já à beira do ocaso. Assistia a peças teatrais, concertos, ia ao cinema, e o melhor, sem maiores preocupações: era solteiro, jovem, pancoso, morava só, ninguém, pois, aporrinhava-o ou lhe alterava o cotidiano. Para completar aquele período exitoso, finalmente, a deposição de Getúlio Vargas, pelas Forças Armadas. Veiga exultou-se com a notícia. Sua alma estava lavada.

Ele ficou tão marcado pela tirania de Getúlio Vargas que, quase cinquenta anos passados, 1986, recebeu em sua casa, no Rio, o italiano Giovanni Ricciardi, professor de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade de Napoli – L’Orientale, para uma entrevista. Perguntado se “Houve em sua vida uma encruzilhada, um acontecimento que o marcou de maneira determinante?”, respondeu, ainda com resquícios de amargura: *Vivia aqui, porém, espiritualmente, estava longe.*

O tempo caminhava célere, já havia engolido cinco anos, e José Veiga, cutucado pela saudade, esse bichinho matreiro, enxerido, que fuça, esmiúça e desassossega corações distantes, não ficou imune a tal investida. 1950 encarregou-se de trazê-lo de volta ao Rio, com o tino jornalístico calibrado e lustroso. Um ano depois, Getúlio Vargas assumiu o poder, em eleição democrática.

O primeiro passo, o jornal *O Globo*; o próximo, a *Tribuna da Imprensa* (recém-fundada), no cargo de redator-chefe. No ano seguinte, aceitou convite do amigo Antônio Callado (conheceram-se em Londres) para atuar como

redator-tradutor nas *Seleções do Reader's Digest* (exerceu esse ofício, com prazer e esmero, por quase 20 anos, até a revista ir para Portugal).

Com assiduidade, ia à Biblioteca Nacional. Uma jovem, de beleza chamativa, sempre o atendia com gentileza e certo charme. Bem apessoado, educado, Veiga retribuía-lhe a atenção, lançando-lhe olhares carinhosos. A reciprocidade tornou-se cúmplice dos dois. Numa manhã de sol vibrante, Veiga leu no jornal o anúncio de certa moça à procura de alguém para dividir as despesas de um apartamento. Dirigiu-se ao endereço indicado e, para sua surpresa, quem lhe abriu a porta, justo, a moça bonita e graciosa da Biblioteca, estudante da Escola de Belas Artes. Iniciava-se, naquele momento, uma união de 49 anos, que não gerou filhos, e só foi interrompida pela morte do companheiro.

Essas informações, de cunho tão pessoal e pouco conhecidas, obtive, de viva voz, de forma bizarra: deitado sobre a cama que pertenceu a José J. Veiga, com quem conviveu, estreitamente, por anos e anos (o móvel foi-lhe ofertado junto com outras peças do quarto, pela viúva do amigo), Luiz de Aquino, goiano de Caldas Novas, escritor, jornalista e acadêmico, detalhou-me essas passagens, com o tom da emoção e da saudade; tudo lhe foi confidenciado pela própria Clérida Geada, a bela bibliotecária, também artista plástica, falecida aos 90 anos, dois após a perda do amado.

O dia a dia sempre igual, característica da classe média, enfarou José Veiga: trabalho, casa, passeios com a mulher pela noite, programas de fim de semana, enfim, o desgaste da rotina exigia-lhe nova atitude. Precisava inovar, fazer algo a mais, diferente, que o entusiasmasse.

Mas, afinal, e o escritor? Ah! Sim, o escritor!

Veiga dizia: “Acho que comecei a escrever no ginásio”. Começou. Mas eram ‘composições’ sobre assuntos sugeridos pelos professores, além do mais, praticava esse exercício imitando os autores a quem admirava e de quem lia as obras a que tinha acesso, ou seja, “escrevia pra nada”, repetiu em várias ocasiões. Porém, concluiu que aquela prática lhe foi propícia: “Mais tarde descobri que isso me valeu muito”.

Pois é, o escritor aflorou na atitude que Veiga sentiu necessidade de tomar, e se materializou na máquina de escrever. O talento de Veiga para a literatura parecia pôr as manguinhas da inspiração pra fora! Os primeiros contos, de teor regionalista, pulavam das teclas e enchiam as folhas de papel.

Aos 37, 38 anos – a imprecisão é do próprio dono da idade –, animado com sua produção literária, decidiu torná-la pública. Acordou cedo. Abriu a janela do quarto. Saudou a manhã com uma descontraída espreguiçada. Aspirou o cheiro de sol em alta voltagem. Ouviu flores tagarelado entre sorrisos no jardim, e percebeu que o dia estava talhado à realização de seu intento. Sob o chuveiro, deixou os restos de noite escorrerem ralo afora. Barbeou-se, vestiu uma roupa que considerou apropriada ao momento, que lhe desenhava alguma importância, e, encorajado, reuniu seus contos, colocou-os em um envelope grande e branco, e decidiu: antes do final da tarde, após o término do trabalho, tiraria do casulo o escritor, ou, pelo menos, o projeto de escritor (até então, desconhecido). Rumaria para o Ministério da Educação. Sua real pretensão? Ora essa, ver seus contos publicados!

A tarde expelia um calor já nem tão excitante quando Veiga saiu à rua, com o envelope grande e branco, no qual estavam seus contos, debaixo do braço. Pelo caminho, digressões, assobios displicentes, desejos em arrelia, mas firme o

passo, pois o tempo já lhe mostrava sua pressa. Enfim, chegou ao seu destino, todo senhor de si. Parou à porta do prédio, deu uma olhada para o envelope, e entrou. A sala, decorada com armários de madeira, alguns sem portas, outros com as tais capengas, mesas a hospedarem pastas, papéis, objetos vários espalhados e algumas cadeiras tortamente dispostas ali e acolá, deu-lhe a impressão de apertada demais, escura e mal-arejada.

Desprivilegiada de apetrechos físicos, de algum realce ou atrativo, e regida pela tradicional *disposição* de muitos funcionários públicos, a moça atendeu-o, e, logo, encaminhou-o a um colega baixote e calvo, responsável pelo encarte *Cadernos de Cultura*, do Ministério da Educação. O homem olhou para Veiga, de soslaio, antes do corriqueiro ‘pois não!’. E agora, José?! – por suposto, pensou, induzido por uma dose de dúvida, nosso José, o Veiga, após trocar, mentalmente, o ‘pois não’ pelo ‘pois sim!’ E, apesar do ‘boa tarde’ raquítico e da timidez que, súbito, o assomou, Veiga entregou o material ao tal baixote, um senhor de compleição balofa, cabelos encrespados e mãos de dedos gorduchos, que lhe prometeu ler e avaliar os textos. Ainda um tanto confuso, o candidato a escritor coçou a nuca, olhou para os lados, e saiu como se quisesse voltar. Na primeira esquina, parou em um barzinho. Dois chopes depois, arrependeu-se de seu feito: “Puxa vida! Aquilo não pode sair!”. E agora, José...?!

De volta a casa, a noite encarregou-se de cutucar-lhe a dúvida que, não tardou, assumiu a forma de arrependimento. Concluiu, quase em pânico, não ter sido boa a ideia de expor seus contos à visitação de olhos alheios e críticos. O jeito, corrigir, com a premência que julgava necessária, sua ousadia, misto de temeridade e insensatez. Dia seguinte, pela manhã,

voltaria ao Ministério para recuperar seus contos a qualquer custo. Alegria que precisavam de revisão.

Foi o que fez, logo cedinho. Lá chegando, não encontrou o homem baixo e gordo, apenas, a secretária, e o pior, com a má vontade em atendê-lo bem nutrida. Sem pensar meia vez, ordenou aos olhos que bisbilhotassem cantos e recantos da sala, à caça do envelope grande e branco. Ao divisá-lo, ignorou a moça, dirigiu-se ao armário, recolheu seus contos e saiu apressadamente. Aliviado, e movido pelo impulso, sentenciou-os ao lixo. Por que todo o destempero? Pela certeza de que nada mais eram senão cópias de obras de Afonso Arinos e Guimarães Rosa, exercício originado de suas leituras constantes que, naturalmente, impregnaram-se em seu inconsciente. De certa feita, aos risos, contou a um grupo de amigos que, depois de ler as obras, dizia: “Isso não está bom!”. E, com a maior cara-de-pau, reescrevia-a.

Veiga não cansava de afirmar: “Foi minha salvação ter buscado aquele envelope”. E dizia com muita honestidade, apesar do tom jocoso, nos bate-papos com amigos, ou, até mesmo, nas poucas entrevistas que concedia (mostrava-se arredo a elas, bem como a conversas pelo telefone).

O episódio, que deixou à vista sua insegurança e, ao mesmo tempo, sua consciência literária, não o desmotivou, ao contrário, impulsionou-o mais e mais a escrever. Chegava em casa, e, seduzido pelas teclas da máquina, varava a noite, para espanto da mulher, Clérída, que havia perdido a companhia do marido: quase não mais passeavam à noite, nem realizavam programas de fins de semana.

Nova rotina familiar: Veiga, após o trabalho, fazia da máquina de escrever sua companhia diária e da literatura, seu novo objetivo. Gradativamente, conquistou a compreensão

da mulher, que o beneficiou com um grande alívio. Mais estimulado ainda, cumpria à risca seu propósito, levando-o muito a sério: elaborou uma lista de assuntos e os desenvolvia com acuro e dedicação.

Assim, os contos vinham à luz e amontoavam-se sobre a mesa, até que, um dia, aí, sim, seguro, reuniu-os para inscrevê-los ao “Prêmio Monteiro Lobato”, de 1958, iniciativa da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo. Uma coletânea de doze contos (escritos entre 1957 e 1958), em que grande parte das histórias, narrada na primeira pessoa, funde narrador e personagens numa trama comovente, de alto teor psicológico e humano. O livro? *Os Cavalinhos de Platiplanto*, que, segundo seu próprio autor, “*Não reflete nada do mundo em volta; trata, sim, do mundo infantil, da passagem da infância para a juventude, e há muita poesia, muito lirismo nele*”. A obra obteve o 2º lugar. E, embora constasse do regulamento a publicação dos originais vencedores, pela Companhia Editora Nacional, a cláusula nunca foi cumprida.

A edição só aconteceu em 1959, como estreia também de uma recém-criada editora, e, mesmo assim, poucos exemplares foram distribuídos às livrarias e à imprensa; a maioria ficou retida, e a condição para liberar o restante, o pagamento à gráfica. Os livros não saíram de lá. Porém, a publicação, mesmo em pequena escala, deu visibilidade à obra: foi agraciada com o “Prêmio Fábio Prado”, no Rio de Janeiro, e recebeu ótimas resenhas da crítica, tradução para o espanhol e novas edições.

Ah! então, um ‘J’ sequinho, de repente, apareceu na capa do livro! O Jacinto no sobrenome materno poderia ter inspirado o filho a usá-lo, mas não foi o que aconteceu, a letra não tinha conotação de raiz familiar. O J esbelto, imponente,

com jeito de solitário e porte elegante, que se interpôs entre José e Veiga – José J. Veiga – embora pudesse ser Jacinto, não assumiu esse significado, *Foi inserido no meio de meu nome, para equilibrá-lo, na época em que estreei como escritor*, repetia. Coisas do amigo Guimarães Rosa, afeito a questões místicas, ao poder da lua, à numerologia: após alguns cálculos com o sobrenome paterno, Pereira, e com o Jacinto da mãe, Rosa sugeriu a Veiga: “Põe só o J. Vai ser bom pra você!”. O nome literário estava criado. Mas tenho cá meu palpite: esse J foi cravejado entre José e Veiga também para dar-lhe ar de mistério e motivo de especulação. Eita, José J. Veiga!

Por falar em Guimarães Rosa, parêntesis para o merecido destaque à amizade do escritor mineiro com o escritor goiano e um fato pitoresco entre os dois. Mais uma obra do acaso, como sempre afirmava Veiga, relatada em algumas entrevistas, uma delas concedida ao jornalista e poeta, membro da Academia Goiana de Letras, o goiano Brasigóis Felício Carneiro. Disse-lhe Veiga que ele e Guimarães Rosa tinham paixão por gatos (Veiga, de certa feita, manteve 21 em seu apartamento). Um dia, o gato do escritor mineiro adoeceu, e o veterinário, preparando-se para uma viagem, não pôde atender o bichano, mas sugeriu à mulher de Rosa, Aracy, que procurasse Clérída, também apaixonada e entendida em gatos. Aracy não titubeou e ligou para a indicada que, a princípio, intimidou-se com a responsabilidade, sob o argumento de não ser veterinária, e até ensaiou uma recusa; porém, diante da insistência aflitiva de Aracy, e dos sintomas por ela descritos, condeou-se e deu-lhe as orientações julgadas essenciais. Dias depois, Aracy, pelo telefone, disse à Clérída que o gato estava recuperado, agradeceu-lhe a inestimável ajuda e convidou-a para conhecer seus gatos. Convite aceito, visita

marcada e consumada, com o marido a tiracolo. Na sala de estar, os três se conheceram (Rosa estava fora). Conversa vai, conversa vem, um quitute, uma bebida, outra guloseima, e o sobrenome de Aracy veio à baila: Guimarães Rosa. Surpreso, Veiga perguntou-lhe: – É parente do escritor? E a resposta, ainda mais surpreendente: – Sou mulher dele!

Algum tempo depois, Guimarães Rosa e José J. Veiga encontraram-se e conversaram longamente. Iniciava-se, então, uma amizade que duraria mais de vinte anos. Era tanto o carinho entre ambos, que combinaram: dois domingos ao mês, um almoçaria em casa do outro.

Um fato pitoresco entre os dois: Veiga detestava prefácio. E receava que o amigo pretendesse prefaciá-lo seu livro. Assim, em um desses domingos de almoço com Rosa, usou de um estratagema para afastar tal possibilidade, sem se fazer deselegante. Com ar displicente, folheou um livro, encontrado sobre a escrivaninha do escritor e, como quem não queria nada, com seu jeitão simples de falar, tascou-lhe:

– Este livro aqui pode até ser bom, mas seu defeito é ter prefácio.

– Não me diga que você também não gosta de prefácio!
– interpelou-o Rosa.

– Detesto!

– Então, você não quer que eu prefacie seu livro?

– Não! –. Rindo, Guimarães Rosa abriu os braços e confidenciou-lhe:

– Vem cá e dê-me um abraço! Eu estava com medo de você me pedir, e eu não saber como negar –. E Veiga arrematou:

– Estou é aliviado, porque eu, sim, temia que você se oferecesse para prefaciá-lo meu livro! –. E os dois, na maior descontração, caíram na risada.

Uma atitude curiosa que bem delineia o temperamento de Veiga: após o lançamento de *Os Cavalinhos de Platiplanto*, considerou-o feio e ruim. Contrariado e temeroso de ser reconhecido na rua e taxado de escritor medíocre, reclusou-se em casa, por duas semanas, até que, em um domingo, logo de manhã, sua empregada doméstica entregou-lhe um exemplar de *O Globo*, toda animada: “O senhor está no jornal!”. José J. Veiga sentiu faltar-lhe o chão, o ar e desesperou-se: *Pronto, estou é perdido, execrado publicamente, não tenho salvação!* Desconfiado, com o receio à flor dos olhos e um tremor atarantando-lhe as mãos, à sorrelfa, jogou os olhos no jornal e surpreendeu-se com a auspiciosa resenha, elaborada por Antônio Olinto, ilustrada com sua foto e a da capa do livro. Depressão, angústia, insegurança, pra que as quero?! Xô! (Naturalmente, essa, a reação de Veiga, imagino).

Matreiro, aprontou-se, decorou o semblante com iluminados sorrisos e saiu, todo sim senhor, para sentir, de perto, os humores e sabores do reconhecimento. Foi cumprimentado, saudado, a autoconfiança foi às grimpas e o alívio estratosferou-se. Eita, Veiga!

Tempos depois, em um evento literário, encontrou-se com Antônio Olinto e, escondendo a timidez, dirigiu-se ao escritor, com a honestidade e simplicidade que lhe eram peculiares:

– O senhor me salvou! –. E, à sua maneira, com economia vocabular, contou-lhe todo o processo de ansiedade e expectativa negativa que o atormentou entre o lançamento do livro e a manifestação da crítica.

Tal encontro ativou a amizade entre ambos. E, como fecho do relato desses fatos, com um riso cismado, Antônio Olinto confidenciou ao seu amigo Luiz de Aquino: “Mas Veiga nunca me convidou para um café em sua casa. Acho

que era avesso a receber visitas”. Será...?! Guimarães Rosa, certamente, contradiria Antônio Olinto. Mas outros escritores não.

O estilo requintado, no modo simples de contar as histórias, vindas lá da infância, histórias geralmente curtas, de raízes rurais, a singeleza dos personagens, muitos deles de uma inocência cativante, ou até desconcertante, a doçura das conversas infantis, tudo isso tornou *Os Cavalinhos de Platiplanto* referência, um dos clássicos da literatura brasileira. Como ilustração, duas amostrinhas da linguagem, marcada pela simplicidade e pelo cheiro de campo e de vida:

“Já sei o que vou fazer. Se Cedil não voltar até o fim do ano, vou-me embora para o sítio de minha avó. Lá eu vou ter uma bezerra pra tirar cria, um cavalinho pra montar e muitas coisas pra fazer o dia inteiro (...) Eu acho que tem certas coisas que a gente não deve esquecer, é como uma obrigação. Se depender de mim, nunca eu hei de esquecer a Ilha dos Gatos Pingados”. (Trecho do conto *A Ilha dos Gatos Pingados*).

“O meu primeiro contato com essas simpáticas criaturinhas deu-se quando eu era muito criança. O meu avô Rubém havia me prometido um cavalinho de sua fazenda do Chove-Chove se eu deixasse lancetarem meu pé, arruinado com uma estrepada no brinquedo de pique”. (Trecho do conto *Os Cavalinhos de Platiplanto*).

Toda a repercussão positiva do livro assustou o escritor, e acentuou-lhe duas situações, como afirmou várias vezes: *Esse livro teve resultados bons e maus: primeiro porque eu não era conhecido e publiquei esse livro, assim, com medo, e foi muito bem recebido, a crítica falou muito bem, elogiou*

demais e eu passei, quase que de repente, a ser conhecido, escritor novo. Por outro lado, o sucesso alcançado por esse livro me deixou com medo de fazer o segundo. Fiquei sete anos sem publicar. Era um faz, refaz; está bom, não está bom, até que resolvi publicar o segundo. Referia-se José J. Veiga à novela *A Hora dos Ruminantes*, reescrita sete vezes, no período de três anos, e que, quatro anos depois, quando, finalmente, foi publicada, 1966, atingiu a 9ª edição no mesmo ano.

Uma obra bonita, cuja história escancara a condição submissa a que Manarairema, um povoado humilde, tranquilo e alegre, de repente, é relegado, e cujos nativos, simples e pobres, veem-se, de um momento para outro, sem qualquer explicação, oprimidos e judiados por forasteiros estranhos, enigmáticos, chegados sabe Deus de onde, que se instalam em mocambos, como se donos do lugar. Obrigados a obedecerem ordens rigorosas e a cumprirem tarefas que lhes são impostas por essas esquisitas e arredias criaturas, disseminadoras do medo, os habitantes entram em desespero quando matilhas de cães infestam o lugarejo, invadem as casas, e atacam os moradores, instituindo o pânico:

“No dia seguinte a cidade amanheceu ainda sem toucinho, mas com uma novidade: um grande acampamento fumegando e pulsando do outro lado do rio, coisa repentina, de se esfregar os olhos. As pessoas acordavam, chegavam à janela para olhar o tempo antes de lavar o rosto e davam com a cena nova. Uns chamavam outros, mostravam, indagavam, ninguém sabia (...). (...) O derrame de cachorros foi o primeiro sinal forte de que os homens não eram aqueles anjos que Amâncio estava querendo impingir. Mesmo se eles fizeram aquilo por simples brincadeira, mostraram completa desconsideração pelos direitos alheios”.

(...) “O relógio da igreja rangeu as engrenagens, bateu horas, lerdo, desregulado. Já estavam erguendo o peso, acertando os ponteiros. as horas voltavam, todas elas, as boas, as más, como deve ser.”

Nota-se, com muita clareza, nos dois fragmentos, a familiaridade do autor com o universo interiorano, com o campo, na forma quase infantil de traduzir a fala e também o comportamento do homem comum, às vezes, simplório, mas detentor de muita sabedoria, nascido e criado na roça ou em pequenos lugarejos. A fantasia povoa momentos tanto densos quanto amenos. E nada se perde na superficialidade, pois tudo tem sua própria profundidade e seu próprio absurdo. No entanto, o livro, de certa forma, um desdobramento dramático do momento desonroso que engolia o Brasil, recebeu algumas críticas pelo seu “final otimista”.

A repressão que submetia os brasileiros à truculência perpetrada pelo poder militar, desde 1964, não permitia um olhar tão conformista, opinavam. José J. Veiga aludia às críticas com naturalidade e compreensão: *Fui criticado por alguns que me acharam muito otimista porque no final do livro os ruminantes foram embora, deixaram a sujeira ali, mas a gente ia limpar, o relógio da igreja, que estava parado há muito tempo, enguiçado, foi consertado, bateu horas, todo mundo se animou. Daí eu fiz uma espécie de continuação em Sombras de reis barbudos, livro no qual a repressão e o esmagamento chegam ao auge. Mas no fim, pensando bem, a ditadura acabou como está em A hora dos ruminantes: saiu pela porta dos fundos.*

Realmente, como redenção para seu equívoco, que previu erroneamente a duração da ditadura, imaginada próxima do declínio, José J. Veiga situou-se bem mais realista em

Sombras de Reis Barbudos. Nele, o terror e a opressão criam situações enigmáticas, alucinantes, que parecem não ter fim nem explicação:

(...) *“De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotaram assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando (...). Com tanto muro para encarar quando estávamos parados e rodear quando tínhamos de andar, a vida estava ficando cada dia mais difícil para todos (...).*

(...) *“É triste ver as ruas vazias, as casas abandonadas com janelas e portas batendo ao vento, e de noite ouvir o uivo de cachorros que não puderam acompanhar os donos” (...).*

(...) *“Eu estava de costas para a porta, olhando para Seu Chamu, interessado na reação dele, e tive a impressão de que a sombra do professor se elevava no espaço. Não me interessei em tirar a limpo porque já estou cansado de ver gente voando”.*

As nuances do absurdo, entranhadas no real, na busca de saídas para o homem atado a controversas circunstâncias e impotente para rompê-las, não raro, duras e desalentadoras, apesar da esperança sempre em vigília, palmilham a obra veiguiana, e convivem com a tensão, com a opressão, a violência, quer de caráter psicológico, quer físico, quer moral, que atingem o ser humano.

O fantástico brinca no quintal da realidade e, ora tergiversa, ora aterrissa, enquanto os momentos se realizam, se contrastam e se completam à revelia do convencional. Textos denunciativos, que convidam o leitor à meditação, à revisão

de valores, à apreensão dos resíduos daninhos da realidade mascarada, textos desprovidos de atavios estilísticos, de contorcionismos linguísticos que se focam num olhar abrangente e misturam a realidade sertaneja com a que rodeia o próprio autor.

Fictícios ou reais, os ambientes que abarcam as histórias de José J. Veiga são sempre lugarejos ou diminutas cidades, o que parece dimensionar o sofrimento, a falta de opção e de saída para seus personagens e reduzir seu campo de ação.

Embora tenha sempre dito que ingressou “velho” na literatura, aos 44 anos, desde que iniciou sua trajetória literária, esmerou-se em obras de peso, mesmo dividindo seu tempo com o trabalho jornalístico. Quando se aposentou, como funcionário da Fundação Getúlio Vargas, aí sim, entregou-se inteiramente à literatura. Antes, *isso era impossível*, pois carecia do trabalho para seu sustento, já que *os direitos autorais vinham pingados e eram quase nulos*, resmungava.

Tanta dedicação mereceu reconhecimento: suas obras foram traduzidas e publicadas nos Estados Unidos, México, Inglaterra, Espanha, Dinamarca, Suécia, Noruega e Portugal. E, em 1997, dois anos antes de sua morte, a Academia Brasileira de Letras homenageou-o com o *Prêmio Machado de Assis*, pelo “conjunto de sua obra”. A propósito da ABL, José J. Veiga era categórico, apesar do tom debochativo: *Acho ridículo o fardão que os imortais têm que vestir. Se até o Viana Moog, quase um galã, ficou um horror com a farda acadêmica, imaginem eu, ia ficar horrível! Com aquela espada do lado, então...* Em seguida, deixava escapar um sorriso irônico.

O José J. Veiga do interior do Brasil, a singela Corumbá de Goiás, autor de livros fantásticos (que se dê ao termo

sentido amplo) como *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1959); *A Hora dos Ruminantes* (1966); *A Máquina Extraviada* (1967); *Sombras de Reis Barbudos* (1972); *Os Pecados da Tribo* (1976); *O Professor Burim e as Quatro Calamidades* (1978); *De Jogos e Festas* (1980); *Aquele Mundo de Vasabarro* (1982); *Torvelinho Dia e Noite* (1985); *A Casca da Serpente* (1989); *Os melhores contos de J. J. Veiga* (1989); *O Risonho Cavalo do Príncipe* (1993); *O Relógio Belizário* (1995); *Tajá e Sua Gente* (1997); *Objetos Turbulentos* (1997), obras cujo humor irônico e, quase sempre, cáustico, delata a postura ambígua da sociedade e o comportamento cruel dos poderosos. José J. Veiga nunca tolerou a opressão, a ditadura, o servilismo imposto pelos dominantes.

Homem de estatura mediana, fumador de cachimbo (só o fazia em casa), contido tanto no falar (*Sou a favor da economia, falar pouco para dizer mais*), quanto no escrever (dava ritmo e musicalidade às palavras, preferia as mais simples às complicadas ou eruditas, e não as desperdiçava, era parcimonioso ao usá-las). Um escritor que evitava o *distanciamento entre a língua falada e a escrita*, comedido no emprego da pontuação, especialmente, da vírgula.

Goiano de gestos brandos, fala pausada, apegado aos objetos pessoais e aos da casa (sentia ciúmes deles), dizia, com naturalidade, não ter lido Ulisses, de Joyce, por achá-lo *um livro difícil, por causa da mania do autor de se exceder na invenção de palavras*.

José J. Veiga era atencioso com os amigos e condescendente com os escritores iniciantes. Digo-o porque recebi de sua generosidade, após enviar-lhe meu segundo livro, *A dor da gente* (poemas), um carinhoso e incentivador bilhete:

Rio, 6.10.89

Lêda,

O livro que você teve a gentileza de me oferecer em Goiânia já foi lido - e me revelou uma poeta de grande força e também de grande talento no manejo das palavras certas para expressar o que a está agitando por dentro. Seus poemas nos tiram que você está sempre ligada para tudo o que vive e vibra à sua volta. A dor - que é de todos - lhe inspira, e você continua mulher e poeta. E ainda se toca pelo tropel de ondas das emoções longeadas. É lido, e é verdadeiro. Obrigado por me permitir essa descoberta. Tudo de bom para você.

João J. Veiga

'O BOM FILHO A CASA TORNA'

Trinta anos passaram-se, desde a mudança para o Rio. Maduro, culto, com respeitável estoque de experiência jornalística, o autor de *Os Cavalinhos de Platiplanto*, o cinquentão José, a tais alturas, José J. Veiga, retornou a Corumbá. Para o resgate de suas raízes. Para contar suas andanças aos conterrâneos. Para reaver lembranças. Para cultivar saudades. Para recriar a infância. E repescar sonhos.

E esse processo, tão praticado nos tempos de menino, iniciou-se com uma passagem na vendinha local para comprar o enxoval da pesca: vara, linha, anzol, chumbada. Hum... e as iscas?! Não por isso deixaria de pescar; o companheirismo e hospitalidade goianos dariam um jeito. Iscas de minhocas dentro de uma latinha velha e descascada, e o visitante descambou para o rio de sua meninice, o Corumbá, às margens do qual, tão logo apareceu ouro de aluvião em seu leito (1730), construiu-se a Capela de Nossa Senhora da Penha de França e o povoado espalhou-se em forma de paróquia. Nove anos depois, veio a emancipação: Pirenópolis perdia aquele pedaço de terra abençoado pela natureza, banhado pelo Salto do Corumbá e pela Cachoeira Monjolinho. Corumbá de Goiás, dona do seu nariz, começava a construção de sua história.

De posse do arsenal de pesca, o escritor, com as origens matutas atiçadas, dirigiu-se ao rio e lá encontrou um pescador idoso, vara em riste, pescando. Então, perguntou-lhe:

– *Há peixe por aqui?* –. E o pescador:

– Por aqui não tem peixe! –. Intrigado, José J. Veiga ponderou:

– *Se não tem, por que o senhor está pescando?!* –. O homem, tranquilamente:

– Pra matar o tempo, uai!

E os dois travaram boa prosa, repassaram o passado, fizeram descobertas, uma delas, que aquele homem de idade avançada, o pescador de paciência, fora amigo de seu avô.

Com orgulho, de forma compassada e com a simplicidade que o caracterizou, José J. Veiga, como se num testemunho de amor, expôs sua goianidade interiorana, durante passeios por sua Corumbá, passeios que se tornaram anuais, sempre ciceroneado pela emoção: *Eu sou um homem do interior goiano*. Apesar de ter morado na Inglaterra, apesar do conhecimento abastado, apesar do sal, da areia e do sol cariocas, continuou o mesmo interiorano do cerrado, e o sotaque goiano, sabor pequi, impresso na fala mansa, ainda se refletia no ‘uai’ e no ‘bom demais da conta’.

Confirmei isso, em certo outono pálido e suado, forrado de folhas secas, como se vassouras movidas pelo vento, no agradável bate-papo com o acadêmico Luiz de Aquino, esse, tão ungido por saudosas lembranças veiguianas, que, sequer, percebi a tarde enoitecer, envolvida pelo compasso da prosa do confrade, que reconstruía momentos partilhados com José J. Veiga:

– “Com suas vindas e revindas a Goiás, em função de seu ofício, proferindo palestras, recebendo nossas homenagens, pude notar que a timidez de Veiga era como uma gravata, um artigo para ser usado entre os de cerimônia, pois para nós era ele o companheiro, o homem alegre, capaz de absorver-nos em conversa rica e agradável por horas sem fim.

Ao longo de 20 anos, muitos foram os encontros com Veiga. Algumas vezes, nas minhas raras idas ao Rio, visitei-o em seu apartamento da Rua da Glória (quase nunca a seu chamado; recebia sua aquiescência para visitá-lo, concessão especial a poucos; e, somente uns dois anos antes de sua morte, apresentou-me à dona Clérída e a seus sobrinhos). A paisagem, aquela com que todo mortal sonha para o despertar: Niterói lá longe, com seus fortes; a Baía de Guanabara, o aeroporto Santos Dumont, o Pão de Açúcar, o aterro... Um cartão-postal carioca, um ideal de convívio.

Veiga esteve em Goiânia, pela última vez, no dia 2 de junho de 1998 (como sempre, hospedava-se em hotéis, cumpria os compromissos literários, e, encerrada a jornada, dava baixa no hotel e, só então, procurava os parentes para o contato íntimo, sem a participação de literatos e jornalistas). Comeu torresmo, bebeu pinga de alambique e fumou como sempre o fazia.

José Veiga, o locutor em Londres e editor da Seleções do Reader Digest; Zé Veiga, o amigo; José J. Veiga, famoso, o nosso escritor criativo e cristalino, que não misturava vida familiar com literatura. Até aquele domingo, 19 de setembro de 1999, aniversário de minha mãe, era o goiano mais importante entre todos nós.

Sua obra transpôs as fronteiras dos países e das línguas da humanidade civilizada. Imagino algum russo ou checo, francês ou alemão, ao ler palavras como *Manarairema* e *bedamerda*, pedir a alguém: por favor, me explique como traduzir isso! Imaginarão os cenários dos morros verdes deste altiplano brasilcentraleiro, ouvirão os sussurros dos rios Corumbá e das Almas, nascidos tão próximos, mas de rumos divergentes: o Corumbá correndo para a bacia platina, o das Almas tributando o amazônico Tocantins.

Veiga foi além de seus dois rios de infância: transpôs o planalto. Alcançou a planície litorânea, inundou o Atlântico e se fez do mundo. Feito chuva, sempre voltou para regar a terra”.

José J. Veiga lutou contra um câncer de pâncreas, sem êxito. Abatido, tornou-se acessível às complicações oriundas da anemia. Com as forças arriadas e a impotência fortalecida, o desfecho indesejado impôs-se: Veiga, como poetizava seu amigo Guimarães Rosa, “ficou encantado”. No final de um inverno cinza e entristecido: 19 de setembro de 1999, a quatro dias do florescer da primavera. Um domingo em que a literatura ficou cabisbaixa e a alegria, apagada por um sol de *sorriso amarelo*.

CARMOS E CARMAS NO SERTÃO DE CARMO

Para Ana Maria, filha de Carmo Bernardes

Poderia, em um só fôlego, resumir as andanças de Carmo Bernardes pela literatura e pelos dias, assim: contista, romancista, cronista, cantador do sertão, de seus rios, chãos estriados, chuvas, estiagens, mitos e folclore. Com a natureza e o homem sertanejo arraigados em seu fazer criativo, poetizou, em sua prosa fecundada pela terra, a fauna, a flora, os rios. O embate velado ou explícito do homem com o bicho, da natureza com os parâmetros humanos, do sertão com a realidade urbana, sempre, o tom mais vibrante de sua escritura. Legítimo ‘contador de causos’, conhecedor das superstições e crenças do sertão, Carmo Bernardes, sob o enfoque da linguagem jornalística, deu um caráter crítico e denunciativo às suas crônicas; pelas nuances poéticas, exaltou a natureza, os hábitos do homem simples, simplório, execrou a devastação das matas e dos animais e expôs as feridas que a sanha do homem abriu na natureza. Por tudo isso, sua obra é um misto de esperança e desalento.

Mas essa superficialidade não é justa com Carmo e suas circunstâncias pessoais e literárias. Então, melhor espichar minhas considerações, espionando bem mais o mundo carmo-bernardiano. O jeito, imiscuir-me nos rastos de Carmo Bernardes. O Carmo do sertão, o Bernardes gente, o Carmo Bernardes compromissado com o meio ambiente, exortador

dos costumes e valores, reivindicador da dignidade sertaneja e sempre alerta em relação aos problemas do Brasil, às necessidades de reformas, inclusive, a Agrária.

Junção de carmos e carmas, literato timbrado como regionalista, por obra e graça da influência de suas raízes, de sua sensibilidade de matuto, de seu olhar visionário, revestido de peculiaridades. Mas é o Carmo Bernardes cronista quem me deu o tom mais forte para pincelar minha ousadia e perseguir seus rastos, especialmente, na crônica.

Falar sobre o mineirano (mistura de mineiro com goiano) Carmo Bernardes da Costa, o Carmo Bernardes, xará de N. Sra. Do Carmo (a mãe possuía uma estampa da santa, na parede, sua inspiração para a escolha do nome), é, antes de tudo, embrenhar-me pelo sertão, e deixar-me enredar pela voz do trabalhador da roça, o homem rude, de mãos e pés calosos e rachados. Uma voz emanada do solo sertanejo e palavreada na boca do matuto, da gente do campo, de Carmo Bernardes, que só deixou o mato aos 30 anos.

No início da adolescência, ele se enfronhou em aprendiz de artesão, artesão da madeira, por influência do pai, exímio carpinteiro da zona rural, que se guiou, apenas, pelo dom e pela intuição, para exercer tal ofício. Carmo, então, herdeiro do dom paterno, aprimorou-o para a arte de carpintear. Tanto que, ainda na adolescência, coadjuvou o pai na construção de currais, carros de bois e armação para as casas, o que muito o orgulhou vida afora. A dupla ganhou fama lá e acolá. Essa, entretanto, foi, apenas, uma das profissões beliscadas. Carmo, inquieto e sempre à procura de novidades transformadoras, foi pedreiro, boiadeiro, carreiro, tocador, cantador, pintor de paredes e protético. Ah! e vendedor de túmulos!

Nascido na Fazenda Santa Rita, propriedade de seus avós, em Patos de Minas, no século passado, 2 de dezembro, portanto, há cem anos, quase no exício da primavera, era filho de mãe tecedeira, e não tecelã, como fazia questão de explicar: *“Tecelã é operária de fábrica. Minha mãe trabalhava em casa, por conta própria. Plantava o algodão, descaroçava, fiava, tingia ou alvejava a linha, tecia e costurava a roupa. Tecedeira, portanto”*.

Os pais, Luiz Bernardes e Ana Carolina, sem escolaridade alguma; todavia, o gosto pela leitura foi instigado, ainda em Patos de Minas, pela mãe, dona Sinhana (tratamento carinhoso), que lia muito, por prazer e por avidez de conhecimento. Dizia Carmo que o avô, raizeiro, era o dono dos livros; ele os adquiria, muitos, de medicina, pois precisava lê-los para praticar o charlatanismo, já que produzia e prescrevia raizadas e garrafadas para os males dos cafuços precisados.

Carmo Bernardes e a mãe liam juntos e trocavam impressões sobre a leitura. Ela, com a sabedoria apreendida nas lições da vida, injuriava-se com a literatura que desrespeitava o povo da roça. Ele a endossava, pois também sentia, através de sua ótica crítica, embora ainda um adolescente, que escritores ilustrados, oriundos da zona urbana, tratavam o homem do mato, o caipira, chistosamente, como se seres de outra matéria, ou “bichos” falantes. Uma literatura de conteúdo errôneo, carente de informações reais, assim a entendiam mãe e filho, e lamentavam tamanho desacerto. Carmo Bernardes carregou essa mágoa sempre. E mostrou-a, ainda viva, em entrevista ao escritor italiano, Giovanni Ricciardi: “Érico Veríssimo chegou a confessar, na obra *Solo de clarineta*, que, até um determinado período da vida,

ele não emprestava ao trabalhador da roça, o homem rural, rústico, nem raciocínio”.

Aos seis anos, migrou com a família para Formosa, e deixou, para trás, a infância e a adolescência; em 1927, chegou a Anápolis, e, anos adiante, descobriu-se com o dom do jornalismo; ousado, assinou artigos no pequeno jornal, A Luta, e na Revista Imprensa; nessa ocasião, acumulou as funções de tipógrafo, editor e repórter. Ah! e distribuidor de jornal. Em 1959, fez pouso definitivo em Goiânia; seu objetivo primeiro, ser funcionário público, o que, realmente, aconteceu (especializou-se em redação oficial e produzia textos que mereciam destaque); porém, denunciado como subversivo/comunista, perdeu o emprego na CELG e rumou para o jornalismo, no Jornal Cinco de Março, órgão contestador e muito visado. Carmo destacou-se pela elaboração dos textos e pela correção gramatical, o que, anos depois, despertou o interesse do jornal O Popular, e lá, escreveu até o resto da vida.

Sua inserção na carreira literária, em 1966, trouxe à luz o livro *Vida Mundo*, com 15 contos. Nele, o passado abarca suas estripulias de caçador, de pescador, de bravo homem do sertão, que não teme bicho, mas pela-se de medo de assombração; o homem em conjunção com a natureza, o mundo de mato e de trabalho, também do Carmo, tudo isso desabrocha, nas pequenas narrativas, materializadas por suas mãos laboriosas e mente sempre em ebulição criativa, primeiro no papel, depois na fiel máquina de escrever, produzindo narrativas ricas e tocantes, que vão da densidade à delicadeza, da tristeza à ira, do humor ao dramático, da dor de viver, à morte libertária.

Autodidata, estudioso, pesquisador, curioso, Carmo Bernardes, dono de uma cultura universal, sem atavios

academicistas (não completou o curso ginasial), adquirida nas leituras, nas vivências e convivências com o homem roceiro, com o homem culto, com os ensinamentos do cotidiano, em suas buscas e achados; com a maior naturalidade, passava da linguagem coloquial, campeira, à linguagem culta, com um estilo elegante que se destacava pelo respeito às normas gramaticais (queimou quase toda a 1ª edição de *Jângala – complexo do Araguaia*, devido aos erros nela contidos). Para Carmo Bernardes, duas linguagens respeitáveis: a culta e a sertaneja, cada qual no espaço que lhes concedem as circunstâncias.

Em toda a sua obra, a palavra é manejada com acuro, com fluidez e certo ludismo, o que dinamiza e apresa a atenção, pois a palavra recebe espaço, movimento e vida, na medida certa da contextura. Não economizava figuras de estilo como hipérbole, sinestesia e as divertidas catacreses. Observador, captou os meandros da alma do homem sertanejo, conhecedor que era de sua natureza. Como um fotógrafo, retratou o interior goiano, as belezas do Cerrado, do sertão da cabocla e do chapéu atolado. E indignava-se com a falta de percepção do próprio homem da terra para essas lindezas privilegiadas por tanta exuberância natural, que tanto o maravilhavam. Carmo tinha razão: só os chegantes e passantes deslumbravam-se com toda aquela riqueza de cores, de sons, de voejos, de cantoria de águas. Os nativos só se focavam nas plantas medicinais e no trabalho duro, sob sóis de cristas de lavas que os ensopavam. E tinham lá seus motivos, pois viviam cercados de perigo.

Carmo Bernardes questionador, cutucador, transformador, desejoso de um mundo sem desigualdades e sem injustiças sociais. Se esse mundo não fosse modificado, ele o faria,

como escritor – sonhava, na inocência do adolescente, embora adolescente já possuidor de uma consciência cidadã revoltada com a vida miserável do homem rural –, pois já percebia a existência de um Brasil partido, com fronteiras desumanamente demarcadas: o Brasil urbano e o Brasil rural, que instituíam a intrigante distância e desconhecimento recíproco entre ambos. Daí, sua vontade de escrever para apontar e corrigir as discrepâncias que tisonavam a realidade; na concepção carmo-bernardiana, “*a cultura legítima do povo é aquela que está no povo, que vem do povo*”. E, como arremate: “*Classe dominante, burguesia trabalham essa cultura e não, criam cultura*”.

Carmo Bernardes de tantas faces: pescador, caçador (“*não gostava de matar ser vivo à-toa, caçava porque gostava de comer arroz com passarinho*”). Realmente, um trivial prato da culinária do sertão); Carmo Bernardes ativista ecológico, amante e defensor da fauna, da flora, do Cerrado, dos rios, em especial, do majestoso Araguaia; Carmo Bernardes subversivo, comunista, perseguido pela Ditadura (nessa época, afirmava: “*Falar, agora, é um risco. Mas é um testemunho necessário*”), fugitivo, relegado à clandestinidade, refugiado na Ilha do Bananal, disfarçado de guia turístico, sob o codinome ‘Seo Zé, Carmo Bernardes do Programa Frutos da Terra, na TV Anhanguera, ladeado por Bariani Ortencio e Hamilton Carneiro, receitando, ensinando medicina popular e a arte da culinária, destacando as lindezas e riquezas do mato goiano.

O Carmo Bernardes daquela voz telúrica, palavreada na boca do matuto, e cravada em sua voz literária. Carmo Bernardes escritor de variadas experiências e convivências e que, como disse a crítica Nelly Alves de Almeida, integrou o grupo que “renovou a literatura brasileira, com sua obra personalística”.

Mas Carmo, sempre que o momento se fazia propício, tinha um desabafo, com panca de protesto, na agulha da língua. E Giovanni Ricciardi, mais uma vez, foi todo ouvidos quando Carmo lhe disse que não “*criava cultura*”, que sua literatura, que custou demais da conta a ser reconhecida, era cunhada no que viu, comeu, partilhou, no sentimento do povo que trabalhava duro e sofria muito. E, sem meias palavras ou digressões, foi categórico: “*A literatura que se fez em Goiás até mim, era literatura de cúpula. Alguns regionalistas, mesmo talentosos, como Bernardo Élis, não tinham nenhuma vivência do mundo rural, não sabiam nada, não conheciam o segundo Brasil, então, a obra deles é eivada de informações errôneas sobre a vida e as coisas da natureza. E era esse o móvel que me impulsionou a fazer literatura: corrigir essas distorções. Minha literatura nem era considerada, passei muito tempo assim no escanteio, jogado pra lá, sem que me considerassem literato, chegaram a escrever que minha literatura era literatura de caipira, até que pude sair e minha literatura ser reconhecida lá fora, primeiro no Rio de Janeiro*”.

O Carmo Bernardes cronista, cujo exercício da crônica incitava-o a praticá-lo com entusiasmo, quase como um deleite. Eram muitas, escritas no período de 1966 a 1969, várias já publicadas em jornais; reuni-las em livro, mais que uma sugestão, uma decisão importante, tomada pelo amigo, editor e livreiro, Paulo Araújo, quando Carmo protegia-se dos rancores da Ditadura, em seu refúgio, às margens do Rio Araguaia, carente do aconchego familiar e carente de saúde. Ainda no prelo, os livros, *Rememórias* (109 crônicas, 1968), e *Rememórias II* (23 crônicas e dois contos, 1969), foram vendidos e o dinheiro conseguido, repassado ao seu autor.

Essas obras expõem o dia a dia vivido e revivido por Carmo, também em Goiânia, canalizam lembranças sempre acordadas, e forjam uma realidade que funde passado e presente, legado da própria realidade do autor. Na *Crônica 80*, de *Rememórias*, com seu jeitão espontâneo e o linguajar meio tosco do homem da roça, conta: “*Em 1928 tiramos uma boiada das beiras de Anápolis e andamos até Bonfim. O velho inclinou no lugar, de volta a Formosa, arribou os cacarecos no lombo dos burros, viemos dar o tom no Capoeirão, hoje, Damolândia. Não quis mais lidar com gado, retornou a sua carpintaria, e eu rente. Data daí o meu embarque na leitura até o empazinamento. Panhei a lombriga do jornalismo em 1940 quando fui agente recenseador*”.

Mesclando contos às crônicas, *Quadra da Cheia: textos de Goiás*, seu penúltimo livro, traz um relato interessante do autor, que ostenta um certo orgulho de si, como se vaticinasse um futuro mais próspero, na crônica *Cafuçu na cidade*: “*Sai da roça para a cidade numa época ainda em que tudo era bem mais fácil. Nos últimos anos da Guerra. 1940, corria muito dinheiro e mesmo eu sendo um cafuçu dos legítimos, tinha muita instrução em comparação com a média dos roceiros*”. E dizia, de forma simples e direta, que veio para a cidade porque escrevia “*melhor que os de lá*”. *Selva – bichos e gente*, a última obra de Carmo Bernardes, publicada postumamente, em 2003, mais um livro de crônicas. Nele, destacam-se os bichos; os humanos atuam como personagens secundários; e, em tom zombeteiro, critica os que desprezam o linguajar simples da zona rural, os que se definem como puristas da língua, ignorando a língua do povo, seu verdadeiro dono.

É, o capiau Carmo Bernardes chegou à cidade grande, com seu ar desprezioso, mas convicto do que queria;

matutou aqui e ali, sentiu o desejo de mudança, atraído pelo toque da modernidade, e desatou todo o aglomerado de inspiração e criatividade (que, diga-se, jurava não ter), estocado durante décadas, que construiu a história humana e literária desse regionalista mineirano do pé rachado, imortal da Academia Goiana de Letras, ganhador do importante prêmio ‘Casa de las Americas’, de Cuba, em 1991, com o livro *La resurrección de un cazador de gatos*, conjunto de contos selecionados pelo próprio Carmo Bernardes, nos livros *Vida Mundo* (1966), *Reçaga* (1972) e *Idas e vindas* (1977), além de dois contos inéditos.

O roceiro escrevinhador, Carmo Bernardes, desbancou a arrogância dos escribas da cidade grande, e, numa linguagem vibrante, escreveu o famoso romance *Jurubatuba*, em que a poesia emposta a voz, dá cor, graça, beleza, humores e, ainda mais, magnetismo ao campo, evidenciando imagens marcantes que contrastam com a vida de sombras do sertanejo. Um duelo entre a fantasia e a realidade. Uma parceria entre a poesia e a desolação. Uma história de herói conquistador, incauto e um tanto patusco.

Gilberto Mendonça Teles diz: “*Jurubatuba* é portador de uma linguagem que lembra um certo preciosismo de Carvalho Ramos, o aspecto arcaizante de Guimarães Rosa ou a beleza vernácula de Graciliano Ramos. Mas é acima de tudo a linguagem de Carmo Bernardes. É o seu estilo”.

O mineiro goiano nunca abandonou seus costumes, nem o acervo cultural do sertão, onde ainda se perpetuam ditos populares, lendas, crendices, manias, superstições, características do estilo sertanejo do Brasil Central. Mesmo morando na capital de Goiás, jamais apagou as marcas de capiau que sua origem lhe entranhou. Sempre o mesmo Carmo,

na simplicidade dos gestos, na singeleza do linguajar, no caminhar displicente, no trajar despojado. Simplório, mas não, bronco. E o calor do cumprimento aos amigos, conhecidos e desconhecidos, o abraço sempre festivo, o riso acolhedor, sempre a sorrir boas-vindas? A ironia, às vezes, mordaz, por outras, como só a sabedoria popular é capaz de sutilizar, sem escondê-la, ao contrário, escancarando-a na própria sutileza, outra marca do Carmo.

Na cidade, apreciava os bailes, gostava das paqueras, dos amores cheios de promessas, das promessas cheias de vontades, das mulheres cheias de alegrias e acolchoamentos físicos que atiçavam seu assanhamento. Era muito saidinho com as mulheres.

Se na cidade, ou na roça, não dispensava as conversas com passantes, conhecidos, amigos; de tal gosto, não prescindia, e sempre dava um jeito, como dizia, de bisbilhotar um pouquinho mais sobre isso ou aquilo, aquele ou aqueloutro, pois se preocupava sobremaneira com o homem sofrido também da cidade, com a vida difícil e explorada da comunidade rural, vida imposta pela precariedade e insalubridade das matas e cercanias do Mato Grosso Goiano, onde doenças dizimavam seus habitantes, à vista dos poderosos, cujo olhar, mais grosso que o mato, condenava-os a uma condição de iminente perigo, pois o risco de morte era o vizinho mais próximo deles.

Entretanto, as folias nas fazendas, onde rolava aquela cachaça supimpa, onde a alegria peralteava sem cerimônia, e a música instigava os foliões à dança, salvavam, temporariamente, esse acabrunhamento de Carmo, que não dançava, porém, divertia-se a valer, feito criança em um mundo de cores e movimentos.

Em minha leitura, isenta de arquétipos técnicos ou críticos, já que nunca fui crítica, nem amadora, nem de ofício, apenas, leitora, vi (como, naturalmente, qualquer leitor atento viu), com nitidez, que, nos contos, Carmo deixa impressos o matiz e o formato do tradicional contador de causos, com enfoques na rotina do roceiro, também partilhada por ele, em suas vivências, idas e vindas ao sertão, e, também, nos flagrantes do cotidiano citadino. Nas crônicas, marcas do seu engajamento político, das denúncias alusivas à condição humana do trabalhador rude, à destruição das matas, à matança de animais, ao desrespeito ao meio ambiente, enfoques dos caminhos e atalhos das transformações em vigência ou iminentes em terras goianas. Nos romances, toda a realidade, travestida de ficção, sem perder o tom de veracidade.

Uma obra toda de cunho humanístico, que aborda o confronto do homem com seus conflitos, que reproduz os hábitos, falares, mitos e tradições do sertanejo, que tem gosto (pequi, mangaba, araticum, buriti, curriola, mama-cadela), cheiro, cores (quaresmeira, ipês, paineira), sentidos aguçados, uma obra enraizada na infância e adolescência do escritor, que se indigna com a exploração das terras goianas; um conjunto de histórias, na maioria, encenadas no sertão, onde o autor viveu, universalizada por sua ampla visão de mundo, sempre incomodado com os intrincados da vida, sempre buscando descobrir seu genuíno sentido, e, permanentemente, atento às próprias transformações interiores, e às exteriores, preocupado com os grandes desafios que circundavam o mundo, o mundo do progresso, das transformações aqui e alhures, o mundo que ele sonhou, um dia, no limiar da adolescência, melhorar.

Extensa, brasileira de Goiás, a obra carmo-bernardiana é composta pelos livros: *Vida mundo* – conto; *Rememórias*

– crônicas; *Rememórias dois* – crônicas; *Jurubatuba* – romance; *Reçaga* – contos; *Areia branca* – contos; *Idas e vindas* – contos e causos; *Força da Nova* – *relembrações*; *Nunila* – romance; *Perpetinha* – romance; *Quarto crescente* – *memórias*; *Memórias do vento* – romance; *La resurrección de un cazador de gatos e Ressurreição de um caçador de gatos* – contos (Prêmio Casa de las Americas – Havana, Cuba); *Santa Rita* – romance; *Jângala – complexo do Araguaia* – romance; *Xambioá, paz e guerra* – romance; *Quadra da cheia* – *textos de Goiás*, crônicas; *Selva bichos e gente* – crônicas.

Carmo Bernardes, contista, romancista, cronista é o cantador do sertão com seus rios, chãos estriados, chuvas e estiagens, crendices e mitos. Com a natureza e o homem sertanejo arraigados em seu fazer criativo, poetizou, em sua prosa fecundada pela terra, a fauna, a flora, ah! e o Araguaia!

O confronto velado ou explícito do homem com o bicho, da natureza com os parâmetros humanos, do sertão com a realidade urbana, sempre, o tom mais vibrante de sua escritura. Legítimo ‘contador de causos’, conhecedor das superstições e crenças do sertão, Carmo Bernardes, quer sob o enfoque da linguagem jornalística, de caráter crítico, quer nas nuances poéticas, exalta a natureza e os costumes do homem simples, execra a devastação das matas e dos bichos e expõe as feridas que a sanha do homem abre na natureza. Sua obra é um misto de esperança e desalento, por tudo isso.

Convicta estou de que Carmo deu um jeito de arranjar uma Macambira no céu. Determinado, mandou construir uma casinha modesta de madeira, pintada de verde, e, no dia 25 de abril de 1996, mudou-se para lá, deixando Goiânia sem seu ilustre filho adotivo. Intuí, de pronto, que ele queria integrar a confraria das estrelas, na copa do sem-fim, para

ratificar sua imortalidade. E não duvidei de que, como quem nada queria, achou um sertão celestial e, nele, “o cotovelo do rio”, “a pestana do mato”, uma caçada, alguma pescaria... E, creio, já tocou piston, viola, saxofone, participou de bandas, compôs e cantou modinhas, puxou conversa com os flutuantes e xeretou-lhes a vida. Se Deus boboeu, também foi laçado por Carmo para aquela prosinha gostosa!

Minha certeza diz: mesmo que eu tente “lacrar o beijo” (que não me ouça, também, lá no céu, sua mulher, dona Nicolina), Carmo já se engraçou por alguma camponesa esteelar. Ah! Se já! E foi no primeiro baile! Eita mineirano esperto demais da conta, siô! Uai, e poderia ser diferente?! Se até ele nunca fez questão de esconder isso!

RIO CRISTALINO

*Descobridor do sertão de Goiás,
Minerador das antigas gerais,
Carmo, filho de Goiás, mineiro de Goiás,
Cascos de boiada levantando poeira
no meu coração. E o coração leva
tempo demais, e a solidão castigando
os quintais, Carmo saudades demais,
te esquecer nunca mais, Rio Cristalino
esperando a chegada do seu caminhão.
Quando o galo cantar, deixa o barco correr,
peixe bom pra pescar, te vejo feliz,
Natureza no olhar, voa que nem passarinho.*

Letra de Nasr Chaul e Isanulfo Cordeiro,
música de Fernando Perillo

POETA DAS PAIXÕES, DOS AMORES, DAS DORES. O POETA DA ABOLIÇÃO

*Boa noite!... E tu dizes – Boa noite!
Mas não digas assim por entre beijo...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
– Mar de amor onde vagam meus desejos.*

Castro Alves

Embora pouco lembrado e, menos ainda, celebrado, 14 de março é o Dia da Poesia. A data simboliza significativa e justa homenagem ao baiano (meu conterrâneo) Antônio Frederico de Castro Alves, nascido nesse dia, em 1847, na Freguesia de Currálinho (fazenda Cabeceiras), hoje, Castro Alves. De família classe média alta, filho de pai médico e pintor, Dr. Antonio José Alves (um dos fundadores da Sociedade de Belas Artes da Bahia), aos doze anos, chora a orfandade materna, Clélia Brasília da Silva Castro, vitimada pela tuberculose. Era neto, por parte de mãe, do Major Silva Castro, herói das lutas pela libertação da Bahia. Parêntesis: sua tia, a linda Pórcia de Castro, como sua mãe, filha natural, desencadeou uma tragédia de cunho passionai, nas imediações de Caetité, que envolveu as famílias Castro, Pinheiro Canguçu e Moura, ao ser raptada por Leolino Pinheiro Canguçu. O rapto e o resgate foram temas em obras de Afrânio Peixoto, Jorge Amado, e também de cordelistas locais como José Walter Pires, de Brumado, e Dário Cotrim.

No início de 1853, por decisão do pai, que iniciaria a carreira de professor na Faculdade de Medicina de Salvador, Antônio Frederico muda-se com a família para a capital, para lá desenvolver seus estudos. No Colégio de Abílio César Borges, mais tarde, barão de Macaúbas, torna-se colega de Rui Barbosa, e, logo, expõe sua paixão, algo vocacional, para a poesia. Nove anos depois, a bordo do vapor Oiapoque, nova mudança da família: Recife, onde conclui os preparatórios.

Castro Alves, precoce na vida e na morte. Com 13 anos, recita seu primeiro poema, em público, numa festa da escola. Aos 15, publica poemas de cunho abolicionista, fato inédito e notável, pois, naquele tempo, não havia preocupação pela sina ou pela vida dos desesperançados e desditosos negros, tratados como bichos. Aos 16 anos, vestido de negro, recita Navio Negreiro, em um evento realizado em Salvador, sob olhares dos barões do Império. Sua produção poética, de primeira qualidade, já é uma realidade. Aos 17, escreve os versos de *Os Escravos*, publicados em jornais, declamados e difundidos fartamente país afora. Um jovem em estado permanente de poesia, com os sentidos priorizando, exacerbadamente, o amor denso e a paixão crepitante, em detrimento dos estudos. Por duas vezes, reprova-se. Porém, não desiste. Tenta. Consegue. Inicia o curso de Direito, em Recife, na turma do sergipano, também poeta, Tobias Barreto. Rapidamente, integra-se à vida literária acadêmica. Admirado, graças aos seus versos, dá-lhes primazia, bem como ao amor e à boêmia, sobrepondo-os a tudo. Por isso, interrompe o curso.

Em 1865, discursa, em versos (poema *O Século*), na solenidade de abertura das aulas, em que discursariam

autoridades, docentes e alunos, na presença da comunidade pernambucana. Perplexos, os mais velhos; delirantes, os jovens. Enquanto isso, a voz do poeta atroa qual um trovão feroz:

(...)

*Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos ellos...
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.*

*Quebre-se o cetro do Papa.
Faça-se dele — uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
P'ra cobrir os ombros nus.
Que aos gritos do Niagara
— Sem escravos, — Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis!
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos
Erga-se a estátua aos heróis!*

*Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! — Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séc'los mil!*

A perda do pai, em 1866, deixa-o atabalhoado e abatido pela tristeza. Mas essa tristeza dissipa-se induzida por uma paixão avassaladora. Afinal, todo poeta que se preza é um apaixonado. E Castro Alves não fica à margem da regra, ao contrário, torna-se o símbolo da paixão. Pela vida. Pelos amores. Pela natureza. Pela poesia. Pelo homem. Pela liberdade. E, em especial, pela bela e renomada atriz portuguesa, Eugênia Infante da Câmara, dez anos mais velha, de quem se faz ardoroso amante, tão logo se conhecem, durante representação, no Teatro Santa Isabel, da peça Dalila, de Octave Feuillet. Tempos depois, cede ao encanto dos versos e à insistência de Castro Alves, apesar do temor que a relação lhe causa. A paixão por Eugênia, com quem vive, aprimora sua lírica amorosa, cantada em poemas que expõem seus êxtases sentimentais de forma a ostentar, por meio de metáforas incitantes e polidas, sua vivência amorosa e carnal, versejada em toda a plenitude, como nenhum outro poeta o havia feito. Um período de inspiração efervescente. Nesse clima, ativa sua consciência social, descobre sua importância como poeta, também nessa contextura, e decide apresentar-se, com mais frequência, em público, vestido de negro, que virou sua marca. A voz empostada e forte, provoca delírios na assistência. A cada recitação de seus poemas, mais uma ovacinação. Os fazendeiros, donos de escravos, descabelam-se. Nesse ritmo, escreve o drama *Gonzaga, ou a Revolução de Minas*.

Em 1868, transfere-se para São Paulo, na companhia da amada, e retoma o curso, como terceiranista, na Faculdade de Direito de São Paulo. De novo, o amigo e conterrâneo Rui Barbosa como colega. Dois anos antes, seu parceiro: na criação da Associação Abolicionista do Recife. (Ao contrário de Rui, não se bacharela em Direito. Por falta de empenho e até por falta de vida).

No fim de 1868, realiza-se a encenação do drama *Gonzaga*, no Theatro São João, em Salvador. A pedido do autor, Eugênia Câmara interpreta Marília de Dirceu. Muito bem recebida e aplaudida, a peça. O êxito supera a mais otimista das expectativas. Contudo, a vaidade do amado, espanta e desencanta Eugênia, e respinga na relação do casal. Eugênia abandona-o. Castro Alves fica destroçado. O amor-paixão que o enlaçou no tórrido relacionamento com sua amante e inspiradora, luzeiro de sua lírica e de sua vida, cuja influência tamanha poliu-lhe o lirismo e lapidou-lhe a personalidade, agora, impinge-lhe sofrimento tão exacerbado, como se lhe descarnasse a alma, e o apresasse na melancolia. Tanta dor pela ruptura, eleva-o ao topo da depressão.

Uma tragédia vem sempre acompanhada de outra tragédia, diz o ditado popular. Atrás de um desancanto, há sempre outro à espreita, tal qual siameses inseparáveis, digo. O sofrimento de Castro Alves não se limita ao abandono da amada. Na tentativa de curar-se das machucaduras desse amor frustrado, dedica-se a longas caçadas. E, durante uma delas, um de seus pés, o esquerdo, ferido por um tiro acidental de espingarda, para não gangrenar, é amputado, sem anestesia, no Rio de Janeiro, em 1869, após vários tratamentos e cirurgias (seria ele diabético?!), o que o relegou a mórbido abatimento físico e emocional, à cronicidade da depressão e ao desespero desmedido. Vaidoso, sente-se nocauteado e com a dignidade esgarçada. Para completar seu infortúnio, uma sombra engole o fio de esperança que ainda o mantém sobrevivente. E todo aquele sofrimento recebe o ‘tiro de misericórdia’ da vida: a tuberculose. O ‘mal do século 19’. Incomplacente sentença de morte. A imagem da mãe tísica apavora-o.

Desolado, sob o impacto de mais uma tragédia pessoal, volta à Bahia. No afã de tentar curar-se, vai para as fazendas

de seus parentes. Durante quase todo o ano de 1870, respira ar puro e investe numa alimentação mais apropriada. Enquanto isso, enfeita as paisagens rurais, a primavera, deixando a impressão de que a vida momento a momento, ganha mais viço. Novembro surge e, com ele, o rebento literário do poeta: *Espumas flutuantes*, filho único de pai vivo. A aceitação entusiasmada dos leitores anima Castro Alves. E ele, apesar de debilitado, física e emocionalmente, não perde o ânimo poético nem o amoroso, e concebe lindos e sensuais versos, inspirados, a tais alturas, pela soprano Agnése Trinci Murri, jovem viúva italiana, professora de música de sua irmã, por quem se apaixona, mas não é correspondido. Esse, seu último amor, um amor forte, porém, platônico.

O ano, o mesmo, 1870. A fazenda em que o poeta repousa, e completa seu livro, *A cascata de Paulo Afonso*, é de outro familiar. O Livro só é publicado cinco anos após sua morte, em 1876, com o título *A cachoeira de Paulo-Afonso*. Essa obra deveria integrar sua maior empreitada poética, *Os escravos*, conjunto de poemas que traz em seu bojo a escravidão. E é o próprio poeta quem esclarece: “*Continuação do poema Os escravos, sob título de Manuscritos de Stênio.*”

Castro Alves, atento às causas sociais, rebelde, progressista, vanguardista, incorporou sua poesia eloquente, de tonalidade retórica e força de persuasão, às cenas históricas de maior relevância da época (século XIX). Conectado com os fatos do Segundo Reinado, poemiza a Guerra do Paraguai e a chegada da locomotiva. Abolicionista visceral, verseja, com ênfase, também sobre a República e seus intrincados, dramas e inquietações dos brasileiros. Usa o poder social advindo da lírica de sua poesia *condoreira* (referência ao voo alto do condor, símbolo da liberdade, assim

como sua linguagem), para realçar e denunciar a miséria humana, a infame escravidão, e seus fossos mais secretos e imundos, e grita a necessidade de uma luta incessante para extirpá-la de nosso País. Esse seu espírito contestador e intuitivo, os postulados liberais e sua arte libertária, voltados para as mazelas sociais e de teor humanístico, sagraram-no preconizador da abolição e da República.

Vigoroso orador, de palavra cortante e ousadia nas metáforas e hipérboles, pela grandiloquência mostrou-se ferrenho defensor da igualdade, da dignidade e da cidadania (foi também teatrólogo e tradutor). Essa ‘lírica-social’ é uma das bifurcações da poesia de Castro Alves, por onde vaza sua loquacidade épica, que lhe fez merecer antonomásias expressivas: “Poeta dos escravos”, ‘Poeta republicano’, segundo Machado de Assis, e “O Condoreiro”, essa, um reconhecimento carinhoso do historiador Capistrano de Abreu. A outra bifurcação, a ‘lírico-amorosa’, é notório, timbra-se na sensualidade, na ardência do amor-paixão, no transbordo da volúpia, dos desejos vigorosos, tudo em alta voltagem, influência recebida de Victor Hugo, de quem é leitor contumaz e admirador confesso (suas leituras estendem-se a Lord Byron, Lamartine, Alfred de Musset, Heinrich Heine). Por todo esse deslumbramento, em que o corpo e a alma entram em conjunção, Castro Alves avantajase em relação a dois poetas, da segunda geração do romantismo, chamada de ‘geração ultrarromântica’: Casimiro de Abreu, com sua poesia adolescente, de timbre incauto, amor contido, saudade da infância, e Álvares de Azevedo, cuja poesia foca-se em fatos tristes, mortes, amores fracassados, quase cunhada no desapareço ao amor, à paixão. Ambos, como Castro Alves, morreram precocemente, emboscados pela tuberculose. E os três patronaram cadeiras na Academia Brasileira de Letras.

Tido pelos pesquisadores, estudiosos e críticos, como o último grande poeta da ‘terceira geração do Romantismo’, pela sua abordagem social, de inconformação, de luta pela defesa dos negros, dos oprimidos, da abolição da escravatura, sempre com a indignação em riste, apontando injustiças, desesperanças, Castro Alves distancia-se do ultrarromantismo e aproxima-se do Realismo. Isso se dá, também, devido à sua linguagem irreverente, magnetismo verbal e intenso dramatismo, traduzidos por sua poesia épica.

Homem bonito, esbelto, elegante. De abastada e bem cuidada cabeleira. Olhos negros, olhar invasivo e tátil. Gestos insinuantes e cativos. Arrasador de corações femininos e instigador da inveja masculina. Amou, apaixonou-se, foi amado. Vaidoso incurável. Amante do amor. Viciado em amar. Encantador de mulheres. À boca larga, corria a fama de que, ciente de seus encantos e espírito sedutor, considerava-se o desassossego dos pais, maridos e irmãos do mulhério. E que, arrogantemente debochado, alardeava, aos quatro cantos, por onde passava o vento, ao ultrapassar a porta de casa: *Prendam suas filhas, irmãs e mulheres! Castro Alves sairá à rua!*

As tantas tragédias pessoais disseminaram muita tristeza e desencanto no dia a dia do poeta. Isolado, abatido, com a vaidade também amputada, aos vinte e quatro anos, oito meses após a publicação, em Salvador, de seu primeiro livro, *Espumas flutuantes*, Castro Alves leva sua inspiração poética para muito além do Olimpo. Inverno, 6 de julho de 1871, 15h30min. Em um quarto, no Palecete Sodré, deitado sobre uma cama rente à janela, por onde uma tarde ensolarada de Salvador, imiscui-se, Castro Alves entrega-se à eternidade. O sol olha-o assustado, como se dele emanasse o calor dos seus poemas apaixonados, a delicadeza dos seus versos amorosos e a dor dos negros escravizados.

O poeta, que viveu em permanente estado de poesia, que se vestia de negro para declamar seus poemas, mudou de dimensão, antes de terminar sua maior e mais ansiada proposta poética: *Os escravos*, conjunto de poemas em torno do tema da escravidão. O poeta voou, porém, sua poesia fez pouso não só na literatura, mas, também, na História, que teve a escravatura como nódoa, e a abolição como luta incessante da palavra armada e detonadora, nos poemas de Castro Alves, como busca de redenção. O autor dos antológicos poemas *Navio Negreiro e Vozes d'África*, como ave em arribada, voou para buscar, precocemente, outro infinito, mas deixou perpetuados o lirismo, o amor-paixão, o compromisso social, o sentido revolucionário, o espírito de patriotismo, enfim, toda a vitalidade de sua obra, publicada anos depois de sua morte.

Principais poemas de Castro Alves

A Canção do Africano – 1863

Gonzaga ou a Revolução de Minas – (drama) – 1866

Vozes d'África – 11/6/1868 (*Integra o livro Os Escravos*)

O Navio Negreiro (Tragédia no Mar)– 18/4/1868 (*Integra o livro Os Escravos*)

Espumas Flutuantes – único livro publicado em vida – 1870

A Cachoeira de Paulo-Affonso – 1873 (excerto do livro *Os Escravos*)

Os escravos – 1883

Hinos do Equador (integra edição de *Obras Completas*, organizado por Afrânio Peixoto) –1921

ATREVIMENTO POUCO É LUXO – SAÚDO GUIMARÃES ROSA E SUAS VEREDAS –

Para Alaor Barbosa

“... às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo. É tão imperativo...”.

Guimarães Rosa

Só mesmo incorporada por Guimarães Rosa, eu teria cacife para imiscuir-me em *Grande sertão: veredas*, esse sertão ilustre. Bem, com ou sem a solidariedade *rosiana*, os especialistas no assunto (ensaístas e críticos literários) que me relevem a intromissão, mas afrontar desafios, para mim, é fundamental, portanto, lá vou eu dar uma espiada na criação de Guimarães. Antes, porém, quero caminhar pela mineirice de Joãozito, como era carinhosamente tratado pelo tio, escritor Vicente Guimarães. João Guimarães Rosa, nascido em Cordisburgo/MG, sob os fluidos do outono, em 27 de junho de 1908.

Médico, diplomata, estudioso de línguas, poliglota por distração, por gosto e saber, não se constrangia em afirmar, com a maior naturalidade e orgulho: “Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto e um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego, mas com o dicionário agarrado; entendo: alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês”). Escri-

tor intuitivo e observador (romancista, novelista, contista, poeta e diplomata), um homem sensível e amante da natureza. Na infância, colecionou insetos e borboletas, e, na adolescência, perseguiu cobras, durante as férias escolares, quando se embrenhava nas matas de Cordisburgo (“burgo”, cantinho do coração), seu berço mineiro, interagindo, de forma comovente, com a alma e os mistérios do sertão e do sertanejo. Já naquele tempo, colhia o material que, mais tarde, fertilizaria toda a sua notável criação.

Segundo marido de Aracy Moebius de Carvalho, que adotou o Guimarães Rosa, era grande admirador da mulher, também, poliglota, pelo seu destemor e determinação, espírito generoso e combativo. Aracy trabalhou no Ministério das Relações Exteriores, canal de ajuda para os judeus entrarem clandestinamente no Brasil, no governo de Getúlio Vargas. Isso lhe rendeu a outorga do título de ‘Justa entre as Nações’, pelo governo israelense, o que significava pertencer ao *Jardim dos Justos entre as Nações* de Yad Vashen – Museu do Holocausto. Washington, igualmente, homenageou-a no Museu do Holocausto americano. Tornou-se conhecida como ‘Anjo de Hamburgo.’

Rosa perdeu, por um voto, um concurso literário importante – 2º Prêmio Humberto de Campos/1938 –, promovido pela Livraria José Olympio. O resultado dessa sua incursão pelos sertões-veredas da literatura, com os originais de *Contos*, sob o pseudônimo de Viator, foi muito comentada nos meios literários. O vencedor do concurso foi o premiado Luís Jardim, com o livro *Maria Perigosa*. Na Comissão Julgadora, encontrava-se Graciliano Ramos que assim se referiu aos originais de *Contos*: “Votei contra esse livro de Viator. Votei porque dois dos seus contos me pareceram bastante ordinários: a história dum médico morto na roça, reduzido à condição de trabalhador de oito, e o namoro mais ou menos

idiota dum engenheiro com uma professora de grupo escolar. Esses dois contos e algumas páginas campanudas, entre elas uma que cheira a propaganda de soro antiofídico, me deram arrepio e me afastaram do vasto calhamaço de quinhentas páginas. Em virtude da decisão do júri, muita gente supõe que o concorrente vencido seja um escritor de pequena valia. Injustiça: apesar dos contos ruins e de várias passagens de mau gosto, esse desconhecido é alguém de muita força” (Ramos, 1962, pp.155-6).

Guimarães Rosa, ou melhor, Viator, para surpresa da comissão julgadora, da qual fizeram parte, também, Prudente de Moraes Neto, Marques Rebelo, Dias da Costa e Peregrino Júnior, jamais se manifestou sobre o resultado do concurso e mais, permaneceu, por oito anos, incógnito sob o tal pseudônimo, até reescrever toda a obra (detalhe: dois contos foram alijados do livro...), rebatizada de Sagarana, a primogênita de sua valiosa prole literária: *Com o vaqueiro Mariano; Corpo de baile – desdobrado em Campo geral; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, No Pinhém; Noites do sertão –; Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutaméia (terceiras estórias) –; Estas estórias; Ave, palavra*. À exceção da novela *Corpo de baile* (e seus desdobramentos) e do romance *Grande sertão: veredas*, todos os outros livros são de contos. Parêntesis curioso: um ano antes de perder o referido prêmio, Guimarães Rosa venceu um concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras/ABL, com o livro *Magma*, muito elogiado pelo relator, o poeta Guilherme de Almeida, e só publicado, em 1997, 30 anos após sua morte, pela Editora Nova Fronteira.

Ainda bem, Guimarães Rosa não se intimidou com o voto desfavorável de Graciliano Ramos, pois, se lhe houvesse dado trela, talvez, a literatura mundial não conhecesse a obra-prima *Grande sertão: veredas*, romance cujo suporte é o

amor-pecado, proibido do protagonista, o fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo, pelo amigo Diadorim, sua paixão obsessiva, ambígua e queimosa, pomposa metáfora da travessia do bem e do mal, do proibido e do desejado, do amor e da perdição, do cultuado e do inaceitável.

Estava escrito nas veredas do grande sertão interior de Guimarães Rosa que a ABL testemunharia momentos importantes de sua história, momentos cunhados tanto na alegria, quanto na tristeza. Até porque, para ele, pertencer àquele Sodalício significava a “consagração”, daí, seu desejo veemente de ser acadêmico. E tanto era verdade, que se candidatou duas vezes: em 1957, perdeu para Afonso Arinos. Em 1961, a ABL homenageou-o com o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Em 1963, elegeu-se, à unanimidade, para a cadeira número 2, patroneada pelo poeta Álvares de Azevedo. Numa expressão de honradez e civilidade, Guimarães Rosa convidou Afonso Arinos para recepcioná-lo em sua sessão de posse, 16 de novembro de 1967, ano em que se cogitou seu nome para o Nobel de literatura, fato que o deixou desarvorado e cheio de temores, sentimentos esses regidos pela batuta do seu coração e por algumas superstições desassossegadas. Sempre, em instantes de exacerbada e indomável emoção, a morte surgia-lhe como fantasma, e um terrível medo dominava-o. Por isso mesmo, sua posse só se realizou quatro anos depois de eleito. Adia da várias vezes, o escritor temia desmaiar ou morrer, fulminado pelo coração, durante a solenidade. Entretanto, naquela chuvosa noite de 16 de novembro, seu coração comportou-se altivamente, sob o imponente fardão, enquanto, emocionado e trêmulo, seu dono era empossado, num ritual que o alçava à seleta categoria de “imortal”.

Infelizmente, tamanha alegria, com jeito de sonho encantado, durou apenas três dias: por obra e desgraça do temido coração, um infarto, é certo, urdido pela emoção da posse,

silenciou-lhe o medo, a genialidade e tantos sonhos, aos 59 anos. Assim, o talento e a grandeza daquele sertanejo mineiro migraram para a Dimensão Maior, dia 19 de novembro, na metade da primavera, em busca de um outro sertão-veredas. E o mundo intelectual, perplexo e enlutado, uniu-se aos demais brasileiros e chorou tão precoce morte.

Mesmo camuflada pelo medo e sem a pretendida cumplicidade de seu autor, cometi a ousadia de bisbilhotar, sem a patente de crítica literária, essa obra tão densa, léxica e sintaticamente revolucionária, esculpura na narrativa épica e pontuada por invencionices vocabulares, pelo retorno dos arcaísmos, pelo uso de neologismos e estrangeirismos, pela manipulação artesanal das palavras e pelo tom dramático de Riobaldo, que narra a um forasteiro, sempre na primeira pessoa, sua tragédia humana, seu doloroso pecado de amor que tanto o consumia.

O impactante livro, merecedor dos prêmios “Machado de Assis”, “Carmen Dolores Barbosa” e “Paula Brito”, veio à luz em maio de 1956 e, com ele, uma linguagem recriada, aprimorada para uma dimensão mais metafísica e ontológica, e menos atrelada aos paradigmas do regional. A rudeza do homem e a solidão dos gerais ganharam novas vestes, mais aprofundamento psicológico e até outras vertentes.

No processo de sua travessia criadora, permeada de poesia, Guimarães Rosa, com sua singular capacidade de transcender as densas veredas do imaginário, forja o absurdo e o fantástico, realça o insólito e o jogo das escaramuças, enfatiza os dualismos bem/mal, vida/arte, ficção/realidade, divino/humano, sem se desvencilhar do enfoque sociológico que abarca a cultura popular, rica em mitos, ritos, pactos diabólicos, misticismo, questionamentos e dúvidas sobre a existência e o poder do Diabo, ingredientes que atizam o leitor a novos desbravamentos.

O engenho criativo de Guimarães Rosa fê-lo, incontavelmente, o senhor da fabulação e um dos escritores mais peculiares, mais originais e festejados de nossa literatura, motivo por que suas obras, traduzidas para vários idiomas (como se traduz o “intraduzível”?!), viajaram e viajam mundo afora...

É claro que fui contida em minha abordagem. Notadamente, só enfoquei o óbvio, só o que assalta a sensibilidade e a perspicácia do leitor comum, o que já foi dito e redito por tantos, tantos e tantos. Recato? Incompetência? Sem dúvida, ambos! Afinal, quem sou eu para analisar o talento do mestre dos arranjos linguísticos? Quem sou eu para alcançar as nuances da criação rosiana e de seu Grande sertão: veredas? O excelente livro *Sinfonia Minas Gerais: a vida e a literatura de João Guimarães Rosa*, do goiano, acadêmico Alaor Barbosa, amigo do autor, desde a adolescência, e meu confrade na AGL, está de olho em minha audácia. E, para livrar-me de um arroubo imprudente e enveredar-me por onde poderei perder-me e comprometer-me, ouvi o que diz Drummond, em um poema sobre Guimarães Rosa: “João era fabulista/fabuloso/fábula?” (...) Guardava rios no bolso/ cada qual em sua cor de água/sem misturar, sem conflitar?/E de cada gota redigia/nome, curva, fim (...) /Por que João sorria/se lhe perguntavam/que mistério é esse?/ (...) Ficamos sem saber o que era João/e se João existiu/de se pegar”. Se ele, o poeta Maior, tinha uma pedra no meio das dúvidas, eu, então... Assim, entendido o recado, expeli qualquer ânsia de atrevimento em perscrutar as lonjuras da genialidade do fabuloso e fantástico prosador-poeta, e limitei-me à superficialidade – lugar-comum dos amadores e curiosos – para não profanar a alma literária desse gênio da escritura. É, tal coragem e pretensão, deixo aos críticos. E, se puder, que Guimarães Rosa lhes perdoe tamanha ousadia.

HOMENAGENS

COLEMAR, O VISIONÁRIO

É assim que desejo saudar a memória de Colemar, um goiano de estatura pequena, mas de porte moral e de grandeza humana inaquilatáveis.

Não quero reverenciar somente o Colemar Natal e Silva, figura notória no âmbito cultural, ‘homem-símbolo’, como o denominou o saudoso acadêmico José Luiz Bittencourt, desbravador reconhecido pela determinação e coragem, secretário da comissão responsável pela escolha do local-sede da nova capital do Estado, patrimônio histórico-cultural de Goiás. Quero reverenciar mais que o Promotor Público ou o Procurador-Geral do Estado; mais que o Presidente da OAB/GO ou o Secretário de Interior e Justiça. Quero reverenciar não apenas o escritor, o exímio orador, dedicado mestre, vanguardista nato. Tampouco, só o imbatível disseminador de ideias criativas e de ações concretas, convertidas sempre em grandes feitos: Instituto dos Advogados de Goiás; Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (do qual é o presidente perpétuo) ou o idealizador e um dos fundadores da Academia Goiana de Letras (Vasco dos Reis Gonçalves, Guilherme Xavier de Almeida, Victor Coelho de Almeida e mais dois que foram ali representados: Mário Caiado e Dario Délio Cardoso; da Universidade Federal de Goiás; da Rádio e Televisão Universitária; da Imprensa

Universitária; do Colégio Universitário; da Cidade Universitária (hoje, Câmpus); da Casa do Estudante; do Centro de Estudos Brasileiros... Quero reverenciar muito mais que o democratizador da cultura, o profissional, o pioneiro, o visionário, o inovador, o reformista...

Não quero dar primazia, unicamente, ao Colemar Natal e Silva exemplo de bravura, de galhardia e de obstinação, que se tomou insígnia goiana, admirado e respeitado por gerações e gerações que conheceram, por meio de testemunhos, sua saga de pioneiro. Saga que, a cada investimento, destacava-se sobejamente pela ousadia e pela disposição aguerrida no confronto com o inusitado. Na verdade, o inédito parecia, sempre, um ímã a atraí-lo, e essa parceria transformou-se em sua marca peculiar, assim como a preocupação diuturna com o social e com a qualidade de vida de seus comandados. Tanto que José de Paiva Pinto, um dos técnicos implantadores da Imprensa Universitária, enfatizou em seu relatório: “A ideia inédita em Goiás, do Magnífico Reitor Colemar Natal e Silva, de oferecer aos operários e funcionários da Imprensa Universitária uma participação nos lucros, virá contribuir de maneira decisiva para o esmero, capricho e seleção perfeita dos trabalhos e dos trabalhadores”.

Quero, sim, aclamar o homem, o amante da liberdade, da democracia e do meio ambiente; o poeta dos grandes sonhos, o amigo e incentivador dos jovens que, criticado por designá-los para a direção dos diversos departamentos da UFG, respondeu: “Estou, deliberadamente, me cercando da mocidade universitária, porque busco, acima de tudo, a capacidade criadora que só a força do ideal pode produzir...”.

Quero exaltar o Colemar cidadão, preocupado com a condição do Ser na contextura social, esse Ser, às vezes,

andarilho autômato e atônito nos descampados humanos. O Colemar guerreiro, invencível em seus princípios e ideologias, mesmo quando, imerecidamente, acusado por adversários políticos e competidores infíeis ou quando perseguido e execrado pelos carrascos da ditadura.

Quero reverenciar a memória do homem que se emocionava com um pôr de sol, com uma revoada festiva de aves migrantes, com os encantos da natureza, como nos conta a acadêmica Maria do Rosário Cassimiro, em sua crônica ‘Os olhos d’água do Buritis’:

– Há vários anos, trafegava em meu carro pela Alameda dos Buritis, tendo a meu lado o querido e saudoso professor Colemar Natal e Silva. Passávamos em frente à Assembleia Legislativa quando ele me confidenciou: “Quando estávamos escolhendo o sítio para a construção da nova capital eu, ajoelhado e com as mãos em concha, bebi água desse corregozinho que passa aqui pelo Parque dos Buritis”.

Outra passagem interessante, que corrobora essa visão ecológica de Colemar, reporta à infância de suas filhas. Aos domingos, a família ia, a pé, vencendo trilheiras, para a chácara do “Doutor Colemar”, hoje, Jardim Moema. As filhas, acompanhadas de um bando de crianças amigas, ouviam os ensinamentos do patriarca, que lhes entregava mudas de caju, manga, jabuticaba, laranja, mexerica e de flores para que, dessa forma, se sentissem tocadas pelas belezas naturais, emoção que, com toda certeza, lhes despertaria a consciência ecológica, geradora de uma relação de respeito, de carinho e de harmonia entre homem e natureza. E sintetizando a personalidade do pai, Moema, a filha primogênita, afirma emocionada: “Sem ser poeta, no sentido da elaboração formal do verso, Colemar sintonizava-se, no entanto, com todas

as formas de manifestação estética: música, literatura, artes plásticas e a própria natureza de que era um inspirado contemplador”. Também, Mariza, a filha poeta, versejou neste sentido:

À tarde, na fazenda, / as rolinhas cantavam dentro da mata./ Ele sentava naquela varanda / e seu olhar ia longe nas colinas/ onde o gado pastava[...]// ...À noite, naquela imensidão de estrelas [...]/ ele apagava a luz e sentava no alpendre/ e nunca ninguém saberá o que recordava/ aquele olhar tranqüilo e sozinho,/ naquele peito solitário/ quando todo mundo dormia/ e apenas o coaxar das rãs respondia ao silêncio/ povoado de estrelas.

O Colemar que reverencio, pois, é o humanista, de têmpera arrojada e tenaz, que nunca se abateu diante das adversidades ou da mesquinhez e cuja obra jamais foi deslustrada pela ação do tempo ou dos omissos. Mesmo porque, batalhadora incansável pela preservação da memória paterna, a acadêmica Moema de Castro e Silva Olival, sua substituta na cadeira nº 4, idealizou 24 de agosto como “Dia da Cultura”, ideia que se expandiu para “Semana Colemar Natal e Silva”, instituída por esta Academia e abraçada por outras instituições culturais.

Portanto, o Colemar que reverencio, é o homem que adotou como brasão a dignidade. É o Colemar da Moema, dos jovens, dos idealistas e dos aprendizes da arte de acender sonhos e, com eles, incendiar a vida. O Colemar que reverencio é, simplesmente, o Colemar visionário, colecionador de sonhos, pois o outro, o doutor Colemar Natal e Silva, que todos admiram pelas proezas de estirpe intelectual, profissional e jurídico, a própria história cuidará de reverenciá-lo sempre.

IMORTAL NA TERRA. ETERNO NO CÉU

PANEGÍRICO *

Para Edith e Selma

*“Vou dar uma capoeirada, um rabo de arraia,
uma tesourada, ou os três ao mesmo tempo,
no sujeito que ousar atacar-me. Ladrão comigo
é na capoeira!”.*

Mário Rizério Leite

O ano, 1912. 8 de novembro. Primavera em plena forma, sol esturricante. A cidade, Brumado, sertaneja baiana, capital do minério, engastada na região Sudoeste da Bahia, no Polígono das secas. A lua, em quarto minguante, minguava de luz as noites, porém, uma outra luz, promanada do ventre de Deolinda Rizério de Moura Leite, brilhou: Mário, cujo fôlego, mostrado no chororô vigoroso, indicava uma criança saudável. Dr. Pompílio Dias Leite, sempre severo no ofício de Juiz de Direito, emocionou-se, e não conteve o orgulho com a chegada de mais um filho. E o casal sentiu-se, pela sexta vez, abençoado. Três filhos mais tarde, a família estava completa: quatro homens e cinco mulheres.

* Panegírico é uma louvação proferida em Sessão Magna da Saudade, na Academia Goiana de Letras. Solenidade ritualística, abarca um conjunto de momentos que cultua a memória de confreres e confrades que foram disseminar literatura em campos de maior dimensão, iluminados por estrelas e pelas bênçãos divinas. Momentos motivados pela saudade, em que tentamos segurar o que ficou dessas presenças, durante tanto tempo de convivência, de trocas e de aprendizados. Momentos de perplexidade diante da perda da amiga, do amigo. A acadêmica ou acadêmico designado representante da confraria, para pronunciar o panegírico, enfoca dados da vida do homenageado, reverencia a importância de suas obras, trajetória literária e atuação na rotina cultural do Estado.

Apesar da idade miúda, Mário foi para a escola pública local aos cinco anos. Seu pai logo percebeu que um caminho promissor estendia-se à frente daquele menino franzino, porém, esperto por demais; e, mal completou seis anos, Dr. Pompílio mandou-o para o internato do Instituto São Luiz Gonzaga, na vizinha Caetité (Brumado é oriundo de uma parte do território caetitense). Pouco tempo, entretanto, Mário ficou naquele internato. Uma de suas traquinagens assustou os dirigentes do colégio. De pronto, trataram de devolvê-lo aos pais, como “um presente”, conforme o encaminhamento. E não era para menos: o peralta jogou pedra em um colega, furando-lhe a cabeça.

Anos depois, frequentou, novamente como interno, o Instituto Bahiano de Ensino, em Salvador. Mais tarde, transferido para o Colégio Padre Antônio Vieira, também em Salvador, de rigorosa disciplina jesuíta, conviveu com Jorge Amado. Uma dupla e tanto, nem um pouco parcimoniosa nas aprontações, e assídua frequentadora da “cafuá”, lugar acanhado, escuro, sem ventilação, hospedaria de insetos, destinada à reflexão dos alunos infratores.

De certa feita, a expulsão dos dois foi decretada. Mário, por chegar atrasado ao colégio, após um longo passeio. Jorge por questionar, de forma acintosa, os ensinamentos do colégio e, em especial, os do padre, professor de catecismo, que conhecia suas ideias revolucionárias e socialistas, o que desagradava sobremaneira os jesuítas. Mas Jorge não se intimidava e, durante uma aula de religião, sua irreverência, aliada ao ceticismo, instigou-o a inquirir o tal professor, deixando-o confuso e na maior batina justa: ‘Deus criou o homem, padre?’. “Sim”. “Ele conhece o passado, o presente e o futuro?’. “Sim”. “Ele é justo?’. “Sim”. “Quem peca vai para o inferno?’. “Vai”. “Então, Ele não é justo, porque cria a pessoa já sabendo que ela vai pecar e que vai para o inferno, ora!”.

A expulsão estava justificada. Reunidos os alunos para tomarem conhecimento da decisão dos jesuítas, Jorge Amado, sem qualquer constrangimento, dirigiu-se, amável, aos colegas: “Meus caros, até breve!”. Contudo, a rebeldia jorgiana não lhe permitiria sair assim, sem troçar com seus julgadores. Num ímpeto, virou-se para os padres e, com os braços, deu-lhes uma banana: “Urubuzada, adeus!”. Convenhamos, aquele atraso de Mário, a tais alturas, era insignificante demais para expulsão. Um dos padres, cômico disso, intercedeu a seu favor, e o processo foi suspenso. De lá, Mário só saiu para ingressar-se, em 1931, na Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira do Brasil, criada por D. João VI, por interesse próprio, afinal, ele e alguns membros da família real tinham saúde frágil, portanto, médico era produto de primeiríssima necessidade.

Acadêmico de medicina, e decidido a aliviar as despesas do pai, atuou como repórter no jornal *O Imparcial*, de Salvador, e o pequeno salário garantiu-lhe a mensalidade da pensão e alguns gastos com o curso. Mas, logo, a primeira decepção: o jornal foi fechado pela Revolução de 30. Os estudantes, irados, idealistas que eram, protestaram. A faculdade de Medicina foi cercada pela Polícia Montada. Os revoltosos não se intimidaram. Desarmados, armaram-se. Pasmem: com roldas. Centenas, jogadas no chão, para desespero dos cavalos que nelas escorregavam e caíam desajeitadamente, junto com seus montadores, para delírio da rapaziada. Muitos foram presos. Um deles – alguém duvida? –, Mário. No xadrez, os prisioneiros recusaram-se a receber qualquer alimento vindo do quartel. Isso desencadeou manifestações de solidariedade: as famílias baianas prepararam guloseimas deliciosas (vatapá, acarajé, abará, cocada, cuscus, canjica, bolo de carimã) e as levaram aos futuros médicos, assim como agasalhos e vestimentas.

Não pensem que o jovem Mário dava-se em exclusividade aos estudos. Ah! não mesmo! Dividia-os com a boêmia

e os esportes. Amante da música e da dança de salão, aprendida no Clube Recreativo do Pelourinho, esbaldava-se nos bailes, noite adentro, rodopiando moçoilas sob a batuta de seu charme e de sua ginga. Também a capoeira integrava seu acervo de preferências. Praticava-a na praia de Armação, Escola de Aprendiz de Marinheiro, ao lado da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes; mas não abdicava do futebol, cujos adversários, sempre ferrenhos, a turma da engenharia.

O amor pelos instrumentos musicais, desde a infância, acompanhou-o por toda a vida. Aos oito anos, tocava acordeão; ainda menino, foi trompista na Banda de Brumado, o que lhe exigia ensaios diários. Um dia, já saturado com o irritante e insistente “tum-tum-tum-tum” abafado, esvaído da Trompa, um de seus irmãos rasgou a partitura da vez, deixando-o profundamente abalado. O saxafone veio a seguir, e as moças ficavam enfeitiçadas ao verem aquele galante rapaz tocá-lo de maneira tão insinuante. cursando medicina, a conselho do renomado maestro Dante, regente da Orquestra de Violinos de Salvador, estudou esse instrumento e, não tardou muito, integrou a famosa orquestra. Mesmo no adiantado da idade, Mário não abandonou o violino.

Em 1937, fervilhava a expectativa pela formatura. Aqueles seis anos de sacrifícios, de muita dedicação, finalmente, seriam culminados na tão desejada Colação de Grau, momento de orgulho maior para as famílias e formandos. A solenidade, sisuda como convinha à época, emocionava todos. Nome por nome era chamado. E cada formando recebia o diploma com a alegria exposta nos olhos, no sorriso, no tremor das mãos e no olhar de agradecimento lançado às famílias. Menos Mário. Calma! Ele estava presente, sim, à formatura, todavia, seu nome não. Por quê?! A pergunta vagou pelos pensamentos de Mário e de sua família, sem resposta. Tristeza, decepção,

frustração, sensação de injustiça, os sentimentos que zanzavam no peito e na mente dos Rizério Leite, que não entendiam o que havia acontecido. Ninguém se manifestou. Nada poderia tisonar o brilho da cerimônia. Só após terminada, levaram seu protesto à direção da faculdade. Ciente da terrível falha da secretaria, o diretor, constrangido, consolou-os, e prometeu reparar tamanho erro. Dia seguinte, convocou toda a faculdade: Conselho e professores que compuseram a mesa, convidou os alunos e, na noite do dia 17 de dezembro, em bonita e peculiar solenidade, Mário Rizério Leite, todo prosa, colou grau sozinho, sob aplausos efusivos da assistência, e sob forte emoção de seus pais, irmãos, familiares e amigos.

A vida, não composta só de festa, logo o acordou para a nobre responsabilidade que a medicina lhe conferia. Além do mais, do “Juramento de Hipócrates”, nunca poderia esquecer. Assim, recém-formado, clinicou pouco tempo em Brumado e em Santa Bárbara, cidadezinha próxima. Não conseguiu se realizar. Faltava-lhe algo. Na verdade, buscava desafios maiores, de caráter mais humanitário. Queria cumprir sua missão como sempre idealizou, cuidando dos desamparados, em locais desassistidos. Pretendia desenvolver a medicina em sua essência mais legítima, com os postulados humanísticos nos quais acreditava. Precisava ir embora. E foi. Deixou a Bahia, rumo a Goiás, onde imaginava um futuro mais condizente com seus sonhos.

A viagem, uma aventura e tanto! Como havia carência de transporte, vez ou outra, era feita em jardineiras, cavalos, mulas, caminhão; muitos cumpriam todo o trajeto, ou parte dele, a pé. Lance de sorte, Dr. Mário pegou carona em um caminhão. O percurso terminou no pico da serra, na divisa da Bahia com Goiás, pois não havia estrada e, por conseguinte, o veículo não podia descer. O jeito, tirar os sapatos, atar um ao outro, pendurá-los no pescoço, e,

descalço, enfrentar os perigos da trilha arenosa. Uma escorregada aqui, um tropeço adiante, a camaradagem com os companheiros, as precisões de toda a ordem acumulando-se e, finalmente, a pequena São Domingos, no norte de Goiás. Dr. Mário, com os sapatos pendurados no pescoço, uma mala com remédios, outra menor com os instrumentos médico-cirúrgicos e, no bolso, 15 mil réis, chegou já causando péssima impressão aos munícipes. Tal visão, naturalmente, atarantou a população, que, logo, o taxou de forasteiro à cata de aventuras. Tudo, menos médico. Perigava ser comunista. A cara, o andar, os modos, tinha tudo para ser comunista – voz geral.

Com toda aquela fama, e na falta do que fazer, pois a chance de exercer a medicina era nenhuma, Mário, com a premência em ganhar dinheiro para pagar a hospedagem, juntou-se a um cabo da polícia e foi garimpar ouro no Rio São Domingos, que banha a cidade sua xará?!

A sorte estava prestes a presentear-lo com promissora surpresa... Em certa madrugada, a filha de um dos poderosos coronéis locais, abastado fazendeiro, iniciou o trabalho de parto pelas mãos de uma parteira. Veio, então, à luz, um menino, porém, a mãe, vitimada por forte e incontrolável hemorragia uterina, corria perigo. Desesperado, e temendo pela vida da filha, o pai lembrou-se do “forasteiro, o comunista”, e mandou seu agregado encontrá-lo. “Ele não se diz médico? Pois que salve minha filha! Traga, a qualquer custo, o médico comunista!”

O doutor examinou a mulher, estancou-lhe o sangramento, e a parturiente recuperou-se. Comovido e cheio de gratidão, o coronel perguntou ao médico quanto lhe devia. “Apenas, o justo”, respondeu-lhe. O homem, movido a euforia, retirou do bolso 500 mil réis e entregou-lhe, sob a

garantia de que, tão logo vendesse mais gado, completaria o pagamento. Dr. Mário, estupefato e exultante com aquela dinheirama, agradeceu o coronel, e dispensou a complementação, alegando ter recebido o suficiente. E a alegria foi tanta que decidiu comemorar o marcante momento com serenatas e cantorias pelas ruas da cidade. Tocou saxofone e violino; o cabo da polícia, sanfona; os demais cantaram, alguns, numa desafinação de dar pena. São Domingos, considerada uma cidade santa pelo pároco, que se vangloriava de preservar-lhe a moral, motivo que a mantinha desprovida de raparigas, naquela noite, viu quatro delas, em trajes característicos, zanzando pelas ruas, instigadas pela serenata.

Ciente do acontecido, o pároco, possesso, mandou tocar o sino (e a força foi tamanha que o rachou), para conclamar os fiéis a assistirem à missa. Igreja lotada, o sacerdote, durante o sermão, excomungou o médico, expulsando-o da cidade, escorado na justificativa de que se tratava do diabo em pessoa, o criador das tais mundanas. Quase todos, inclusive, seu hospedeiro, apoiaram a esdrúxula decisão do padre; menos o parceiro de garimpagem e da serenata, o cabo da polícia, que até o convidou para morar em sua casa. Convite aceito.

Ironia das maiores, dias depois, uma febre altíssima, seguida de tosse e chiadeira no peito, acamou o tal pároco. Envolvido, de novo, pelas circunstâncias, ou, mais precisamente, pelas súplicas do irmão do pároco, também padre, Mário rendeu-se e foi ver o enfermo...

Abro parêntesis para pedir licença ao Dr. Mário, à sua família e aos presentes, para, à minha moda, detalhar esse encontro. Ao desfecho, pois:

O médico, um tanto ressabiado, porém, decidido, chegou à casa paroquial. Antes, pigarreou, respirou fundo, pôs na testa o sinal da cruz e, então, bateu à porta:

- Ô de casa!
- Quem é? – sussurrou o enfermo.
- O diabo! O diabo comunista!

Arrepiado, o padre benzeu-se com o crucifixo e apontou-o para a porta. Aturdido, pediu à empregada que desse entrada ao irreverente chegante. Apesar do desconforto, recebeu-o sem muita animosidade. Mas com o crucifixo em riste!

Acudido com o maior zelo, o padre, aos poucos, desvencilhou-se da desconfiança, e ensaiou um tímido sorriso. E o doutor, ali, a auscultar-lhe o peito e os pulmões, a aferir-lhe a temperatura, a pressão arterial, a dar-lhe pancadinhas no abdômen... Diagnóstico: pneumonia!

– Tome isso, é remédio dos bons! Voltarei amanhã. Se carecer antes, é só me chamar.

– Agradecido, doutor! A propósito, quanto lhe devo?

– Ah! sim, o valor da dívida! Quanto? Bem, bem, deve-me muito. A devolução de minha alma, branquinha e desexcomungada, padre! E trate logo de pagar a dívida, porque, caso ocorra mudança nos planos divinos, é melhor o senhor partir com a dívida saldada e a consciência limpa, visse!

Dias depois, recuperado, o padre, na missa seguinte, anulou, categórico, a excomunhão, e redimiou-se em certo instante de sua pregação:

– Irmãos, ouçam-me com atenção: preciso fazer mea-culpa. Errei e estou arrependido. Aquele médico, de aparência comunista e pinta de diabo, é, na verdade, um anjo que veio para curar e salvar-nos das doenças. Declaro, pois, sua desexcomunhão.

Com a honra e a alma reabilitadas, e benquisto por todos, Dr. Mário, em 1939, mudou-se para Arraias, hoje, pertencente ao Tocantins, no rastro de um decreto do então Interventor Federal de Goiás, Dr. Pedro Ludovico Teixeira, que

o nomeou Médico Chefe do Posto de Higiene da OSEGO. Ótimo começo para um médico, ainda sem eira nem beira, apesar do diploma.

Em Arraias, sentiu-se realizado na profissão. Clinicou, atendeu pessoas carentes, fez pequenas cirurgias. E, muito à vontade, continuava tocando violino e saxofone, em inesquecíveis serenatas, instigando o gosto dos arraianos pela música.

Não tardou, conheceu, no fulgor de seus 16 anos, a graciosa e prendada Edith, de família tradicional da localidade. E apaixonou-se pela moça, o que sacramentou seu projeto de permanecer por muito tempo naquelas bandas. Detalhe curioso: a adolescente Edith estudava, em regime de internato, no Colégio Santana, na Cidade de Goiás; terminadas as férias, voltava aos estudos na tropa de mulas do pai comerciante, toda faceira, montada num baita cavalo. Mas só as férias de fim de ano passava em Arraias. Por quê? Um mês era o que se gastava para ir de um município a outro, e, como as férias de julho duravam um mês, o tempo era insuficiente para o ir e vir da estudante. Dr. Mário não gostou do que ouviu, nem do que viu e, menos ainda, do que sentiu. Assim, tão logo a moça chegou, para as férias, pediu-a em casamento. Aos 17 anos, Edith tornou-se, de papel passado e com a bênção do padre, a senhora absoluta do irrequieto coração do Dr. Mário. Era 6 de janeiro de 1942, “Dia de Reis”. Da união, nasceram 4 filhos: três deles, arraianos; o primogênito, baiano, por causa de uma viagem do casal (Edith estava grávida), em companhia dos pais da jovem, a Barreiras. A pretensão do quarteto era seguir para Salvador, e lá assentar morada.

Tal notícia chegou a Arraias a galope, e feito lufada de vento. Muito querido na região, os munícipes, inconformados com a iminente partida do médico, reuniram-se no “Pau do choro”, lugar onde se choravam as mágoas, e,

após o chororê, decidiram adquirir uma pequena propriedade e alguns pares de rezes; com o carinho à flor do gesto, ofertaram-nos ao doutor. Comovido, ele se curvou à grandeza da atitude, e permaneceu em Arraias até meados de 1948, quando, com a família, veio para Goiânia, pensando na educação dos filhos. Aqui, fincou pouso definitivo, e ganhou prestígio como médico. De início, foi Médico Chefe da Campanha contra helmintoses no Estado de Goiás, subordinada ao Ministério da Educação e Saúde, com sede em Ceres; depois, Médico Chefe do Posto de Saúde da OSEGO, em Campinas; Médico Chefe do Centro de Saúde da OSEGO, em Goiânia. Professor catedrático de Física, desde a fundação da UFG, da qual participou, e Diretor do Deptº Físico-Químico-Industrial. Conselheiro do CRM/GO e um de seus fundadores, bem como da Associação Médica de Goiás. Todo esse dinamismo, respaldado por seu ideário médico, propiciou-lhe importantes homenagens: “Mérito” pela relevância de seus serviços como docente – UFG/1991; Título de “Pioneiro da Medicina em Goiás” – CRM/GO/1999;. “Honra ao Mérito” por seus nobres ideais – Associação Médica de Goiás/2000.

A literatura também sempre se orgulhou do escritor Mário Rizério Leite. Em grande estilo, imprimiu seu nome no universo literário, já na estreia, em 1951, com o livro *Lendas de minha terra*, vencedor da “Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos”, instituída pela Prefeitura Municipal de Goiânia, em parceria com a Associação Brasileira dos Escritores, Seção Goiás, hoje, UBE/GO. Um conjunto de contos inspirado em lendas brasileiras, muitas delas amazônicas. Permeado de crendices, superstições, personagens folclóricos, *Lendas de minha terra* retrata, em linguagem regionalista, os costumes e valores do sertanejo de nossos tantos brasis.

Um dos contos, *A mãe da Lua*, traduzido para o espanhol, compôs a *Antologia de Cuentos Brasileños*, dedicada ao poeta Castro Alves, publicada em Bogotá, na Colômbia.

Em se tratando de Mário, nada acontecia simplesmente, tampouco, seguia o trivial. Pois não é que ele quase não recebeu o prêmio, ou seja, a publicação do livro?! Aliás, depois de muita averiguação, receber, recebeu, mas pela metade. Aos fatos: quando o recém-empossado prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, pediu os originais do livro para o devido orçamento, os tais haviam sumido. Venerando determinou sindicância para descobrir o ocorrido. Pouco depois, do nada, ou, talvez, pela interferência de São Longuinho ou de Stº Antônio, sabe-se lá..., os sumidos apareceram. Bem, apareceram acompanhados de um intruso, isto é, outro original. Nova sindicância para saber qual dos dois chegou primeiro. Resultado: ambos. No mesmo dia, conforme os respectivos protocolos. A tais alturas, o escritor Eli Brasiense, amigo e vizinho de Mário, havia intercedido a seu favor. Seguindo a justiça salomônica, o prefeito dividiu a verba e os dois títulos foram publicados, beneficiando seus autores. A propósito, fica a pergunta: Mário foi beneficiado? Houve justiça? O velho “jeitinho”, sem dúvida, poderá respondê-la.

O romance *Poeira no ar* (1955), em 1972, ganhou 2ª edição, ampliada e desvestida de linguagem regionalista. Coisas de Mário. Em 1970, publicou *Xuruê* (contos e lendas), no qual encontra-se *Pacto com a Morte*, conto antológico, que pretende mostrar ao leitor que não é possível driblar ou enganar a morte. *Muçurana*, romance, chegou em 1981 e, em 1984, mereceu 2ª edição, essa, pelo Instituto Nacional do Livro. Enfoca as diferenças entre um curandeiro e um médico (o próprio Mário, naturalmente), entre lícito e ilícito, medicina e charlatanismo. Na realidade, os

dois proseavam muito, e Muçurana, o curandeiro, contava ao médico casos incríveis, esmiudava-lhe suas adivinhações e os feitiços que fazia e desfazia. A mando desse ou daquele, preparava e enterrava feitiços contra alguém, a bom preço, e depois, procurado pela vítima, fazia-se de desentendido, desenterrava o feitiço e ainda cobrava pelo serviço. *O vaqueiro Ciriaco*, outro romance (seu último livro), veio a público em 2001. Aborda os dramas sociais, a fragilidade do ser, exposto a sofrimentos e traumas, o poderio e crueldade dos coronéis, exploradores do trabalho dos subalternos, homens simples e de boa-fé, sujeitos a humilhações e a truculências físicas e morais. E aos que se opunham a essas práticas e desmandos, respondia com vingança e maldade. Outro aspecto de destaque, a beleza do cerrado.

A literatura também reverenciou Mário: Diploma da UBE/GO por sua atuação literária, em 1968; Medalha “Hugo de Carvalho Ramos”, gênero prosa, do Conselho Estadual de Cultura de Goiás, em 1994.

Publicou seus contos e crônicas em vários jornais goianos: Folha de Goyaz; Cinco de Março; O Popular; Diário da Manhã; e em revistas daqui e acolá: “Vera Cruz”/Goiânia; “Vida Doméstica”/RJ; Alterosa/BH; A Cigarra/RJ; Uyara/Salvador.

Eleito para a Academia Goiana de Letras, para ocupar a Cadeira 39, patroneada por Pedro Gomes de Oliveira, tomou posse em 1984, no dia do seu aniversário, 8 de novembro. Presidiu a Sessão Magna de Posse, o acadêmico Ursulino Tavares Leão, à época, presidente da Academia. Ao iniciar a solenidade, saudou o empossando com bonitas palavras, as quais inspiraram o artista plástico Noé Luís a pintar a tela “A Posse”, que simboliza a entrada de Mário para a AGL, na forma de um anjo. O discurso de recepção ao novo imortal,

proferiu a acadêmica Nelly Alves de Almeida, ocupante da Cadeira 14, hoje, ocupada por mim.

13 era o número de sorte de Mário. Seu CRM, 13. A Carteira de Médico, 13. Na loteria, jogava no 13. E, talvez por ironia, seu último leito na UTI, 13.

Mário Rizério Leite, ao completar 96 anos, disse: “Confesso que vivi com intensidade, tanto na vida profissional como na social. Recentemente, pelo amigo Laércio Savignani, recebi a informação de que fui eleito o ‘xodó’ da Praça Tamandaré, pelos seus frequentadores”.

Sem dúvida, ele viveu intensamente. Corujou os 6 netos e os 7 bisnetos (6+7... 13), divertiu-se até com as adversidades. Espirituoso, sempre colocou o bom humor à disposição dos momentos. Desempenhou a medicina com muita competência e desvelo. Amparou os necessitados, acudiu a aflição dos que o cercavam, enfim, fez da medicina e da literatura caminhos para a própria construção. E, na inteireza de cada postura, expressou suas opiniões e ideologias.

Mário viveu com alegria o casamento de 69 anos, ao lado de sua amada, Edith, eternamente menina e maduramente bela. Família feliz, a sua, cujo dia a dia foi constantemente pautado na probidade, nos preceitos religiosos e na dignidade.

Sedimentada no amor, no altruísmo, no companheirismo, na harmoniosa convivência social, no afeto pelos amigos, no respeito e carinho para com seus confrades, a dinâmica e despojada vida de Mário.

E como quase tudo relacionado ao confrade, houve algo de inusitado, na edição nº 60 do “Jornal Legislativo brumadense”, informativo da Câmara Municipal: a proposta era homenagear Mário Rizério Leite, em vida. E foi o que aconteceu. A matéria foi veiculada a tempo, mas a homenagem só foi

comunicada à família, com o envio do referido jornal, após a morte do homenageado. O artigo de Sérgio Mauro, intitulado “*Dr. Mário Rizério Leite, médico e escritor, um brumadense que nos enche de orgulho*”, realça-lhe a grandeza do percurso pelas sendas da medicina e da literatura, com pinceladas sobre sua infância e seu tempo de estudante. O Jornal fez-se porta-voz dos brumadenses que lhe reconhecem todos os méritos, e se manifestam honrados em tê-lo por conterrâneo.

Ah! mais uma do querido Dr. Mário: na inquietude de seus 90 anos, ativo que só, ao sair de um caixa de banco, desconfiou de certo rapaz em atitude suspeita. E, em bom e ameaçador tom: “Vou dar uma capoeirada, um rabo de arraia, uma tesourada, ou os três ao mesmo tempo, no sujeito que ousar atacar-me. Ladrão comigo é na capoeira!”. Alertado por sua filha Selma, sobre o perigo da reação, argumentou, lembrando Guimarães Rosa: “Perigooooooooo é viver”. Uma figura, Dr. Mário!

O ano, 2011. A estação, outono. 15 de maio. Antes, a lua, lindamente cheia, velou a última noite do escritor, médico e acadêmico, homem franzino, mas de estatura interior enorme. Naquela manhã, o sol, sem nenhuma alegria, fugiu pela janela do quarto, para anunciar que, aos 98 anos, Mário Rizério Leite havia tomado o rumo da eternidade. Imortal, na vida, eterno depois dela. Por isso, o céu iluminou-se, sem se importar com a tristeza que já cravava saudades no coração dos que tanto o amam.

Sua bênção, meu mestre, companheiro de baianidade e confrade na AGL!

A IMORTALIDADE DE LYGIA DE MOURA RASSI PANEGÍRICO

*No prelúdio da madrugada/um toque-advento.//
Fraterno presente/de minha estrela.*

Lygia de Moura Rassi

Solenidade acadêmica e ritualística, denominada “*Sessão Magna da Saudade*”, é um conjunto de momentos que cultua a memória de confeitras e confrades que foram disseminar literatura em campos de maior dimensão, iluminados por estrelas e pelas bênçãos divinas. Momento motivado pela saudade, em que tentamos segurar o que ficou dessas presenças, durante tanto tempo de convivência, de trocas e de aprendizados. Momento de perplexidade diante da perda da amiga, do amigo, enfim, momentos para louvarmos a graça de tê-los conhecido e partilhado de suas trajetórias literárias.

A saudade, neste instante, torna-se o elo mais forte entre nós, acadêmicos, pois lembra-nos a ausência física de uma confeitra tão querida e, por isso mesmo, inesquecível: Lygia de Moura Rassi, carioca de nascença, 12 de agosto de 1933, e goiana de vivência e de espírito, goianidade adquirida em 1951, quando acompanhou seu pai, o renomado Dr. Pedro Moura, a Goiânia, o qual, convidado por um jovem idealista, seu ex-aluno, proferiria palestra durante um Congresso Médico, na Associação Médica de Goiás, fundada por Luiz Rassi, o jovem ex-aluno e, também, idealizador do congresso.

No luzir de seus 18 anos, estampados em uma beleza clássica, que a todos encantava, a meiguice carismática da bela carioca seduziu o coração daquele cubano de descendência libanesa, o já goianizado, médico Luiz Rassi. E o destino, muito atento, tratou logo de construir, com esmero, a trilha para o percurso de uma invulgar história de amor ou, mais que isso, uma comovente história de vida.

Dois anos após esse encontro, já se pondo a primavera de 1953, 19 de dezembro, o casamento, dois dias antes de Lygia terminar o curso Clássico. Goiânia ainda adolescência quando a bela moça aqui chegou para se integrar a uma das mais tradicionais famílias goianienses, a família Rassi. E assim, enraizada às tradições e costumes libaneses, por seu devoto e intenso desejo, afirmava: *“Sinto-me tão próxima quanto atraída e me pergunto, às vezes: já não fiz parte dessa nobre gente em outras épocas!? Por que assumi, com tanto ardor, as origens de meu marido? Pode até ser, e não duvido, que, em um passado qualquer, próximo ou distante, também tenha eu pertencido àquele povo e àquela raça! Quem sabe... maktube”*. Isso me lembra a personagem bíblica, Rute, cujo amor à família de seu marido era uma de suas devoções; tanto que, certa vez, assim se expressou: *“O teu povo será o meu povo, e o teu Deus será o meu Deus. A terra em que tu morreres, nessa morrerrei: e ali terei o meu sepulcro”*.

Sinto-me instigada a rebobinar o tempo... E ao fazê-lo, percebo que o destino, desde 1924, já preparava o urdimento dos fios de sua teia. Naquela época, a família de Abrão Rassi (a mulher Mariana, e os seis filhos, dentre eles, Luiz) mudou-se de Unión de Reyes, província de Matanzas, em Cuba, para o Brasil ou, mais precisamente, para Goiás, e a primeira cidade a acolhê-la, Anápolis. Em 1942, mudaram-se para

Goiânia, assentando pouso em Campinas. No início de 1940, Luiz Rassi, aos vinte anos, parte para o Rio de Janeiro, terra de Lygia, no afã de perseguir um sonho, acalentado desde a adolescência: tornar-se médico. Em 1947, a formatura. Aque-la semente de sonho, finalmente florescia, após anos de cultivo na Faculdade Nacional de Medicina, da Praia Vermelha. E os aplausos do mestre, o doutor Pedro Moura, seu futuro sogro, já o sabia o destino, serviram-lhe de incentivo a novos caminhos. O destino, realmente, havia aberto o caminho para que Lygia e Luiz se encontrassem, se encantassem e se amassem por todo o sempre, desde aquele 1951... E é própria Lygia, toda amorosa, quem diz: *“Ascendo/ ao sabor lunar//Sugo a Láctea via-crúcis/solução carmas// Desencontros-desencantos/da última ceia// Renascendo/ à luz solar// Deleto nuvens/de meus noturnos// No prelúdio da madrugada/um toque-advento// Fraternal presente/de minha estrela. Para Luiz, meu amado de sempre!*

Todo este preâmbulo, nada mais que uma estratégia para espantar a tristeza no desempenho de tão dolorosa missão, é também prelúdio para meu único desejo neste instante: celebrar a imortalidade dessa mulher que foi mais que esposa, mais que mãe, mais que poetisa, mais que musicista... pois foi, sobretudo, uma pessoa espiritualizada, iluminada e especial em toda a pujança do verdadeiro Ser, da legítima condição de Ser Humano. E, mais uma vez, é Lygia quem afirma: *“De tempos em tempos/ medito/ nos tempos de minha vida/ de ontem/ de hoje/ de amanhã.// Tempos repartidos/ concedidos /igualmente/ das mãos do Criador.// De amor me repartem./ De amor”.*

Celebro a imortalidade de Lygia de Moura Rassi, já imortal por sua obra literária, social e humana. A Lygia que

sempre poetizou a vida e seus emaranhados; o amor e seus contrastes; o sonho e suas vertentes; o homem em suas perdas e achados. A Lygia dona de uma poesia em que a palavra expele sons musicais no ritmo de uma sonoridade incomum. Seu ingresso na literatura aconteceu em 1978, com o livro *A prosódia – suas conotações histórico-didáticas*, e Maria Luísa de Mattos Priolli apresentou-o como “Uma obra sobre ‘prosódia musical’, um livro grande no valor que encerra e que será útil, principalmente, aos estudiosos que se dedicam à difícil arte de associar, ou seja, de conjugar – fala e melodia, alcançando com propriedade a maravilhosa simbiose – a palavra cantada”. *Vozes do tempo*, de 1983, saudado poeticamente pelo acadêmico Ursulino Leão: “O uirapuru canta na madrugada das matas o seu canto raro. Lygia de Moura Rassi lança a sua poesia (também de singular encanto), aliada ao mundo dos sons que muitos criaram com apenas sete notas, tal qual o pássaro unindo-se às iniciais luzes do dia”. *Encontros em cantos*, 1985. Em 1997, *Conheça sua cidade*, denominada pela autora “uma publicação didática”. Todavia, sua mais marcante obra, *Dos cedros às palmeiras – Genealogia-História*, 2000, na verdade, é a mais terna declaração de amor à família que a acolheu. Fruto de extensa, minuciosa e densa pesquisa, por meio de estudos, viagens e depoimentos, o livro traduz o sentimento familiar de Lygia que, inspirada, confessa: “Oxalá ou inchallah (ou se Deus quiser), com o presente trabalho eu venha alcançar meu objetivo principal, que é o de esclarecer e, principalmente, reunir laços de consangüinidade dispersos em várias partes do mundo, para que se estendam e se estreitem em torno de um ideal comum”.

Essa, a Lygia, mulher especial, ser humano grandioso a que me referi inicialmente. Poetisa, ensaísta, contista,

fundadora e diretora da Escola de Música de Goiânia, em 1973, bacharelada em piano, com licenciatura plena em música pela UFG, sempre se orgulhou de ter sido aluna de Belkiss Spenzière. E sempre em busca de novos desafios, continuou seu aprimoramento musical nos Estados Unidos, na Harvard University, onde terminou os cursos de Especialização Teaching Creative e The How of Arts. Foi sua, a cadeira nº 11 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás/AFLAG. Em mandato “tampão”, Lygia presidiu-a por três meses.

Acadêmica Maria do Rosário Cassimiro recepcionou, na Academia Goiana de Letras/AGL, a escritora e musicista Lygia de Moura Rassi, no dia 12 de agosto de 1993 (data em que completava sessenta anos). Assim, a cadeira nº 16, patrocinada por Henrique José da Silva, recebia a nova acadêmica. Disse a professora Maria Cassimiro em seu discurso: “A partir desta data, a cadeira dos eméritos representantes da intelectualidade goiana está enriquecida por mais um elo, cujos méritos nada deixam a desejar como genuína e autêntica intérprete de nossa sensibilidade e de nossa realidade cultural. Lygia de Moura Rassi se afirma para a imortalidade, tendo como antecessores Gercino Monteiro Guimarães, Zoroastro Artiaga e Regina Lacerda. A Academia Goiana de Letras recebe-a com orgulho. Seja bem-vinda ao seio desta agremiação a que passa a integrar doravante e para sempre”. Por quase doze anos, Lygia honrou a cadeira 16, antes pertencente à primeira mulher a compor a confraria deste Sodalício, a folclorista Regina Lacerda.

Muitos foram os prêmios recebidos por nossa homenagem. Destaco: 1º Prêmio da Academia Petropolitana de Letras e Troféu Tiokô/ UBE-GO. Menções honrosas: UBE/

RJ, Academia Carioca de Letras, Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos e Bolsa José Décio Filho.

Lygia, a musa do Dr. Luiz, a adotada da família Rassi, minha irmã de alma, de poesia e de dores. Lygia de Moura Rassi, mulher abençoada, generosa, guerreira, de alma cristalina e com a emoção permanentemente ativada, sabia, como poucos, defender suas ideias e ideais, com ternura, mas também, com muita firmeza. Amante do amor, da vida, da literatura, da música, da natureza, dos sonhos, das rosas (ah! Lyginha, permita-me parodiar Drummond: *No meio do destino, havia um espinho. Havia um silêncio no meio do espinho. No meio do silêncio havia um sopro de sonho. E a dor derradeira*)... Lygia deixou sonhos e versos que se transformarão em grãos de vida para a imortalidade de sua poesia. Desde o sombrio 25 de maio, ela voou para o Infinito Divino e transmutou-se em anjo, ou em pétalas de estrelas, iluminada pelos tons da eternidade. Que Deus a abençoe, poetisa! E peça a Ele por nós, pois iremos precisar muito de Seu conforto.

Com um poema de Lygia, extraído de seu último livro, *Silencios de Viento y mar* (do qual somos parceiras), encerro este panegírico. E faço de seus versos, com emoção, canto de minha própria tristeza: “*Dói fundo/a cor do frio/em noite sem lua/e dia sem nome// Dói/a foice nos cedros/o tomo da ave// Um espinho sangrando/nossa flor// Dói/dói fundo/um corte no solo// Feridas/pranto// Súplicas de paz/em clima de guerra*”.

E foi uma rosa que sangrou essa flor, Lygia de Moura Rassi.

DOM QUIXOTE DA ECOLOGIA – SERTANISTA VOCACIONAL –

A natureza pressentiu sombras espessas cavalcando céu afora e maus presságios vagando como fantasmas sem rumo. De repente, o sol pareceu apagar-se, lá pras bandas do Araguaia. E, solitário em sua dor indefinida, o rio deramou-se em águas silenciosas, como se chorasse um choro invisível, um choro de pássaros aturdidos, um choro de natureza desolada. Sombras espessas amortalharam o riso do Araguaia.

Leolídio Di Ramos Caiado, sertanista que poetizou, desde a meninice, os encantos desse caudaloso de imponente porte, o Araguaia, com a paixão de um amante, transformado, mais tarde, em seu valoroso desbravador e ferrenho protetor, seguiu a correnteza da eternidade e estrelizou-se. Feito um anjo de asas cansadas, partiu. E, certamente, sobrevoou o Araguaia para despedir-se do amigo. Ou então, inventou um barco encantado e navegou pelo rio, cutucando suas costelas e fazendo-lhe cócegas. Um jeito especial e brincalhão de lhe dizer adeus.

Falar de Leco Caiado, meu querido amigo e confrade, homem iluminado e iluminador, moço octogenário altivo, bonito e gentil, é falar de preservação ecológica, de vida em todo o seu esplendor. Uma vida dedicada à fauna, à flora, aos

rios e, em especial, ao Araguaia, sangue cristalino que sempre correu em suas veias.

Profeta, vaticinou o martírio do rio, ainda no limiar da depredação violenta a que foi submetido pela insanidade de pescadores e caçadores, na maioria das vezes, patrocinada pelo próprio turismo. E, então, bravamente, arregaçou a coragem, empunhou o remo (ou a força do motor 25) e empreendeu uma cruzada em defesa do Araguaia, denunciando a ictiofagia daninha, prática desenfreada e aleatória, cunhada acintosamente no mercantilismo criminoso e na sanha vandalista de imprudentes aventureiros.

Guiado pelo instinto de preservação, Leco Caiado, cômico do drama que se desenhava, montou sentinela como um guarda real e abarcou o Araguaia com o desvelo de um filho que pressente a iminente orfandade, tornando-se seu maior aliado, inspirando movimentos e acordando consciências que hoje também lutam pela sobrevivência da natureza e pela soberania de nosso rio-símbolo, referencial maior da nação goiana e sua fonte inestimável de vida.

Mas não só de Araguaia alimentou-se a alma irrequieta de Leoldio, esse sertanista vocacional, expedicionário nato, cujo arsenal bélico (melhor, belo!) foi sempre a tralha, a coragem e o amor à natureza; alimentou-se também dos encantos e desencantos do cerrado, das aldeias esquecidas, dos mistérios de rios como o Amazonas, São Francisco, Tapirapés, Curichão (ou Xavante), Tori-Berô, Javaé, Cristalino, Tocantins, Rio das Mortes, Tapajós..., das peculiaridades do Xingu, da Ilha do Bananal, do Parque Indígena, enfim, alimentou-se dos colóquios com a Mãe-Natureza, em suas incursões pelo interior do Brasil, em expedições vanguardistas, corajosas e históricas.

Poeta-amante da natureza, desbravador incansável, viandante de águas e terras, de céus e florestas, o Dom

Quixote da Ecologia, Leolídio Caiado, foi desbravar dimensões maiores. Mas deixou-nos os semens de seus sonhos. E os rastos de sua saga.

A natureza enlutou-se. Calada, a mata, de verde cabisbaixo, vela o sono daquele que sempre zelou por sua integridade. Um silêncio de dores e saudades. Um silêncio de pássaros embalando seu protetor na viagem para o infinito. Um silêncio leolídico, que fez o Araguaia, alma de Leco Caiado, chorar a dor da orfandade.

ESTÁS ÓRFÃO, ARAGUAIA!

*E então, Araguaia?!
Teu canto murchou,
cadê teu bailado?,
tuas águas quietaram
e tudo é silêncio.
E então, Araguaia?!
Aturdida, a mata,
solidão em transe,
a natureza chorosa
te extravasou as águas.*

*E agora, Araguaia?!
O voo belo do anjo,
de olhos azuis
e asas douradas,
piruetou no infinito.
Mas Leco Caiado,
sob olhar sombrio,
fez um voo rasante,
acenou-te um sorriso
e beijou-te, meu Rio.*

Estás órfão, Araguaia!

SUA BÊNÇÃO, MESTRE DOMINGOS!

“Escuta, Mário (de Andrade): não gosto de teus versos”

Domingos Félix de Souza

Reconhecido e inegável, o talento de Domingos Félix de Souza, quer para a poesia, quer para o conto e, principalmente, para o ensaio crítico, mesmo sabendo-o incondescendente com sua criação literária, a qual sempre rejeitou, a começar pelo livro *A outra face*, sua única publicação, uma raridade da literatura produzida em Goiás.

A poesia de Domingos Félix, tecida, não raro, com sombras, confronta a vida e a morte, a força promanada do ser diante do “desencanto da existência”. Uma poesia que dispensa sutilezas quando crava a verdade até mesmo na memória de Mário de Andrade: “Escuta, Mário: não gosto de teus versos” (*Poema no dia seguinte à morte de Mário de Andrade*). Uma franqueza comovente, aguda, corajosa. Afinal, Domingos preferia o Mário homem/amigo ao Mário poeta, ora!

Crítico e ensaísta, dono de um estilo conciso e refinado, esbanjou competência em inúmeros prefácios e nos textos publicados, com mais frequência, na Revista Oeste, sempre focando seu olhar aguçado em busca de uma análise mais acurada.

Segundo Gilberto Mendonça Teles, em seu livro *A poesia em Goiás*, Domingos Félix de Souza, um dos notáveis goianos do modernismo (2ª fase), é um intelectual fino, com uma cultura de amplitude admirável, configurando-se como

pedra angular para os estudos literários do modernismo e de outros períodos.

Não convivi com Domingos no tempo em que ele se dedicava a receber os que buscavam seus ensinamentos. Minha literatura, à época, era somente um sonho embrionário que incitava, apenas, o orgulho familiar. Só há poucos anos, fui pedir-lhe a bênção literária.

Leitor e apreciador de meu trabalho (modéstia às favas), sua filha, Maria Lúcia, convidou-me a visitá-lo, pois o mestre queria conhecer-me pessoalmente. Ser poeta não me basta para expressar a emoção com que fui ungida, naquele momento. Privilegiada, senti-me.

De pronto, marquei o dia. E fui vê-lo. O carinho da recepção, também inexprimível. A casa, ainda lá no Setor Sul, em Goiânia, o quintal, estilo pomar, cheio de banquinhos, de um bucolismo delicioso, e aquele homem altivo, mesmo limitado pela saúde, tão cavalheiro, tão paternal, tão gigante em sua simplicidade, tratando-me com tanta deferência. Fiquei minúscula, tamanha sua enormidade humana e intelectual. E a humildade, então?! Algo tocante.

Perguntei-lhe sobre sua produção literária e ele, com dificuldade, respondeu-me: “Quero saber da sua”. E lamentou não ter mais condições de escrever, pois gostaria de comentar meu trabalho tanto em prosa como em poesia. E Maria Lúcia, ali, quieta, ouvindo-nos. E eu, ali, encantada com a visão da alma exposta de Domingos, tocada pelo fascínio do seu ser iluminado, emocionada com o desaparego daquele homem a tudo o que lhe dizia respeito. E confirmei amargurada, com a voz quase em lágrimas: Domingos, o mestre, sempre foi injusto com o poeta, contista e ensaísta Domingos Félix de Souza. Que pena!

Uma única tarde abrigou nosso único encontro, para mim, um manancial de inesquecível aprendizado. Lanchamos, falamos de literatura, de amigos comuns, da vida, do mundo,

dos sonhos... Às vezes, o olhar distante parecia buscar no passado alguma lembrança, ou talvez, alguma saudade.

Incentivador e amoroso, Domingos afagou-me o ego com seus comentários generosos, e quis saber de meus novos projetos. Folheou, carinhosamente, os livros que lhe ofereci, garantiu-me que os leria, e me enleou num longo abraço. No lado esquerdo do seu rosto, deixei meu beijo de afeto. Na outra face, o beijo da poesia.

Despedi-me do mestre com a convicção de que aquele olhar de fundura sem-fim, a sabedoria exalada de seu falar pausado e a energia contida no sorriso tímido, jamais deixariam minha emoção sossegar ou minha lembrança apagá-los. Domingos Félix de Souza está aninhado em meu coração, para sempre, como relíquia sagrada. E foi então que a poesia induziu-me a reverenciá-lo. E nasceu o poema:

O BEIJO DA POESIA

*Tua bênção, meu mestre!
E esse teu silêncio,
que molda “a outra face”
do poema nacíturno?
E esse teu sonho,
de tão pálido, quase lua,
a vagar tão displicente
sob sombras e monturos?*

*Poetaste as contradições
do mundo, presa do homem,
do homem, presa de si,
e, com nistros sedazuis,
a poesia, enlaçaste,
para deixá-la fugir
pelas frestas das manhãs
em domingos de saudades.*

NOS RASTOS DE SUA LUZ, VIVE JOSÉ MENDONÇA TELES

Assim, abri a solenidade em homenagem aos 79 anos da Academia Goiana de Letras, no dia 26 de abril de 2018:

Esta noite é revestida por dois momentos contraditórios. Sem dúvida, uma característica desafiadora da vida, aos *imortais* (mas não *imorríveis!*) da AGL. Aí, toda a chave do mistério Divino que nos desassossega, volta e meia, com as perguntas: e o momento seguinte?! Somos donos, ao menos, do agora?!

A princípio, o dia 26 de abril seria marcado, apenas, por muita alegria e muita celebração: 79 anos da Academia Goiana de Letras, homenagem a seus ilustres mecenas, os 'Amigos da AGL', entrega do importante Prêmio Colemar Natal e Silva e Troféu Goyazes.

Mas uma sombra tisonou a perspectiva de serem, a alegria e a emoção, as anfitriãs da noite. Acadêmico, há quase 40 anos, José Mendonça Teles, presidente desta Casa de Letras, durante quase dez anos, referência cultural de Goiás, passou-nos um susto desmedido, ao ser internado em estado grave, causando-nos excessiva preocupação. Por isso, peço à mesa diretiva, e à assistência, um instante pessoal de oração, de corrente energizadora para que nosso dileto José Mendonça, o Zé de todos, guerreiro da cultura e da vida, vença mais essa provação.

E o silêncio, de mãos postas, ganhou voz, internalizada em cada coração presente, e ecoou comoção pelos quatro cantos do Auditório Jaime Câmara, da Casa Colemar Natal e Silva, sede do nosso Sodalício. Ao final, dediquei-lhe a Sessão.

Porém, nos últimos minutos do dia 28, véspera do aniversário da AGL, José Mendonça Teles eternizou-se. Na Instância Maior, tornou-se membro da Academia Celestial de Letras. Mas não será possível dizer que José Mendonça Teles, o Zé Mendonça, ou simplesmente Zé, não está mais aqui. Na Academia Goiana de Letras, ele está. No Instituto Histórico e Geográfico, também. Na UBE, podem conferir. No coração das aflaguianas, permanece. Na sua Campininha, em especial, lá pras bandas do Atlético Clube Goianiense, presença confirmada. Traquinas, que só, sempre dará um jeito de estar aqui. Tanto que, em um poema, o agora acadêmico, Antônio Caldas, perguntou-lhe: (...) “Onde com o teu pensamento estás?”. Sem esperar a resposta do mestre, Antônio afirmou: (...)“onde aprendeste a amar; onde estão teu coração, teus amores – teu Goiás!”

Na verdade, é muito simples achá-lo: basta olhar para aquela luz, ali, aquela outra, acolá, esta aqui... Viram? É o olhar de José Mendonça Teles *zegzaguiando* por todos os lados. Eita Zé irrequieto! E agora, então, por óbvio, recuperará todo o tempo em que a vida o imobilizou. Hum... aquele brilho de olho, lá na copa do Céu, não é o Zé?! Curioso, focado, observando-nos, zanzando lá e cá. Abstenham-se, pois, de dizer que José Mendonça Teles, o Zé de todos, não está mais aqui. Pura asneira! E, como já o havia feito, em ocasiões recentes, acabou de cochichar-me matreiramente: – “Lembra do golpe que dei, naquela quinta-feira...?!”. E, desta vez,

apenas no pensamento, respondi-lhe, cúmplice: como me esqueceria de algo tão inusitado e salvador, confrade...?! Eita Zé estrategista!

Guardo lembranças, de muitos naipes, da convivência com José Mendonça. Certa vez, falávamos sobre futebol quando ele me disse: “Fui um dos idealizadores do tombamento de parte do CT Anhanguera do Goiás Esporte Clube. Bela demais aquela área, onde existe bonito lago, precisava ser preservada!”. O Zé Mendonça imortalizou-se até na beleza do lago esmeraldino! Admirada, afinal, tratava-se de um fanático atleticano de raiz, prometi-lhe retribuir a grandeza daquele gesto, instigado por seu senso desportista, sua imparcialidade e espírito público, em minha coluna, domingo, no Diário da Manhã. Para isso, dei, à minha inspiração – pasmem! –, vestes rubro-negras. Pesquisei sobre o Atlético (e encontrei Bariani Ortencio, o Paulistinha, goleiro de mão cheia e gol vazio; Gilberto Mendonça Teles, que jogou no time juvenil; Íris Rezende, técnico do time, em certa ocasião, e os torcedores Eurico Barbosa, Nasr Chaul, Itamar Pires, Frei Confaloni... Que turma de ilustres!).

Pois é, especulei, historiei (que os historiadores não me ouçam!) o que pude, e o que minha alma alviverde permitiu-me. E a dívida foi saldada, com a crônica: Se prometi, tá prometido, Zé!

Pois é, alegrei meu antigo professor, e já meu confrade na AGL, e causei espanto a todos, desentendidos com tão esdrúxula novidade de uma esmeraldina apaixonal! Para minha sorte, a crônica explicou tudo! E as duas edições (1995 e 2005) do livro de crônicas, ‘Atlético, Sentimento & Glória’, autografadas por ele, agradeceram-me e tornaram-se cativas de minha estante.

Naquele sábado, 28 de abril, dediquei, parte da manhã, ao confrade José Mendonça que, quinze dias antes, participou, na AGL, da Sessão Magna da Saudade em homenagem ao seu amigo-irmão-confrade, o poeta e crítico, José Fernandes, também, ex-presidente da AGL. No hospital, a filha Alessandra, o irmão Gilberto e eu sentíamos seu olhar atento acompanhar-nos os movimentos, como se esboçasse um poema. A esperança estancou-nos o medo. Todavia, mal sabíamos que ela estava ali para brincar de iludir-nos, pois, ao final da noite, o guerreiro depôs sua resistência heroica e curvou-se à vontade Superior. Só mesmo Ele para convencer o filho iluminado a poetizar no Céu, antes da hora desejada. Imagino o contentamento emocional de sua Ana Maria e o abraço do outro Zé, o Fernandes, logo que avistaram o poeta!

A Academia Goiana de Letras/AGL, mesmo com as bandeiras a meio mastro, e sob Luto Oficial de três dias, decretado pelo governador, ficou (e ficará sempre) iluminada, pela luz imortal do Zé, o José Mendonça Teles, poeta do Amor, da Paixão, da Campininha, do Atlético Clube Goianiense, da Vida, do Hino de Goiás, dos *Semeadores do Futuro*. Saudades, confrade!

AVE, GOIANDIRA DO COUTO!

Em todas as minhas idas à Cidade de Goiás, nunca desperdicei a oportunidade de visitar Goiandira do Couto, para abraçá-la, ouvir seu riso hospitaleiro, suas palavras irrequietas. Uma das últimas vezes em que a vi, encontrei-a adoentada, porém, altiva; com o corpo enfraquecido, mas com o espírito forte; cansada, sem, contudo, perder a alegria. Uma Goiandira guerreira, com os sonhos acesos.

Figura carismática, falante, mulher simples, anfitriã notória pela recepção sempre carinhosa, a pequenina e lépida artista, expressão notável de nossas artes plásticas, perdia-se no tempo, recuperava as lembranças e liberava a imaginação, deixando-a zanzar pelas serras para recolher tons e histórias com que presenteava seus visitantes. E surgiam revelações fantásticas sobre suas peripécias artísticas, testemunho de seu amor ao ofício de descobrir, manipular e dar harmonia às cores brotadas da alma da areia. Goiandira, um dos mais valorosos símbolos da cultura não só goiana, pois Goiás, por seu intermédio, incontáveis vezes, ultrapassou longínquas fronteiras, não foi reverenciada, como merecia, em vida.

Em 2001, após visitá-la, publiquei, em meu espaço no DM Revista, a crônica Ave, Goiandira! Nela, eu dizia: Justiça seja feita: Goiandira é merecedora das mesmas reverências concedidas a Cora Coralina. Assim como a poetisa Leodegária de Jesus, primeira mulher a publicar um livro de poemas.

Homenagem em vida, claro! Nada de ‘um dia,’ ou ‘antes tarde do que nunca.’ Melhor: antes hoje que amanhã... Portanto, deflagro, aqui, uma campanha: homenagear a caçadora das nuances escondidas nas entranhas das pedras e da terra, a areeira-mor do cerrado, que dá luz, formas e vida a uma criação abençoada, que se mescla de tons e emoções, e se eterniza nas telas espalhadas mundo afora.

A casa-ateliê de Goiandira do Couto, verdadeiro templo das areias travestidas em quinhentas e inúmeras cores, sempre foi um mosaico composto de inspiração, paixão, talento, sensibilidade, alegria. Lá, tudo transpira encantamento e arte, arte em sua forma mais original. E, tão doce quanto seus licores e “pastelinhos” (triste sina diabética: sequer, pude prová-los! Melhor confessar: ela, no escondidinho, deu-me um), era Goiandira, que recepcionava todos com o sorriso, os braços e o coração, carinhosamente, escancarados e em festa. E, mesmo que faltasse a seus visitantes e admiradores o dom para seu ofício, ela não se deixava intimidar: mostrava-lhes, enlevada, e com a paciência à prova, sua técnica e tentava ensinar-lhes o jeito mágico de manusear a areia, com as pontas dos dedos. Todavia, quem nasceu para admirador, jamais chegará a artista, todos sabiam. Ela também.

A lisonja é o adoçante do ego. Assim, o meu, em uma das visitas a Goiandira, ficou todo aduço, além de engordecido: meigamente, disse-me, com o maior interesse e entusiasmo: “E os muros poéticos? Muito bonitos todos eles, enfeitam a cidade!”. E, apontando o DM, declarou-se minha leitora assídua: “É a primeira coisa que faço domingo”. Ledo privilégio, leda honraria! E, de ledice em ledice, curiosa, quis saber, da especial anfitriã, há quantos anos morava naquela casa. “Oitenta. Eu tinha seis quando vim para cá”, respondeu-me. Então, pensei: nossa, que fartura de anos! Haja anos

para tudo, para mais um pouco e, ainda, com certa sobra, para alguma emergência.

Isso me faz abrir parêntesis para relembrar mais uma das tiradas do saudoso Antônio Soares, protagonista de alguns de meus contos: “Parei de fumar há setenta anos; a ma-leita me largou há sessenta e, já faz noventa, não tomo leite de cabra. Da pinga, me apartei pra mais de muito tempo: desde hoje, de manhãzinha!”. Eita, sogrão de jovialidade muita, em seus 92 anos, à época!

Saudade, sinto, daquela última manhã, tão calorosa quanto o calor de Goiandira, em que, com brilho de areia nos olhos e no riso, ela me deu o braço para caminharmos sobre o silêncio do rio, deitado sob a ponte e vigiado pela Casa Velha de Cora. Saudade do sonho goiandirano, verde-brancoazulcarmim..., em voo, feito ave, esculpido na tela.

O céu já ornou suas estrelas com areia de quinhentas e muitas cores. Em uma delas, cintila Goiandira do Couto!

FIBRA DE PIONEIRA

A meus irmãos, Neydson, Eziene e Delzi

Lousinha Davi de Carvalho, baiana de Urandi, nascida em 18 de novembro de 1920, desde muito cedo, já se mostrava vanguardista nos caminhos da arte de ensinar. E, lá para as bandas do sertão baiano, a cavalo, iniciou sua saga de educadora. Mesmo sendo a única ‘filha mulher’ de um dos mais abastados fazendeiros da região. Por não gostar do seu nome, priorizava o apelido, adquirido ainda criança: Lousinha.

Setembro de 1950. Ainda com certo jeito de recém-nascida, a Primavera saúda aquela família chegada do interior da Bahia: uma brava mulher, acompanhada do marido pernambucano, de uma adiantada gravidez e de duas filhas pequenas. Na bagagem, pouca coisa. Na trouxa robusta, sonhos e confiança no futuro.

A jovem professora (título que sempre ostentou com desmedido orgulho e alegria), tão logo chega por aqui, já retoma o exercício do magistério, no antigo Preventório – Educandário Afrânio de Azevedo –, entidade encarregada da escolaridade dos filhos de portadores de hanseníase. Depois, continua lecionando em várias séries de escolas públicas, orientando, formando e alfabetizando milhares de crianças, muitas, hoje, nomes de destaque no meio cultural,

empresarial, social e político de Goiás (mereci, também, o privilégio de tê-la por alfabetizadora).

Muito criativa e dedicada, mesmo a despeito do sempre vergonhoso salário, a professora Lousinha, como gostava de ser chamada, é eleita Professora Modelo, em 1965/66/67, pela Associação de Professores Primários de Goiás, orgulhando os corpos docente e discente do Colégio Estadual Professor José Honorato, onde foi admitida em 1956, data de inauguração do estabelecimento escolar.

Tamanha competência, destacado espírito inovador e toda a disposição para a luta pela melhoria da Educação em Goiás credenciam-na ao cargo de diretora, em 1966. Reconhecidos os méritos que a distinguiram também no âmbito administrativo, é escolhida Diretora Modelo, em 1968, recebendo o prêmio das mãos do então Governador de Goiás, Otávio Lage Siqueira, em palácio.

Mesmo fora da sala de aula, continua empenhada na batalha pelo reconhecimento do sofrido professor e pela valorização do ensino, deixando a marca de um trabalho consciente e abnegado, sempre pautado na seriedade e na honestidade de propósitos, em sua passagem pela 1ª Delegacia Regional de Ensino e pela Secretaria Municipal de Educação.

Em 1972, já implantado no Brasil o polêmico Movimento Brasileiro de Alfabetização/MOBRAL, a professora Lousinha assume, em Goiânia, a coordenadoria municipal do programa e sua atuação dinâmica ganha notoriedade nacional, como referência de trabalho competente e inovador.

Vinte anos após deixar a Bahia, para buscar adoção em Goiás, recebe da Câmara Municipal de Goiânia o título

de Cidadã Goianiense, forma oficial, e por demais justa, de homenagear tanta dedicação na área educacional. Tempos depois, a Assembleia Legislativa, igualmente, reconhece sua importância para a educação em Goiás e outorga-lhe o título de Cidadã Goiana.

Mas não foram só de louros ou de dificuldades corriqueiras os 89 anos da professora Lousinha (mãe de duas baianas e quatro goianienses e orgulhosa pelos onze netos e cinco bisnetos). Muitas tristezas, dores e perdas precoces marcaram também sua vida (perda de dois filhos e dois netos, todos jovens). Apesar de tudo, a matriarca dona Lousinha, patrimônio da Educação goiana e do antigo Bairro Popular (hoje, Centro), continua mostrando toda a sua força, consolidada na irretocável fé de católica praticante e frequentadora da Capela Santa Mônica (sua abençoada vizinha). Conciliadora, zelosa pela harmonia familiar, sempre procura, com galhardia e firmeza, dar à família seu caloroso apoio em todos os momentos.

Após quase cinquenta anos de atividades educacionais, a professora Lousinha aposenta-se, mesmo tendo ainda fôlego, competência e bagagem para continuar militando no ofício para o qual se qualificou, aos 18 anos, como aluna interna do Colégio Imaculada Conceição, de Montes Claros, norte das Minas Gerais.

89 anos bem vividos, sofridos, mas vencidos com a dignidade dos fortes e corajosos! Os títulos de cidadania realçaram sua goianidade, nascida na primavera daquele setembro de 1950, quando Goiânia, ainda criança, alimentava-se do entusiasmo e da fibra de pioneiros que, como a professora Lousinha, deixaram suas terras e vieram para cá cheios de

sonhos e expectativas. No entanto, seu orgulho de ser baiana sempre reluziu

A dedicada professora teve seu nome aprovado, na Assembleia Legislativa de Goiás, para uma escola, no Setor Crimeia: Escola Estadual Professora Lousinha Carvalho. Também, a Câmara Municipal de Goiânia homenageou-a referendando seu nome para uma escola, recém-construída, de tempo integral, a maior e mais moderna unidade escolar municipal de Goiânia: Escola Municipal Professora Lousinha, no próspero Residencial Itamaracá.

Professora Lousinha, minha mãe, mulher íntegra, de princípios rígidos, faleceu, aos 89 anos, no dia 17 de dezembro de 2009. Só o câncer ela não conseguiu vencer.

NÃO SEI, MÃE...

*Mãe, não sei em que solidão ficaram
todos os sonhos de minha infância.
Alguns, me lembro, guardaste,
sutilmente, para que não se perdessem.
E outros, feitos de fadas e estrelas,
deixaste em teus guardados especiais.*

*Não sei, mãe, se encontrei
meus sonhos adolescentes,
tecidos com pingados de luas,
em papéis amassados
e cortados em tiras,
a alardearem impossíveis.*

*Acho que não. Nalguma tarde,
espichei-os ao pé do sol,
que se arrastava exausto,
para o leito do infinito,
e talvez, por falta de calor,
as sombras os consumiram.*

*Não sei em que ruga ou solução
escondeste, mãe, as dores e restos
de meus sonhos de juventude,
só para livrar-me do desalento
de vê-los, sentenciados à morte,
agonizarem, à míngua.*

*Desconfio, foram sepultados.
Apenas, sei, hoje, onde ficaram
todas as ausências e silêncios
dos sonhos de minha mãe.
Estão na sina que trocou os sonhos
por tantas saudades.*

CONSUELO GUERREIRA!

O nome já era uma promessa de solidariedade e de esperança: Consuelo (consolo) Nasser (não nos lembra nascer?). Esperança em que aportavam mulheres desamparadas, vazias de sonhos, sozinhas de si mesmas. Mulheres à cata da dignidade, da cidadania, do autorrespeito. Mulheres que se entregavam a uma autópsia profunda e dolorosa, sob a proteção e o estímulo da *mãezona*, a defensora-mor dos direitos femininos.

Consuelo Nasser, vanguardista de nascença, mulher-símbolo da coragem, da luta, do desapego às coisas menores. Mulher de decisões intrépidas e despojadas, especialista na arte de ajudar, de doar-se, de buscar sempre as trilheiras do sol, mesmo a despeito de um iminente temporal.

Construtora de uma nova realidade para a mulher goiana, Consuelo desmanchou rótulos, desmontou convenções, erradicou preconceitos, até então emblemas machistas de uma sociedade radicalmente de costas viradas para a mulher, e erigiu, em pleno mar aberto, um porto para acolher mulheres sem leme que, à deriva, se precipitavam para o naufrágio.

A Consuelo mulher, feminista, precursora e incansável em seus voos de lonjuras inimagináveis, jamais recuou diante dos perigos ou desafios; jamais se deixou abater por riscos ou bravatas; jamais permitiu que fosse sequer arranhado, pelo medo, o mais simples dos seus ideais.

Mas a mulher, de tanta coragem e força, não conseguiu sossegar a mãe de coração devastado, após a perda do filho

(ah, como entendo disso!). A Consuelo-mãe, frágil, atormentada pela saudade e implodida pelo desalento da ausência de seu menino, sucumbiu ao chamado da desesperança e desertou, em uma manhã de sol vibrante, que, infelizmente, foi impedido por ela de entrar no quarto para ungi-la de vida. A Consuelo-mãe, sentenciada à dor suprema e sem cura, suplantou a Consuelo-mulher de tantas lutas e conquistas. Tocada pela certeza do irreversível e pelas garras do desespero, pediu ao filho inerte que acordasse e viesse buscá-la, como se se agarrasse, vorazmente, a um último resquício de sonho. Consuelo entregou-se à possibilidade do reencontro e partiu em busca de abraçar seu filho em algum canto do infinito...

Sei (e como!) o que é perder um filho. Sei, também, que é sem tamanho – e chega a ser inumana – essa dor corrosiva e indomável que nos acorda todas as manhãs, nos desassossega durante o dia e nos assombra noite adentro. Uma dor com cara de carrasco ou de fantasma, que nunca nos dá sossego e nos empurra sempre para o abisso. Uma dor sem consolo, sem medidas, imorredoura. Dor que abateu Consuelo e que deixou órfãs tantas e tantas mulheres (como entendo essa mãe e seu desejo incontido de abraçar a cria perdida e tão amada...!).

Empresto à Consuelo Nasser um belo poema de Darcy França Denófrío, tecido especialmente para mim, após meu filhote, em uma noite de escuridão medonha, ter sido apreendido pelas mãos invisíveis da fatalidade. “*A felicidade é frágil teia:/ nela se enredam os fios/ daqueles que amamos.// Rende-se um só fio de seda/ e a delicada renda/ pende no abismo*”.

Depois de tantas lutas e vitórias da Consuelo-mulher, a maternidade amputada gritou pedidos de socorro e fez a Consuelo-mãe render-se e abdicar da vida, depois de um encontro decisivo entre a realidade e o imponderável. Que Deus a proteja!

FONTES DE PESQUISA

LIMA, Alceu Amoroso e **CORRÊA**, Roberto Alvim (diretores de publicação) – *Nossos Clássicos*, 33, *Hugo de Carvalho Ramos* – Trechos escolhidos por Afonso Félix de Sousa, Livraria Ed. Agir, RJ, 1959

ALMEIDA, Nelly Alves. *Estudos sobre quatro regionalistas*. Editora da UFG, Goiânia/GO, 1985.

BORGES, Humberto Crispim. Retrato da Academia Goiana de Letras, Goiânia/GO, Editora Oriente, 1977.

HAMÚ, Ademir. *De Goyaz a Goiás – Biografias Vilaboenses – Vol I*, Ed. Kelps/2013

VICENTINI, Albertina. *O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos*, Editora da UFG, Goiânia/GO, 1997

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*, Livraria e Editora Cultura Goiana, Goiânia/GO, 1984, 6ª Edição.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*, Editora UFG, Goiânia/GO, 1998, 8ª Edição.

REVISTA da Academia Goiana de Letras – Homenagem ao Centenário do nascimento de Hugo de Carvalho Ramos – Nº 16, Goiânia/GO, Editora Kelps, julho/1996.

RICCIARDI, Giovanni – Auto-retratos de escritores goianos;

PAUL, Júnia Bernardes da Silva Schaeffers – Dissertação de Mestrado

OLIVAL, Moema de Castro e Silva – O Espaço da Crítica – Panorama Atual

ALMEIDA, Nelly Alves de – Análises e Conclusões

AMÂNCIO, Moacir (biografia) e **CAMPEDELLI**, Samira Yossef (seleção de textos, notas, estudos histórico e críticos). José J. Veiga – Literatura Comentada, Abril Educação, São Paulo, 1982.

RICCIARD, Giovanni. Biografia e Criação Literária, Vol. 4: Entrevistas com Escritores de Goiás (organizador, FERNANDES, José), Editora Kelps, Goiânia/GO, 2009.

MEIRELLES, Domingos. *1930 – Os órfãos da Revolução*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2005.

ALVES, Castro. Poesias completas, 2ª Ed. – Saraiva – São Paulo, 1960

CÂNDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 3ª Ed. Martins – São Paulo, 1969

CARNEIRO, Edson. Castro Alves. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1937

PAZ, Octávio. Signos em rotação – Ed. Perspectivas – S. Paulo, 1972

A LITERATURA NO BRASIL. Direção de Afrânio Coutinho, Romantismo, VOL. II – Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana S.A. – 1969

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. Minimanual Compacto de Literatura Brasileira. Teoria e Prática, 1ª Ed., Editora Rideel – S. Paulo, 2003

MOISÉS, Massaud. Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira – 6ª Edição atualizada. – Cultrix, São Paulo

PERFIL LITERÁRIO DA AUTORA



Baiana de Urandi, **Lêda Selma** (de Alencar), aos dois anos, veio para Goiânia/GO. É graduada em Letras Vernáculas e pós-graduada em Linguística. Lecionou, por muitos anos, língua portuguesa e literatura brasileira.

Poetisa, contista, cronista (durante 21 anos assinou coluna no Diário da Manhã), palestrante, compõe várias antologias nacionais e internacionais. É verbete em diversos trabalhos críticos e dicionários goianos, e, também, integra obras de alcance nacional, dentre elas, *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Afrânio Coutinho/J. Galante de Sousa, São Paulo/SP; *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, São Paulo/SP; *Dicionário de Mulheres* de Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre-RS.

Sua poesia foi também destacada em textos críticos de escritores como José J. Veiga, Gilberto Mendonça Teles, Nelly Novaes Coelho (SP), Carlos Nejar (da Academia Brasileira de Letras) e Antônio Olinto, saudoso imortal da Academia Brasileira de Letras, que saudou seu trabalho em prosa, no Jornal de Letras (RJ), indicando para leitura o livro de contos/crônicas, *Eu, hem?!*, na coluna ‘Os 10 livros a serem lidos’. Também o crítico e poeta carioca Fernando Py resenhou seus poemas no jornal Diário de Petrópolis (todos de reconhecido prestígio internacional).

17 livros (8 de poemas, 7 de contos/crônicas e 2 ensaios), alguns lançados na BA, DF, MG, SP (nesse último, no Centro Cultural São Paulo, a convite da prefeitura) e no Uruguai. Participou, com noites de autógrafos, em várias bienais internacionais do livro. É autora e coordenadora de vários projetos culturais e organizadora de 3 antologias.

ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE SUA OBRA:

Dissertação de mestrado – Prof^a Mestre, Maralice Silva Borges, PUC/GO, publicada em livro: *A pluralidade de gêneros e o imaginário na obra de Lêda Selma* (2012).

Estudo de Pós-doutoramento – Prof. Dr. Iêdo Paes – UFPE – *Por entre águas, morte e desejos: a tessitura do imaginário em Lya Luft e Lêda Selma – uma incursão pelos labirintos poéticos* (o livro está no prelo).

Integra várias entidades culturais: Associação Nacional de Escritores/ANE, União Brasileira de Escritores/UBE-GO, União Brasileira de Compositores/UBC, Associação Goiana de Imprensa/AGI, Instituto Brasileiro de culturas Internacionais/InBracI, e Associação Internacional dos Poetas del Mundo.

ALGUMAS PREMIAÇÕES

Comendas

Grau Comendador Ordem do Mérito Anhanguera, 2019

Comenda do Mérito de Cultura Júlio Vilela – 2019

Comenda Dom Pedro II – Corpo de Bombeiros-GO/2018

Comenda Mérito Literário Padre José de Anchieta –
Academia Carioca de Letras/RJ/2016

Troféus

Troféu ‘Mulheres que engrandecem o Estado de Goiás
– 2018

Troféu SESI Arte Criatividade (FIEG/SESI) – 2017

Troféu Buritis – Conselho Municipal de Cultura
– Goiânia/2016

Troféu Mérito Cultural – Instituto Cultural Santuário da
Arte – 2015

Troféu Goyazes ‘Marieta Telles Machado’ – crônica – Aca-
demia Goiana de Letras – 2003

Troféu Tiokô (Poesia) – União Brasileira de Escritores/
GO – 1999

Troféu ‘Mulher destaque na Cultura’ – Soroptimist Inter-
national of the Americas – s.i. Goiânia Sul – 1997

Medalhas

Medalha Destaque na IXX Jornada Internacional de Mulheres

Escritoras – São José do Rio Preto/SP/2016

Medalha Anatole Ramos – Prosa – Conselho Estadual de Cultura, 1998

Medalha Leodegária de Jesus – Poesia – Conselho Estadual de Cultura, 1996

Vários Diplomas

Títulos:

Cidadã Goianiense – Câmara Municipal de Goiânia – 2000

Cidadã Goiana – Assembleia Legislativa de Goiás – 2008

DE BECOS E DE SILÊNCIOS

Velha Goiás,
do abraço velado
das casas siamesas,
espremida na solidão
dos becos e dos silêncios,
a confinar saudades e solidões.

Velha Goiás,
debruçada sobre a poeira
de lembranças e sonhos,
a romper o tempo,
no ir e vir do vento,
no escalar da História.

Ainda ressoam murmúrios
das dores de Plangências.
Ainda, fincados na memória,
rastos das Tropas e boiadas.
Sob o Carvalho de fartos Ramos,
o silêncio imortal de Hugo.



9ª edição
GOIÂNIA
EMPRESA
E VERSO
COLEÇÃO

Editora da
PUC
GOIÁS

Prime
EDITORIA GRÁFICA



ISBN: 978-85-400-3027-5

